UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS

JULIANA SAITO PINHEIRO MASCITELLI

**Um olhar sobre o grou, a felicidade, a neve e o mistério:
As quatro irmãs Makioka**

Versão corrigida

São Paulo

2016

JULIANA SAITO PINHEIRO MASCITELLI

**Um olhar sobre o grou, a felicidade, a neve e o mistério:
As quatro irmãs Makioka**

Dissertação apresentada à área de Língua, Literatura e Cultura Japonesa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Língua, Literatura e Cultura Japonesa.

Orientadora: Prof. Dra. Neide Hissae Nagae

Versão corrigida

São Paulo

2016

Nome: Juliana Saito Pinheiro Mascitelli

Título: Um olhar sobre o grou, a felicidade, a neve e o mistério: as quatro irmãs Makioka

Dissertação apresentada à área de Língua, Literatura e Cultura Japonesa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Língua, Literatura e Cultura Japonesa.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

***À minha família e amigos
pelo apoio de sempre***

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Neide Hissae Nagae, pela orientação, confiança e paciência.

A todos os professores do Centro de Estudos Japoneses, em especial à Prof. Dra. Shirlei Lica Ichisato Hashimoto, pelas valiosas contribuições.

Aos colegas da pós-graduação, em especial, Rafaella e Lídia, pelas discussões e trocas de conhecimento.

Aos amigos beletristas, Daniela, Ivan, Olívia e Rodolfo, pelo apoio e ajuda durante todo o processo.

Aos funcionários da biblioteca do Centro de Estudos Japoneses – Casa de Cultura Japonesa, pela ajuda e atenção.

Às funcionárias da biblioteca da Fundação Japão, pela ajuda e atenção.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida entre 2013 e 2015.

RESUMO

O Japão de meados do século XX apresentava um contexto em que influências advindas do ocidente desde a abertura dos portos mesclavam-se à tradição japonesa. Nesse contexto viviam as irmãs Makioka, personagens centrais do romance de Jun'ichiro Tanizaki e objeto principal da presente pesquisa. Por meio da figura de cada uma delas temos acesso ao modo como essas influências adentraram no dia a dia de parte da sociedade japonesa, mais especificamente da família Makioka, tradicional da região de Osaka, e seu círculo social. Para desenvolver esse estudo, faremos a contextualização do período vivido pelo autor e pelas personagens por ele criadas, bem como de que maneira os acontecimentos tiveram participação na formação das mesmas. Também será feita uma análise das personagens secundárias a fim de ampliar a visão acerca das principais. E, finalmente, de acordo com conceitos a respeito da construção de personagem, faremos um estudo das quatro irmãs, levando em consideração aquilo que estava mais na superfície, acessível num primeiro olhar, além dos elementos que compunham o modo de ser de cada uma delas, com as amálgamas e sobreposições resultantes do período.

Palavras-chave: Literatura Japonesa, Jun'ichiro Tanizaki, Ocidentalização, Personagem

ABSTRACT

Japan in the mid-twentieth century displayed a context which influences brought from western culture since the opening of the ports blended to Japanese tradition. The Makioka sisters, central characters of the novel by Jun'ichiro Tanizaki and main subject of this research, lived in this cultural context. Through each one of these characters, we can access the way these influences entered everyday life of part of Japanese society, especially Makioka, a traditional family from Osaka area and their social circle. For the purpose of this study, we will contextualize the period lived by the author and his created characters, as well as how events contributed for their construction. The secondary characters also will be analyzed in order to amplify the view about the main characters. Finally, according to concepts about literary character construction, we will study the four sisters, considering what relies on the surface, accessible at first glance, such as elements that create the profile of each one of them, alongside amalgams and overlaps resulting from this period.

Keywords: Japanese Literature, Jun'ichiro Tanizaki, Westernization, Character

LISTA DE IMAGENS

- Figura 1 – *Retrato do Imperador Meiji*.....22
- Uchida Kyuichi, fotografia albumina, 1872. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Imperador_Meiji#/media/File:Meiji_tenno3.jpg
 Acesso em: ago/2012.
- Figura 2 – *Retrato do Imperador Meiji*.....22
- Uchida Kyuichi. Fotografia albumina, 1873. Disponível em:
http://ocw.mit.edu/ans7870/21f.027/throwing_off_asia_01/toa_vis_02.html
 Acesso em: ago/2012.
- Figura 3 – *Retrato da Imperatriz Shôken*.....23
- Uchida Kyuichi, fotografia albumina, 1872. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Imperatriz_Shoken#/media/File:Empress_Consort_Haruko.jpg Acesso em: ago/2012.
- Figura 4 – *Retrato da Imperatriz Shôken*.....23
- Autor desconhecido, 1887-89. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Empress_Shoken2.jpg Acesso em
 ago/2012.
- Figura 5 – *Rokumeikan*.....25
- Autor desconhecido, 1883. Disponível em:
<http://www.ndl.go.jp/scenery/e/data/185/index.html> Acesso em ago/2012.
- Figura 6 - *Kiken butô no ryakuzu*.....26
- Chikanobu Yôshû, tríptico, xilogravura colorida, 1888. Disponível em :
http://en.wikipedia.org/wiki/File:Chikamatsu_Kiken_buto_no_ryakuke.jpg >
 Acesso em: out/2012.
- Figura 7 - *Modern woman*.....32
- Autor desconhecido, fotografia impressa em gelatina de prata, década de 1930. Disponível em: <http://www.oldphotosjapan.com/photos/731/modern-woman> Acesso em nov/2012.
- Figura 8 - *Asakusa Nakamise, Tokyo*.....33
- Autor desconhecido, fotografia impressa em negativo de vidro , 1934.
 Disponível em: <http://www.oldphotosjapan.com/photos/440/asakusa-nakamise#.VnhsIXarSM8> > Acesso em nov/2012.
- Figura 9 – *Região de Kantô*37

Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_de_Kanto#/media/File:Japan_kanto_map_small.png > Acesso em jul/2013.

Figura 10 – *Região de Kansai***37**

Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_de_Kansai#/media/File:Japan_kinki_map_small.png > Acesso em jul/2013.

Figura 11 - Quadro comparativo.....**80**

Figura 12 - *Fotograma do filme Sasameyuki, 1983***82**

Retratando Taeko, Yukiko, Sachiko e Tsuruko. Disponível em:

<http://exclaim.ca/film/article/makioka_sisters-directed_by_kon_ichikawa >
Acesso em jul/2014.

Figura 13 - *Fotograma do filme Sasameyuki, 1983*.....**94**

Retratando Sachiko, Yukiko e Etsuko. Disponível em:

<http://exclaim.ca/film/article/makioka_sisters-directed_by_kon_ichikawa >
Acesso em jul/2014.

SUMÁRIO

I. Introdução.....	10
Capítulo 1 – Entendendo a obra	14
1.1. A narrativa.....	14
1.1.2. As relações	18
1.2. Contexto histórico e autor.....	20
1.2.1. O período histórico	20
1.2.2. Jun'ichiro Tanizaki	36
Capítulo 2 – As personagens periféricas.....	47
2.1. Personagens masculinas	47
2.2. Personagens femininas	63
2.3. Famílias estrangeiras	69
Capítulo 3 - Análise das quatro irmãs	75
3.1. O papel do narrador	112
III. Considerações finais.....	119
Referências bibliográficas	122

I. Introdução

Este estudo se iniciou, num primeiro momento, pelo desejo de elencar as principais diferenças entre o Japão antigo e as influências que o país vinha sofrendo desde a abertura dos portos ao estrangeiro com o início do período Meiji (1868-1912). Depois de um período de recolhimento, quando o contato com povos ocidentais restringia-se aos holandeses e portugueses, a restauração Meiji propiciou influências intensas que trouxeram mudanças bastante significativas na vida dos japoneses em diferentes áreas. O modo de vestir foi o ponto inicial de interesse pela mescla de culturas tradicional e ocidental, que ocorreu no Japão deste período em diante. A literatura contemplou tais acontecimentos como, por exemplo, o conto *O Baile (Butôkai)*, 1920 de Ryûnosuke Akutagawa (1892-1927) acerca de um evento ocorrido na famosa construção de arquitetura ocidental, o *Rokumeikan*, palco de encontros com países estrangeiros, nos quais o Japão procurava se equiparar às grandes potências, dialogando por meio das vestimentas e comportamento.

A partir do contato com obras que seguiam essa linha, houve interesse por outras que também retratassem as influências e transformações pelas quais passava o Japão, chegando ao objeto da presente pesquisa, *As irmãs Makioka (Sasameyuki)*, 1943-1948, de Jun'ichiro Tanizaki (1886-1965), a qual representa com sensibilidade e beleza esse período de transformação e consolidação de novos aspectos. A moda foi um primeiro ponto observado, no entanto, outros elementos, não só visuais, mas também relacionados ao comportamento e tradições japonesas também estavam sendo contemplados na obra em questão.

Após a restauração Meiji, uma série de novidades em diferentes setores, tais como política, cultura e artes, chegou ao Japão. Consequentemente, os reflexos causados por estas influências foram os mais variados, podendo agradar ou não à população e exigindo tempo para que seus efeitos fossem consolidados, mesclados ou não à tradição local. A obra estudada revela mudanças graduais, ao passo que mesmo sendo ambientada quase 70 anos após a Restauração Meiji, é possível notar claramente a maneira como o moderno convivia com o tradicional, tanto no que diz respeito aos costumes, quanto às vestimentas, arquitetura, decoração, entre outros.

A restauração estabeleceu a imposição americana, juntamente com interesses políticos locais que enxergavam vantagens na modernização, defendendo a ideia de desenvolvimento por si só como uma aspiração à modernidade. Essas políticas se refletiram também nas roupas nas quais os membros do novo governo escolhiam ser vistos. Em eventos que contavam com a participação de figuras importantes de outros países, a corte imperial e os membros do exército usavam trajes tipicamente ocidentais, a fim de estreitar suas relações.

Durante a década de 1880, a moda europeia havia conquistado um pequeno, porém importante mercado, cuja influência se espalhava vagarosamente. No início do século XX, cerca de 30 anos após a restauração, os trajes ocidentais se tornaram um símbolo de dignidade social e progresso. Na época da Primeira Guerra Mundial, não havia uma ocidentalização geral das roupas, mas uma gradual adoção de novos tecidos e materiais. Após o terremoto de Kantô em 1923, grande parte da população que perdeu tudo na tragédia, inclusive as roupas, acabou repondo seu armário com itens ocidentais, no entanto, até a década de 1930, a maioria dos japoneses continuava a vestir quimono e os trajes ocidentais eram restritos a algumas classes específicas.

O momento histórico em que se desenrola a trama pesquisada é uma parte inicial do período Shôwa (1926-1989), sob o reinado do imperador Hirohito (1901-1989), o mais longo de todos os reinados dentre os imperadores anteriores. Foi um período marcado pelo nacionalismo exacerbado, totalitarismo político e fascismo, que tiveram seu ponto alto com a invasão da China em 1937, em meio a diversos conflitos simultâneos no resto do mundo, como a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial.

No início do período, acontecia o conflito entre política liberal e forças culturais dentro do país. Ao mesmo tempo, houve destaque para expansão militar japonesa no exterior. Com o passar dos anos, a nação e seu povo experimentaram todos os extremos que caracterizaram o tumultuado século, tais como crescimento, imperialismo, depressão econômica, guerra, derrota, pobreza, ocupação, luta e, finalmente, prosperidade e vitória. Ao final de Shôwa, mais de sessenta anos depois, o Japão deparou-se com outro ponto, sua ligação com a crise econômica e reavaliação de seu papel no mundo.

Nos primeiros anos de sua carreira, Tanizaki estava mais envolvido com temáticas relacionadas ao ocidente e as mulheres, com todas as faces de sua sensualidade, estiveram presentes em todas as fases da sua obra. Porém, após o grande terremoto de Kantô, a mudança para a região Kansai o colocou em contato com um Japão tradicional em uma região onde a modernidade parecia tardar a chegar. Tanizaki escreveu obras sobre Osaka e seus habitantes, que sugeriam sua atração pela cultura de Kansai, suas raízes e lembranças da infância. Raízes e tradições que Tóquio, a capital e grande porta de entrada para elementos ocidentais, parecia ter perdido. O romance *As irmãs Makioka* reúne características dessa fase do autor que se voltava mais para a tradição japonesa, ainda que a retratasse como algo fadado a terminar.

Ao mesmo tempo em que Tanizaki revisitava a tradição, começou a emergir na cultura japonesa certo saudosismo em alguns aspectos. As aspirações liberais e cosmopolitas da era Taishô estavam sendo deixadas para trás na metade da década de 1930, dando espaço a um nacionalismo, que pudesse “purificar” a consciência japonesa, livrando-a das influências estrangeiras. Foi nesse contexto que *As Irmãs Makioka* foi escrito e censurado, por retratar ainda que como pano de fundo, a situação em que o país se encontrava em meio à guerra, bem como a situação de estrangeiros que viviam no país e suas perspectivas diante deste cenário.

Sasameyuki é considerada a grande obra de Tanizaki e também tem reconhecimento no cenário mundial. Sei Itô (1965-1969) afirma que *Sasameyuki* é relevante pelo empenho de sua publicação privada, em função da censura da época, e também por ter sido criada na mesma época em que Tanizaki trabalhava em *Genji Monogatari* (séc. XI). Há, inclusive, referências do clássico no romance aqui estudado. Além de sua abordagem acerca do contexto familiar japonês, no qual o indivíduo acabava tendo sua individualidade tolhida pelas antigas convenções. No Brasil, foram traduzidos diversos títulos de Tanizaki, sendo *As irmãs Makioka* no ano de 2005.

O recorte escolhido para esta pesquisa é o de detalhar de que modo a obra funciona como registro histórico da época, ilustrando costumes e valores da sociedade por meio das personagens centrais. E, conseqüentemente, como o período pelo qual o mundo passava influenciou na construção de novos padrões em um Japão que absorvia toda a sorte de novidades nas mais diferentes áreas, como

costumes do cotidiano, política e expressões artísticas, como literatura, arquitetura, moda, entre outros. Assim, apresentamos um estudo das quatro irmãs da obra, que trazem em suas personalidades o retrato de um Japão em transição, mesclando modernidade e tradição.

Contextualizamos o período vivido tanto pelo autor quanto pelas personagens do romance e apresentamos uma análise das personagens secundárias, com o intuito de diversificar o olhar acerca das quatro irmãs, Tsuruko, Sachiko, Yukiko e Taeko. Após essas etapas, então, desenvolvemos o estudo de cada uma delas, elencando suas particularidades diante de um Japão em transformação.

A tradução da obra para o português, de 2005, foi priorizada nesse estudo, sendo o original em japonês, do qual utilizamos a edição de 1983, consultado para elucidar alguns pontos mais específicos. Pontos estes, nos quais a tradução poderia ser comentada, como em alguns diálogos e no uso de termos específicos do dialeto da região onde se passa a história.

Foi utilizada bibliografia que aborda o autor e sua obra, citando as fases pelas quais passou e fazendo uso de publicações específicas sobre o livro escolhido e seu contexto histórico. Outras fontes, como vídeos também fazem parte do material utilizado, visto que a obra foi adaptada ao cinema mais de uma vez, sendo a versão mais recente a de 1983, sob direção de Kon Ichikawa (1915-2008), do qual inserimos algumas imagens neste trabalho a título de ilustração, visto que se trata de uma obra independente, ainda que inspirada no romance de Tanizaki.

Os nomes estrangeiros foram inseridos seguindo a ordem de nome e sobrenome e os termos em japonês foram romanizados de acordo com o sistema Hepburn.

Capítulo 1 – Entendendo a obra

1.1. A narrativa

A família Makioka é uma tradicional representante da região de Osaka, Kansai. No passado detinha de boa condição financeira, resultado da propriedade familiar, uma loja cujo ramo não é especificado. A matriarca morreu aos 37 anos em 1917, quando as filhas, Tsuruko, Sachiko, Yukiko e Taeko ainda eram bem novas (17, 15, 11 e 7 anos) e coube à mais velha das quatro irmãs assumir os cuidados para com as demais, junto de seu pai. Este, por sua vez, em função de gastos excessivos e má administração do negócio familiar, deu início à derrocada do patrimônio e acabou por falecer em 1925, aos 54 anos, antes de as filhas mais novas se casarem.

Já as mais velhas cresceram durante os tempos áureos da família e tiveram seus casamentos seguindo os moldes tradicionais, em que os maridos adotam o sobrenome da esposa quando a família não possui herdeiros homens. Tsuruko casou-se com Tatsuo, bancário, o qual ficou responsável pela administração da loja e manutenção da chamada “casa central”, o seio da família Makioka localizada em Uehonmachi. Sachiko casou-se com Teinosuke, contador, com quem se estabeleceu na condição de “casa secundária”, localizada em Ashiya. A primogênita da família teve seis filhos, os quais exigiam seus cuidados e faziam com que ela não desfrutasse de tantos momentos junto das demais irmãs. Já Sachiko teve apenas uma filha, a pequena Etsuko, com cerca de sete anos no início da narrativa, que dura do outono de 1936 até abril de 1941. Durante esse tempo é possível ter contato com o cotidiano dessa família, representante de uma parcela da sociedade japonesa da época em meio a acontecimentos como conflitos com outros países e a Segunda Guerra Mundial. Além das transformações em decorrência das influências do ocidente no Japão iniciadas desde a segunda metade do século XIX com a abertura dos portos.

Yukiko e Taeko não puderam contar com a ajuda do pai para arranjar-lhes um casamento nos moldes das irmãs mais velhas, visto que falecera quando as filhas ainda eram bem jovens. As duas ficaram, então, com a ausência dos pais, sob os cuidados da casa central. No entanto, era comum que passassem dias, até

mesmo meses na casa secundária, em parte pela menor quantidade de pessoas e também por manterem melhor relacionamento com a segunda irmã e seu marido. Yukiko também era muito apegada à sobrinha Etsuko, a quem dedicava atenção e cuidados de mãe.

Yukiko vivia de uma casa a outra, como nômade, entre um *miai* (encontro com intenção de casamento) e outro, em busca de um bom pretendente, que possuísse as qualidades necessárias para desposar uma Makioka. De aparência frágil e comportamento recatado, é descrita como uma das últimas belezas de um Japão tradicional que ficava para trás. Seu nome Yukiko, 雪子 traz o ideograma de neve 雪 *yuki*, também presente no título original do romance *Sasameyuki*, 細雪, que corresponde à uma fina neve, sugerindo leveza, pureza e a algo que está chegando ao fim. Taeko confeccionava bonecos tradicionais japoneses, primeiramente por *hobby* e, posteriormente, como profissão. Em função disso, chegou a alugar um apartamento que mantinha como ateliê, além de ajudá-la a manter certa privacidade. A caçula, chamada afetivamente de *koisan*, seguindo a denominação da região em que moravam, era certamente a mais bem informada e independente das quatro, além de ser a única a possuir uma atividade remunerada, algo impensado para “moças de boa família”.

Além da dificuldade das irmãs mais velhas em encontrar um noivo para Yukiko, um incidente envolvendo Taeko e seu namorado Kei Okubatake, o qual fora noticiado por um jornal local, que trocou o nome da caçula pelo de Yukiko, também pode ter sido um dos motivos para a demora. Com a intenção de limpar o nome da cunhada, Tatsuo exigiu retratação do jornal, indispondo-se com a própria Yukiko, que acreditava que ele não deveria dar mais atenção ao caso, expondo a caçula que poderia não ter seu nome também envolvido no escândalo.

Outras figuras femininas expressivas fazem parte do enredo, como a cabeleireira e amiga da família, sra. Itani, bem como a sra. Jinba, amiga de Sachiko, as quais participam da busca por pretendentes para Yukiko como intermediárias, podendo ser chamadas de “casamenteiras”, um papel normalmente atribuído a um casal (*nakôdo*). Itani também representa uma classe de mulheres independentes, trabalha e mostra maior desenvoltura e dinamismo com as situações. Consequentemente, exigia posicionamento da família e culpava as mais velhas pela demora em casar as irmãs mais novas.

Duas famílias estrangeiras fazem parte da narrativa. A casa secundária é vizinha dos Stolz, alemães que possuem três filhos, os quais desenvolvem amizade com Etsuko. Taeko tem como aluna uma russa, chamada Katarina Kirilenko, que convida os Makioka para um jantar, no qual apresenta o restante da família Kirilenko. Nessa ocasião, tanto os russos, mãe e irmão de Katarina, quanto os Makioka acabam tecendo comentários sobre a conjuntura política da época, ainda que sem se aprofundar muito.

Tsuruko e família resolvem mudar para Tóquio por conta de uma exigência profissional de Tatsuo. Seguindo os costumes, as mais novas deveriam seguir com eles, pois se encontravam sob responsabilidade da irmã mais velha. Yukiko vai e, apesar de auxiliar a irmã na criação dos sobrinhos, mostra-se solitária e triste por deixar Osaka. Taeko não parte sob o pretexto de sua atividade com os bonecos e falta de espaço na nova casa de Tsuruko. Esta, aliás, mostra-se diferente nessa nova fase. A princípio estava relutante em abandonar as raízes, mas ao se ver em um novo lugar, sente-se aliviada por não precisar mais manter as aparências e poder, enfim, viver de acordo com o que as posses lhes permitiam.

Yukiko volta para Ashiya em função de mais um *miai* e de sua tristeza por estar longe da casa secundária. Sachiko sofre um aborto e o *miai* acaba sendo adiado. Quando finalmente ocorre, não resulta em compromisso e Yukiko retorna para Tóquio.

Taeko passa a se interessar por corte e costura e dança tradicional. Ela pensa em se profissionalizar na costura, ao mesmo tempo em que também se dedica à dança, desejando herdar o nome de sua mestra. Seu namorado, Okubatake, mostra-se avesso à ideia de que tivesse uma profissão, além da atividade com os bonecos, aceitável por ser considerada arte. Os dois acabam se desentendendo, também pelo comportamento típico de “filhinho de papai” de Okubatake.

Ocorre uma apresentação do grupo de dança do qual Taeko faz parte na casa de Sachiko. Etsuko e Taeko se apresentam e a caçula das irmãs surpreende a todos trajada em estilo tradicional, tendo até mesmo sua fisionomia transformada por conta das roupas e penteado. Dias depois, a região sofre uma grande inundação e Taeko acaba presa na escola de corte e costura, sendo resgatada por Itakura, fotógrafo e antigo empregado da família Okubatake. Itakura torna-se íntimo da família e passa a frequentar livremente a casa de Ashiya. Yukiko retorna à casa

secundária em função do incidente causado pelas fortes chuvas. A mestra de Taeko falece e esta perde a chance de receber reconhecimento nesta arte.

Os Stolz decidem retornar para a Alemanha em função das complicações dos negócios no Oriente (Japão e Manila), desde a entrada do Japão na guerra. Yukiko e Etsuko passam um dia com o sr. Stolz e Peter, o filho mais velho, em Tóquio, aproveitando para se despedirem.

Surgem rumores sobre o envolvimento de Itakura e Taeko, que resulta no ciúme de Okubatake e desaprovação da família por conta das diferenças de condição social. A caçula das irmãs deseja partir para a França para estudar corte e costura, mas acaba deixando o plano de lado e decide abrir uma loja de roupas ocidentais com a parte que lhe cabe da herança familiar. Tatsuo e Tsuruko rejeitam a solicitação e Sachiko começa a reprovar o comportamento vulgar de Taeko, a qual acaba revelando seu envolvimento com o fotógrafo.

Katarina Kirilenko, que havia se envolvido com um alemão residente e funcionário de uma empresa em Kobe, parte para a Europa a fim de reencontrar a filha do primeiro casamento na Inglaterra. Algum tempo depois, Taeko parte para Tóquio, a fim de solicitar o dinheiro que acredita possuir por direito à casa central. Sachiko a acompanha para evitar impressões negativas por parte da irmã mais velha e do cunhado. Neste ínterim, Itakura, que passara por cirurgia, adoece e Taeko volta às pressas para Osaka. Itakura acaba falecendo e, no íntimo, Sachiko se sente aliviada por não ter de ver a irmã casada com alguém de fora do círculo social ao que pertencia a família.

Yukiko recebe mais uma proposta, por intermédio da família de Tatsuo. Contudo, pela primeira vez, a família Makioka recebe uma resposta negativa por parte do proponente. Algum tempo depois, Sachiko recebe a notícia de que Taeko reatou com Okubatake e ao reportar os últimos acontecimentos à Tsuruko, esta ordena que a caçula vá para Tóquio, viver na casa central em função da vida desajustada que assumira. Como está proibida de continuar na casa secundária, Taeko aluga um apartamento.

As sras. Itani e Nifu intermedeiam mais um *miai* para Yukiko, no entanto, a timidez da moça faz com que as coisas não se encaminhem da maneira desejada. Na mesma época, Taeko acaba ficando seriamente doente e recebe os cuidados por parte das irmãs, de Okubatake e da criada Oharu. Após sua recuperação, surgem

rumores sobre sua conduta em relação a Okubatake e suas posses, além de um relacionamento com um *barman* chamado Miyoshi, piorando ainda mais sua imagem perante a família.

Itani decide partir para os Estados Unidos, mas antes apresenta mais uma proposta para Yukiko, de um filho bastardo de um visconde, chamado Mimaki, por intermédio de sua filha Mitsuyo. A ligação do pretendente com a nobreza agrada a família, além da garantia de Yukiko poder ter uma vida confortável. Taeko revela estar grávida de Miyoshi e acaba sendo “escondida” por Sachiko para preservar as negociações do casamento de Yukiko. O bebê morre e Taeko passa a viver com Miyoshi, afastando-se das irmãs, ao mesmo tempo em que a família Makioka finalmente responde positivamente à proposta de Mimaki a Yukiko. Durante os preparativos, ao se deparar com o vestido de noiva, Yukiko sofre de diarreia, que persiste durante a viagem de trem de Osaka para Tóquio, onde se realizaria o casamento.

1.1.2. As relações

O diagrama a seguir trata-se da árvore genealógica das irmãs, catalogando as famílias formadas, no caso das mais velhas, e as relações das mais novas com figuras do sexo oposto. Tsuruko, a mais velha, herdou juntamente com o marido Tatsuo a casa central dos Makioka, com toda a responsabilidade embutida na condição de primeiro casal da família. Sachiko e Teinosuke constituíam a casa secundária, abaixo da central na tomada de decisões e responsabilidades nas questões familiares.

No caso da terceira irmã, Yukiko, os nomes masculinos referem-se aos pretendentes com quem teve contato durante a narrativa, na tentativa de um casamento. Os nomes próximos aos de Taeko são dos homens com quem se relacionou, mesmo que não tenha se casado, nem firmado compromisso mais sério e aprovado pela família.

A idade indicada é a que as personagens apresentam no início da narrativa.

1.2. Contexto histórico e autor

1.2.1. O período histórico

O romance *As Irmãs Makioka* (1943-1948) foi escrito e se passa durante o final da década de 1930 e início da década de 1940 (Shôwa 1926-1989)¹. Os períodos anteriores, Meiji (1868-1912)² e Taishô (1912-1926)³, foram marcados por grandes mudanças que ocorreram no Japão, resultando num crescente apreço por elementos das culturas americana e europeia, bem como numa corrente contrária à perda de elementos tradicionais do país. Tais elementos englobavam desde comportamento, passando pelos aspectos artísticos e visuais, como arquitetura, decoração e vestimentas, até, obviamente, aspectos da economia e política. A fim de compreender o contexto histórico e social da obra, neste capítulo faremos uma breve exposição dos acontecimentos pelos quais passou o Japão desde meados do século XIX até a década de 1940, momento em que ocorre o desfecho da história criada por Tanizaki e também a publicação da obra, primeiramente em forma serializada e, posteriormente, em três volumes.

O período Meiji foi decisivo para a introdução de novas ideias no país, visto que nos últimos anos do período anterior o Japão encontrava-se quase que totalmente fechado para as relações com o exterior⁴, após sua experiência com os portugueses que, por tentarem impor o cristianismo, acabaram tendo relações cortadas. Neste período, os japoneses desenvolveram sua própria cultura e costumes num nível desconhecido aos olhos do Ocidente e, naturalmente, surpreenderam o restante do mundo pelas características consideradas exóticas e

¹Período Shôwa: período longo da história do Japão, o qual abarcou os acontecimentos políticos de Taishô, a segunda guerra mundial e a reconstrução japonesa durante o período pós-guerra. Governado por Hiroito, denominado Shôwa após sua morte.

²Período Meiji: período em que o Japão recebeu inúmeras influências de culturas ocidentais, visando tornar-se uma potência industrializada, equivalente a qualquer outra do ocidente, após um período que permaneceu de portos fechados para os estrangeiros. Governado pelo imperador Mutsuhito, conhecido postumamente como Meiji.

³ Período Taishô: período posterior a Meiji, governado pelo imperador Yoshihito, conhecido postumamente como Taishô. Foi uma época de grandes acontecimentos políticos, lutas sociais e supressão da esquerda.

⁴O Japão manteve contato com os holandeses e chineses durante este período.

peculiares. Arte, literatura e organização social foram aspectos que se desenvolveram sobremodo durante esta época denominada Edo (1603-1868) que, em poucas palavras, pode-se dizer que foi um período de mais de duzentos anos em que o país estava extremamente organizado, proporcionando o florescimento e manutenção da cultura local e preservando a tradição de um povo que ora se relacionou com o exterior, ora se manteve fechado a essas relações, priorizando suas características próprias. (HANE)

Em meados do século XIX ocorreu a restauração Meiji, dando início a uma série de mudanças que ocorreram em velocidade surpreendente. A partir da abertura dos portos japoneses para relações com países europeus e, posteriormente, também com os Estados Unidos, o Japão passou a importar e adotar não só objetos materiais, mas também exemplos de comportamento, os quais iam ao encontro de uma nova vida, deixando para trás a tradição e abraçando com força um estilo considerado moderno, arrojado e avançado. Era necessário que o Japão se igualasse às grandes potências, ainda que isso significasse mudanças súbitas e grandiosas.

[...] Durante esses anos os novos líderes japoneses embarcaram num programa de reforma radical, com o objetivo de transformar o Japão numa nação moderna e industrializada, capaz de lidar em termos iguais com as nações do ocidente, acabando com tratamentos desiguais, vistos como insultos. [...] (HUNTER, 1989, p. 8, tradução nossa)⁵

O novo caminho que o Japão buscava dividiu opiniões, dentro e fora do país. Enquanto a aristocracia acompanhava as decisões do jovem imperador Mutsuhito (1852-1912) e seu conselho, a grande massa era obrigada a aceitar e conviver com uma mudança brusca em seu modo de viver. Era prioridade do Japão fazer parte do seleto grupo das grandes potências mundiais, não sendo assim colocado na posição de mera colônia, como que passado para trás pelos países influentes. Contudo, os esforços para se adquirir novos hábitos, como língua, vestimentas, trejeitos e costumes, além, é claro, das mudanças de cunho político e econômico, não poderia ser uma tarefa fácil e de compreensão absoluta.

⁵[...] During these years Japan's new leaders embarked on a programme of radical reform aimed at transforming Japan into a modern industrialized nation capable of dealing on equal terms with the nations of the West, and throwing off 'unequal' treaties viewed as a national insult. [...]

O contato com as culturas europeia e americana proporcionaram ao Japão a absorção de costumes diferentes, bem como adoção de trajes, acessórios, modelos arquitetônicos e objetos decorativos. Na obra analisada, nota-se a presença dessas sobreposições e mesclas como parte do cotidiano das personagens, como algo já visto com naturalidade, porém ainda com certa resistência por parte de alguns.

Há registros de que antes mesmo da Restauração Meiji em 1868, já havia algum tipo de interesse por uniformes militares em estilo ocidental. Logo no início do período, estas foram as primeiras peças a serem ocidentalizadas. A família imperial, que havia centralizado novamente o poder em si, adotou o traje ocidental pouco tempo depois de Mutsuhito assumir o trono. Primeiramente apenas o imperador adotou a farda em estilo ocidental, alegando que as roupas antigas eram um tanto afeminadas e que não combinavam com a nova fase do país. Mutsuhito foi seguido por sua esposa Haruko (1949-1914) alguns anos depois, uma vez que como imperatriz, deveria estar de acordo com as novas exigências em suas aparições públicas. Desta forma, a corte japonesa passou a usar trajes ocidentais em eventos nos quais recebiam estrangeiros ilustres e, assim, inspirou o povo japonês que aos poucos foi introduzindo elementos da cultura ocidental em suas vidas.

Fig. 1 - *Retrato do Imperador Meiji*
Uchida Kyuichi , fotografia albumina, 1872

Fig. 2 - *Retrato do Imperador Meiji*
Uchida Kyuichi, fotografia albumina, 1873

Fig. 3 - Retrato da Imperatriz Shôken
Uchida Kyuichi, fotografia albumina, 1872

Fig. 4 - Retrato da Imperatriz Shôken
Autor desconhecido, 1887-89

Nas imagens acima podemos observar as diferenças não só entre os trajes, mas também de cenário. No retrato japonês, vemos a vestimenta típica com mangas amplas e excesso de tecido, tanto para o imperador, como para a imperatriz. Os complementos, como leques e adereços de cabeça, também estão de acordo com a estética japonesa. Nos retratos com roupas ocidentais, o cenário apresenta mais elementos, como tecidos, móveis e objetos decorativos, além de riquíssimos detalhes nos trajes, como bordados e estampas, além dos acessórios, como as joias, coroa e chapéu.

O que aconteceu no Japão da era Meiji pode ser identificado como uma imitação que resultou em outra. A primeira partiu da família imperial, seguida pela aristocracia, os quais adotaram o estilo ocidental em busca do benefício que isso poderia trazer para as relações políticas do país. A segunda veio do povo, o qual se inspirou em sua elite e, ainda que vagarosamente, passou a inserir elementos desse novo vestuário em seu cotidiano.

König (1968, p. 83) afirma que “os membros de um grupo se reconhecem por seu traje e o senhor pelo modo e forma de sua apresentação, postura [...] as tradições comuns, ideias e conceitos de valor [...]” (tradução nossa)⁶. No caso do Japão, pode-se dizer que o imperador e sua esposa representavam aquilo que

deveria ser perseguido pelo povo, eram as figuras que inspiravam a nação, seja por

⁶“los miembros de un grupo se reconocen por su traje y el señor por el modo e forma de su presentación, postura [...] las comunes tradiciones, ideas y conceptos de valor[...]”

meio das roupas, penteados, comportamento, etc.

Ao olhar do estrangeiro, os japoneses pareciam caricaturas do homem ocidental, mesmo com todo seu esforço para que a imitação parecesse natural. Para os admiradores da “exótica” cultura japonesa, era ainda mais difícil digerir este novo Japão que se apresentava ao mundo. Da mesma forma, muitos japoneses foram contrários a essas mudanças que em princípio atingiram as camadas mais altas da sociedade, mas que, inevitavelmente, acabaram alcançando e atingindo de alguma forma o povo, que tinha como espelho e exemplo a família imperial.

A imitação é, de fato, uma forma de as massas conseguirem igualar-se à elite, seja feita de modo espontâneo ou claramente incentivado, conforme aconteceu no Japão. De acordo com Slade essa também é uma das formas de “modernização”, universalizando a identidade nacional, como segue abaixo:

Um dos processos da modernidade é a universalização da identidade nacional, facilitada principalmente por meio da instituição da educação universal e dos meios de comunicação em expansão. Através de propaganda deliberada, como a divulgação por meio de jornais e distribuição de retratos imperiais mostrando o Imperador vestindo uniformes modernos, o Japão foi transformado a partir de uma abstração genérica em uma ideia muito mais estabelecida e significativa - de uma união de domínios feudais a um Estado-nação unificado - nas mentes das pessoas que o habitavam. (SLADE, 2009. p. 8, tradução nossa)⁷

No começo, naturalmente, apenas uma parcela da sociedade japonesa tinha acesso às novidades trazidas pela alta aristocracia japonesa. E, como mencionado, as roupas de modelo e corte ocidentais ficavam reservadas para eventos e bailes com a finalidade de exercitar as relações políticas do Japão com outros países, como os vários que ocorreram no edifício Rokumeikan⁸, construção de arquitetura puramente ocidental, cenário típico desses eventos.

⁷One of the processes of modernity is a universalization of national identity, facilitated mainly through the institution of universal education and the burgeoning mass media. Through deliberate propaganda, such as dissemination through newspapers and the distribution of imperial portraits showing the Emperor wearing modern uniforms, Japan was transformed from a loose abstraction to a far more established and significant idea – from a collection of feudal domains to a unified nation-state – in the minds of the people who inhabited it.

⁸Construção de arquitetura ocidental finalizada em 1883, onde ocorriam festas e bailes com o intuito de estreitar os laços do Japão com outros países. Foi cenário do conto *Butôkai* (O Baile, 1918) de Akutagawa Ryûnosuke (1892-1927). Foi demolido em 1941.

Fig. 5 - *Rokumeikan*
Fotógrafo desconhecido, 1883

De acordo com Gaston Richard, citado por Gilda de Mello e Souza (1987, p.145), “nada exprime tão bem o estado dos costumes como o papel que a festa representa na vida dos homens e a maneira pela qual eles a celebram”. Então, seguindo o raciocínio de Souza, o momento escolhido para exibir os trajes ocidentais era o da “vida de exceção”, quando a moda manifesta de forma clara seus traços. A festa tem a função de “modificar as relações entre os sexos” e “modificar as relações entre as classes”. No contexto abordado, podemos dizer que a festa servia para modificar/estreitar as relações entre o Japão e as potências estrangeiras que visitavam seu território. E era nesse momento que a moda afluía, que se fazia presente de modo marcante, muito embora no dia a dia os vestidos vitorianos fossem deixados em segundo plano, pois as roupas nativas se adaptavam melhor aos espaços e atividades dos japoneses.

Fig. 6 – *Kiken butō no ryakuzu* - *ukiyo-e*
Chikanobu Yōshū, tríptico, xilogravura colorida, 1888

Na figura 6 podemos ver um baile como os que ocorriam no interior do *Rokumeikan*. Os trajes são ocidentais, fraque e vestidos vitorianos. As danças e música também não são japonesas, como podemos observar pelos instrumentos tocados e a disposição das pessoas, em pares. A decoração acompanha a atmosfera estrangeira, mas temos uma dica do cenário japonês por meio de uma faixa com caracteres locais e uma árvore que pode ser vista próxima ao terraço do prédio.

Slade (2009) afirma que as mudanças no vestuário são algo público antes de se tornarem algo privado. O “gosto” se torna um fenômeno dividido; usar o “moderno” publicamente era considerado apropriado, mas na privacidade, tanto os ambientes internos quanto as roupas ainda remetiam à tradição durante um longo período. O autor ainda afirma que “a identidade japonesa é obsessivamente comparativa; há sempre um *outro*”. Ou seja, desde outros tempos, por exemplo, quando os japoneses mantiveram contato com a China, a construção da identidade japonesa está relacionada a imitações/comparações com outras culturas. Ainda usando os termos de Slade, durante o período Meiji no Japão, “talvez as roupas tenham sido uma das ilustrações mais claras do materialismo dialético: a nova experiência do estrangeiro, definindo a prévia noção indefinida do que era japonês”.

É interessante notar que, mesmo a família imperial adotando o estilo ocidental, de alguma forma elementos da tradição japonesa eram preservados. Por exemplo, quando a imperatriz vestia um modelo vitoriano com estampas de

crisântemo, o símbolo da família imperial japonesa. Pode-se perceber que desde essa época, mesmo apropriando-se de elementos de uma cultura absolutamente diversa, os japoneses recriavam, sobrepunham aos seus, elementos estrangeiros, assim como é possível observar nos dias atuais. Era uma espécie de valorização da imagem japonesa por meio de seus símbolos. Há também quem diga que a imperatriz optou por trajes ocidentais como forma de expressar seu poder, contudo, a posição da mulher da época não era muito expressiva e a própria imperatriz não tinha tantos direitos ou funções, além de acompanhar o imperador.

O povo japonês demonstrava certa resistência em aceitar o que chegava massivamente, a modernização iminente do país, em detrimento de sua cultura local. No entanto, para o momento talvez essa fosse a saída a ser seguida. Eram dois extremos em que se pensavam, prós e contras que deveriam ser levados em conta e, conseqüentemente, opiniões que se dividiam e se modificavam.

Durante o período seguinte, Taishô, as mudanças continuaram e complicações no cenário político e econômico do país se agravaram. Em função de uma aliança com a Inglaterra, o Japão acabou tendo que participar da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) contra os alemães e seus aliados, uma vez que existia um conflito em função da corrida visando desenvolvimento industrial. Além das complicações no âmbito político, planos e ideias iniciadas no período anterior tiveram continuidade durante os anos de Taishô e, culturalmente, a onda de novidades provenientes do Ocidente também manteve seu fluxo juntamente com uma efervescência cultural que tomava conta do país. Influências socialistas em voga no restante do mundo também se faziam presentes no contexto japonês e a classe proletária se desenvolvia na mesma medida.

A hegemonia japonesa em território asiático se firmava num processo de acordos, negociações e reconhecimento de outros países, como Rússia e Estados Unidos. Após a Primeira Guerra Mundial, o Japão viveu a chamada Democracia Taishô, que ao contrário do que se esperava do nome, trouxe desilusão e descontentamento ao povo e resultou em agitação política e lutas por direitos, motivadas por ideais da esquerda. O governo japonês conteve de certa forma tais ideais de cunho comunista, num momento em que a Rússia se sagrava vitoriosa e implantou leis que impediam mudanças na estrutura política e abolição da propriedade privada. O nacionalismo de direita, que já vinha se desenvolvendo

mesmo antes da Restauração Meiji e que se mostrava contrário à industrialização japonesa e modernização desmedida, crescia nesse momento em que o mundo passava por transformações e que problemas como a discriminação de japoneses em outros países surgiam. (HANE, 1992)

De acordo com Barbara Sato (2003), durante a década de 1920, juntamente com as demandas exigidas pelo povo, as mulheres também entraram na luta por direitos e em diversos segmentos surgiram manifestações contrárias à insígnia “boas esposas, sábias mães”, criada anteriormente, com o respaldo da valorização da educação às mulheres surgida em Meiji. Sob o pretexto de valorizar e incluir as mulheres por meio da educação criava-se um modelo de mulher perfeita, submissa e adequada aos interesses da sociedade da época.

Ainda que tenha sido na década de vinte que a luta feminina tenha ganhado maior destaque, desde o início do século, em contraponto a este conceito “boas esposas, sábias mães”, na literatura surgiam exemplos de mulheres que não seguiam essas características. No auge da escola naturalista, surge *Futon* (*Acolchoado*, 1907) de Tayama Katai (1872-1930), por exemplo, com a figura de uma jovem que deixa sua cidade natal para se tornar discípula de um professor, aspirando à carreira de escritora. Yoshiko é descrita como moça moderna, com gostos mais atuais, diferente da geração da esposa de seu mestre. Há admiração e desejo em torno da figura de uma jovem em busca da formação como escritora, o que poderia lhe proporcionar independência e fez com que abandonasse sua terra natal em busca do sonho na cidade grande. Anos depois, Jun'ichiro Tanizaki escrevera *Chijin no ai* (1924)⁹, romance em que a jovem Naomi reúne o gosto por elementos ocidentais, como roupas, dança, língua, além de uma personalidade manipuladora, que domina e não mede esforços para conseguir seus objetivos.

Sato também afirma que, com exceção daquelas que participavam mais ativamente das lutas por mudanças sociais, podem ser destacados três tipos representativos da mulher japonesa da década de vinte:

Este livro examina três novos tipos da mulher urbana: a jovem moderna (*modan gaaru*) de minissaia e cabelo *bob*; a dona de casa automotivada (*shufu*); e a mulher trabalhadora, racional e extrovertida (*shokugyô fujin*), cada uma ofereceu às mulheres japonesas novas

⁹*Amor Insensato*: traduzido para o português por Jefferson José Teixeira e publicado pela editora Companhia das Letras em 2004.

identidades na década de 1920. [...] Todos os três tipos de mulher surgiram sob influência da nova mídia, especialmente das revistas femininas de massa. Mas havia uma relação de reciprocidade envolvida por meio da qual as mulheres poderiam assumir um papel ativo na sua interação com a mídia. (SATO, 2003, p. 7, tradução nossa)¹⁰

Esses tipos femininos se encaixam com o comportamento da sociedade da época, influenciada pela mídia e, no caso específico das mulheres, maravilhadas com um universo de novas possibilidades, pautadas pelo consumo. Naturalmente, esse novo nicho passou a ser explorado e as mulheres tornaram-se alvo dos meios de comunicação de massa e empresas que visavam atingir novos mercados.

Esses perfis, surgidos na década de 1920, ecoaram até as décadas posteriores, percorrendo o momento em que a trama a ser analisada se passa. Inclusive, como será mais explorado nos demais capítulos, podemos ver traços desses tipos femininos não só entre as irmãs, mas também entre as outras personagens participantes do romance.

Após as mudanças instauradas em Meiji, a década supracitada parecia ser um momento em que as mulheres buscavam novo espaço e maior reconhecimento da sociedade. Ainda que num primeiro olhar suas demandas e objetivos pudessem parecer superficiais, a palavra de ordem do momento era mudança.

Aparentemente, o consumismo e a nova mulher no Japão pareceram antiéticos. Na verdade, porém, eles compartilharam um vínculo estreito no contexto da história das mulheres japonesas do século XX. A nova mulher reflete uma ponta de valores imposta pelo Estado. Ela atacou contra a insígnia de "boa esposa e sábia mãe", moralidade que serviu de legitimação ideológica do estatuto legal das mulheres casadas, institucionalizado no Código Civil Meiji (1898), o qual determinou o estado e o lugar legal e social das mulheres na família. [...] (SATO, 2003, p. 15, tradução nossa)¹¹

De acordo com Sato, essas mulheres modernas do Japão de Taishô, ainda

¹⁰This book examines three new types of urban women: the bobbed-haired, short skirted modern-girl (*modan garu*); the self-motivated housewife (*shufu*); and the rational, extroverted professional working woman (*shokugyô fujin*), each of whom offered Japanese women new identities in the 1920s. [...] All three types of women came under the sway of new media, especially mass women's magazines. But a reciprocal relationship involved whereby women could assume an active role in their interaction with the media.

¹¹On the surface, consumerism and the new woman in Japan appeared antiethical. In fact, however, they shared a close bond in the context of the twentieth-century Japanese women's history. The new woman reflected a departure from state-imposed values. She lashed out against the "good wife and wise mother" morality that served as the ideological legitimization of the legal status of married women institutionalized in the Meiji Civil Code (1898), which determined women's legal and social status and place in the family. [...]

que nem sempre ligadas diretamente a um contexto de luta política, desejavam poder fazer suas escolhas, seja como a jovem moderna, externando personalidade e anseios por meio de suas roupas, seja como a mulher que escolhe trabalhar e garantir sua independência ou ainda, a dona de casa que assume esse papel de modo consciente.

A protagonista de *Chijin no ai*, Naomi, é considerada uma autêntica *modern girl* (モダンガール), por ser uma jovem que cultivava o apreço pelo visual ocidental e representava o novo, as possibilidades de transformação da mulher japonesa da época, profundamente ligada ao consumismo, mídia de massa e liberdade sexual (Sato, 2003). Contudo, a *modern girl* frequentemente era mal interpretada pela sociedade por suas atitudes inusitadas para a época, além de não possuir um discurso político que fosse ao encontro dos anseios dos intelectuais e engajados.

É importante destacar esse contexto, que se desenvolveu alguns anos antes da história das irmãs narradas por Tanizaki, objeto do presente estudo. O romance, que se ambienta entre 1936 e 1941, mostra o cotidiano de quatro irmãs de família tradicional e de que maneira cada uma delas levava sua vida, seguindo ou não seus desejos, em meio a uma sociedade que, apesar de passadas algumas décadas desde a abertura do Japão, ainda buscava estabilização e, sobretudo, identificação com todos os processos sofridos.

Ainda com relação às vestimentas durante essa época, ocorria uma gradual adoção de novos tecidos e materiais. Um fato curioso, ligado às forças da natureza, ocorreu após o forte terremoto em Tóquio no ano de 1923, que mudou a história da moda no Japão. Como grande parte da população perdeu tudo na tragédia, inclusive as roupas, muitas vítimas acabaram repondo seu armário com itens ocidentais, em parte por causa da demanda que mudava lentamente, e também em função do perigo causado pelo uso de quimonos durante o terremoto, devido às suas longas mangas e o peso que impediam movimentos mais rápidos (SLADE, 2009).

A era Shôwa, longa em comparação com as duas anteriores, pode ser dividida, grosso modo, em: períodos anterior e posterior à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), considerando o período de guerra, naturalmente. As décadas anteriores à guerra são consideradas um momento obscuro, que deveria ser esquecido para que o Japão tivesse um novo início. Inúmeros acontecimentos

importantes para a história do país e do mundo encontram-se nessas décadas, por exemplo, o cultivo de hábitos ocidentais de forma massiva em Tóquio, a capital japonesa, como música, moda, entre outros. Politicamente falando, cabe ressaltar o fato de a esquerda ter sido suprimida, bem como a existência de perseguições políticas e religiosas dentro do próprio país. Na década de 1930, as relações conturbadas com a China culminaram na guerra em 1937, período inserido no tempo do romance estudado. (TANAKA, 2011)

Este Japão da década de 1930 e início da década de 1940 é que serve de pano de fundo para os acontecimentos narrados por Tanizaki. O cenário principal é a região de Kansai¹², principalmente Osaka, local onde a tradicional família Makioka mantinha suas raízes. Osaka, em diversas passagens do romance, é comparada à capital Tóquio que, como já mencionado, passou por um processo de absorção de elementos de culturas ocidentais de modo mais intenso. O contraste entre preservação dos costumes japoneses e entrada de novos costumes é valorizado neste romance, uma vez que este “embate” é um dos reflexos do Japão da época.

Durante o período vivido pelas irmãs Makioka, a maneira ocidental de se vestir foi mais difundida. Já não era exclusividade da corte a possibilidade de usar um modelo ocidental, os homens de negócios e suas famílias, mais abastadas, também exibiam trajes que indicavam a consolidação da modernidade. De fato, o que acontecia aproximadamente a partir da década de 1940, era um fenômeno oposto ao do final do século XIX: os japoneses utilizavam bem menos quimonos ou qualquer outra peça japonesa no dia a dia, reservavam-nos para ocasiões especiais, como por exemplo, contemplar as cerejeiras em flor, ir ao teatro ou apresentações de dança, etc.

¹²Região que compreende Osaka, Quioto e Kobe.

Fig. 7 - *Modern woman*

Autor desconhecido, fotografia impressa em gelatina de prata, década de 1930

Na imagem acima podemos ver uma jovem mulher em trajes de modelo ocidental e cabelos em estilo *bob*, ambientada num cenário também com elementos ocidentais.

Os moradores da região de Kansai talvez não tenham sofrido de forma tão direta essa mudança na indústria têxtil como aconteceu em Tóquio em função do terremoto. Contudo, o período em que se passa o romance estudado já contava com cerca de setenta anos desde a abertura dos portos japoneses. Naturalmente, as vestimentas de corte ocidental já não eram novidade para pessoas daquela região, no entanto, claramente ainda não havia ocorrido uma troca completa das peças do armário dos japoneses, os quais mesclavam peças tradicionais e ocidentais, dependendo tanto da ocasião quanto da preferência pessoal.

Fig. 8 - Asakusa Nakamise, Tokyo
Autor desconhecido, fotografia impressa em negativo de vidro, 1934

Acima vemos de que modo trajes japoneses e ocidentais conviviam numa mesma cena, independentemente da faixa etária ou possíveis atividades.

Por mais de uma vez na história, o povo japonês se deparou com questionamentos a respeito de sua identidade. Primeiramente recebeu fortes influências da cultura chinesa, seja no campo da língua, dos materiais têxteis, entre outros. Posteriormente, como já mencionado, o Japão viveu um longo período praticamente sem contato com outros povos e culturas, sob comando militar, os samurais.

O que aconteceu durante Meiji provocou diferentes tipos de reação entre os japoneses. Para alguns, as mudanças significavam liberdade e possibilidades individuais, ao passo que outros acreditavam que a modernidade poderia trazer a glória nacional de forma coletiva. Contudo, outra parcela encarava a profusão de mudanças como algo que pudesse culminar na desordem política acompanhada da preocupação cultural do que seria de fato ser japonês. (GORDON, 2009)

A maneira de vestir de um determinado grupo reflete o contexto histórico, social e cultural nos quais está inserido. Podemos dizer que as escolhas no âmbito da moda são representações materiais das transformações que ocorrem no decorrer da história. Conforme já mencionado, a partir de Meiji, a sociedade japonesa passou

por intensas e variadas transformações em busca da “modernidade”, o que contribuiu para as mudanças também no modo de expressar o tempo em que se vivia, quais eram as aspirações e o que estava sendo deixado para trás. Ao assumir o estilo ocidental, os japoneses externavam a aceitação do moderno.

O Japão depositou todas as suas forças no processo de modernização, sofrendo também as consequências negativas dessas transformações. A industrialização e uma sociedade mais competitiva traziam consigo o individualismo e a livre concorrência. De acordo com Sakaiya (1993), isso fez com que algumas pessoas comesçassem a pensar se não estaria o Japão também modernizando e ocidentalizando a “alma da nação” e, deste modo, perdendo características que compunham sua identidade.

Sakaiya também afirma que “se os japoneses tivessem sabido que os valores da civilização moderna incluíam a aceitação da disparidade de rendimentos, eram bem capazes de se terem recusado a adotá-la[...]”. Nessa época, um sentimento nacionalista que desejava o retorno das tradições começou a ganhar espaço e uma importante questão política da época era “como conciliar o modernismo com o nacionalismo”.

Neste contexto, é possível observar que a adoção de trajes ocidentais no Japão passou por diversas fases que, por vezes, se mesclavam e se confundiam com as ideologias e entre si. Ou seja, num primeiro momento, apoiar a modernidade significava seguir junto com a nação, incentivando as mudanças que viriam para o bem dela, refletindo um sentimento nacionalista. No entanto, num outro momento, resgatar a tradição parecia ser a demonstração de respeito e apego à identidade japonesa que poderia estar se perdendo em meio a tantas novidades. E ainda houve uma fase em que o traje ocidental consolidou-se como símbolo de progresso e prestígio social. Tudo isso de maneira sobreposta, sem divisões exatas no tempo e variando de acordo com o nicho social.

De acordo com o historiador Hobsbawm (1984), “muitas vezes as 'tradições' que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas”. Assim, ao falar em resgate de tradições no Japão desse período, podemos supor que se tratavam de conceitos que remetiam a um passado peculiar da cultura, algo que resgatasse uma suposta identidade que se temia perder.

O conceito de identidade de um povo é algo complexo e que não se pode

definir em alguns parágrafos. Portanto, não é objetivo desse estudo analisar a fundo a construção da identidade japonesa, mas sim mencionar que em mais de um momento este povo se deparou com questões ligadas a essa discussão. Em meio a tradições, inventadas ou não, pode-se arriscar dizer que a identidade de um povo, no caso o japonês, está em permanente construção.

A adoção de novos elementos e mudanças na forma de se apresentar e portar diante da situação pela qual o Japão vinha passando é algo que não deveria causar surpresa, ainda que não bem digerida por alguns setores da sociedade. Trata-se de um caminho natural, parte da história e das novas relações que vinham sendo travadas e construídas. Resistir seria tentar se opor aos fatos, aos caminhos da história que estavam sendo construídos e que, cedo ou tarde, chegariam ao Japão, a menos que se desejasse viver sem contato com o restante do mundo. Mesmo com a rapidez dos acontecimentos, pode-se dizer que até os dias de hoje o Japão mantém de certa forma elementos de sua origem e tradição e não perdeu sua essência, como temido por muitos à época de Meiji.

No contexto da obra analisada, a maneira de se vestir é peça importante no estudo da construção das personagens, tópico que será melhor desenvolvido nos capítulos seguintes. Não se pode negar que o grau de ocidentalização que cada uma das personagens expressa por meio das roupas está ligado à imagem que se deseja. Porém, seria ingênuo classificá-las de maneira cartesiana, como num gráfico em que quanto maior a ocidentalização das peças de roupas, mais “moderna” seria a personagem. Existem diversos outros pontos que devem ser levados em consideração para que entendamos a complexidade das quatro irmãs, características que expressam a construção de suas personalidades. Pretende-se elencar elementos que remetam não só à forma, à superfície das personagens, mas também aqueles que tratem de seu conteúdo, que abarquem particularidades que não podem ser apreendidas somente por meio dos aspectos visuais.

1.2.2. Jun'ichiro Tanizaki

Tanizaki viveu entre 1886 e 1965 e, tendo nascido e passado boa parte da vida na região de Tóquio e vivenciado as transformações pelas quais passara seu país, naturalmente, abordou temáticas relacionadas à sua época. Estudou no Departamento de Literatura da Universidade Imperial de Tóquio e desde criança fora considerado precoce e um estudante fora dos padrões. No entanto, no início de sua carreira escreveu alguns contos e peças para revistas literárias sem respostas positivas. Seu estilo não agradava por explorar um universo de estética e romance que diferia da corrente Naturalista em voga na época. Estreou no mundo literário com a publicação de *Shisei (Tatuagem)* na revista *Shinshichô* em 1910 e desenvolveu uma longa carreira literária de intensa produção de obras que inclui contos, romances, ensaios, traduções e uma participação ativa no mundo do teatro e cinema japones.

Sua carreira teve momentos distintos, sendo que nos primeiros anos algumas obras apresentavam semelhanças com fatos e questionamentos de sua vida pessoal, bem como de apreço por motivos ocidentais, como elementos satânicos e obscuros, resultado de influência de nomes como Charles Baudelaire (1821-1867), Edgar Allan Poe (1809-1849) e Oscar Wilde (1854-1900). A figura feminina também foi um tema recorrente, tendo a sensualidade e sexualidade bastante exploradas em diversas obras do autor. Para ele, “a felicidade do homem consistia em ser conquistado por uma mulher” (Hane, 1992, p. 223). Fez parte da corrente literária denominada *Tanbiha* (estética), contrária ao Naturalismo, cujos escritores tinham como concepção o homem escravo de suas paixões e sentimentos. Porém, apesar de ser uma vertente que se opunha ao movimento naturalista, não apresentava grandes diferenças, pois os pontos de partida eram os mesmos (NAGAE, 2006). Izumi Hasegawa (1958) salienta que não havia uma teoria sistematizada para tal corrente estética e que ela poderia ser vislumbrada em uma das obras de um de seus membros, Bin Ueda (1874-1916). Também explica que estes criavam um romantismo no mundo artístico a fim de deleitar-se com os prazeres do momento e da vida numa idolatria ao belo.

Tanizaki viveu na região de Yokohama, cidade localizada na província de Kanagawa, que na época abrigava estrangeiros em casas de arquitetura moderna e

era palco de uma vida noturna à ocidental. Após o grande terremoto de 1923 ocorrido na região de Kantô¹³, que destruiu sua residência, ele deixou a cidade e recomeçou a vida na região de Kansai que, talvez por sua localização, um pouco distante da região metropolitana de Tóquio, preservava algumas tradições japonesas. Era o início de uma nova fase, na qual o autor passara a valorizar as artes locais em detrimento do conteúdo advindo do contato com países estrangeiros. Nas obras em que a região de Osaka serviu de cenário, o dialeto local é utilizado, enriquecendo os diálogos e transportando os leitores para o local retratado. Nessa fase, suas obras traziam um tom crítico ao processo de modernização ao qual o Japão se submetia. Costuma-se afirmar que para Tanizaki, o marco temporal para esta virada foi o terremoto, que devastou a região em que vivia, obrigando-o a se mudar para outro lugar. A região de Kansai tem grande importância na história do Japão, uma vez que abriga a antiga capital do Japão e conserva até os dias de hoje cenários históricos, carregados de tradição.

Fig. 9 - Região de Kantô

Fig. 10 - Região de Kansai

(Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/>)

No entanto, segundo Edward Seidensticker¹⁴ (1966), não se pode generalizar e afirmar que a vida de Tanizaki tenha mudado por completo com sua mudança para Kansai. Mesmo revisitando a tradição japonesa, ele preferiu viver numa casa de

¹³A região de Kantô se localiza na ilha Honshû, a maior ilha do Japão. Compreende as províncias de Gunma, Tochigi, Ibaraki, Saitama, Tóquio, Chiba e Kanagawa.

¹⁴Seidensticker traduziu para o inglês as seguintes obra de Tanizaki: *The Makioka Sisters*, *Some prefer nettles* e *In praise of shadow*.

características ocidentais, por exemplo. Exatamente como ocorre na obra analisada nesse trabalho, *As irmãs Makioka*, na qual a denominada casa secundária mescla características ocidentais e japonesas e seus moradores costumam aproveitar algumas noites com conversas acompanhadas de vinho e queijo, bem ao estilo ocidental.

Edward Fowler (1980) também aponta que mesmo nas fases anteriores de sua carreira, Tanizaki já apresentava uma espécie de saudade do passado, trazendo reminiscências dos tempos de infância, principalmente da figura materna, como acontece na obra *Haha o kouru ki (Longing for my mother, 1919)*. De acordo com Fowler, esta obra seria uma agradável surpresa neste período da carreira de Tanizaki e serviria para revelar que o autor não exatamente ignorava estes temas do passado até o momento do terremoto de Kantô em 1923. Logo, segundo ambos os estudiosos, não é prudente dizer que um acidente causado por forças da natureza tenha sido o marco de suas mudanças.

Ainda citando Fowler, podemos dizer que muito da tradição na obra de Tanizaki está intimamente ligada às memórias de sua infância, como acontece na obra *Longing for my mother*, que traz lembranças de uma velha Tóquio, onde o autor cresceu. A imagem da mãe construída neste romance seria algo como a “mulher eterna” de Tanizaki. Durante a narrativa, percebe-se que a construção da personagem mescla fantasia e realidade, diferentes sensações, e faz dessa mãe uma mulher encantadora e capaz de transcender o tempo e o espaço. De fato, essa mãe não corresponde a uma imagem de sua mãe propriamente dita, uma vez que parece não ter havido muito contato afetivo entre eles. Esse tipo de relação se revela mais com a babá que cuidava dele durante todas as atividades do dia.

A mãe de Tanizaki foi uma mulher refinada, de juventude privilegiada, interessada em moda e teatro. Em diversos momentos, confundiam-na com uma irmã de Tanizaki. Este, por sua vez, era uma criança tímida e, como já mencionado, convivera mais com empregadas do que com a mãe, a qual o acompanhava em apenas alguns programas, como excursões e idas ao teatro. Por meio de *Longing for my mother* é possível identificar alguns pontos em comum com a infância do autor, ainda que algumas mudanças tenham sido incorporadas ao texto.

Fowler também afirma que a crítica literária japonesa, principalmente a do período anterior à guerra, focava na questão do que se deveria fazer com a própria

vida e julgava o escritor principalmente de acordo com sua resposta a tal questão. A atitude aparentemente arrogante de Tanizaki em relação a esta pergunta levou outros escritores a olharem com desconfiança, não só para sua arte, mas também para sua ética, tratando-o como um intelectual pouco expressivo. A obra *Longing for my mother* apela para o leitor com seu singular retrato de experiência pessoal, melancólico e não-intelectual. Fowler afirma que Tanizaki consegue aplicar seu “golpe sentimental” graças à sua narrativa cuidadosamente estruturada, mas o sucesso está enraizado na visão descaradamente nostálgica. Essa mulher eterna de Tanizaki pode tocar o leitor, pois evocando memórias atemporais, a narrativa consegue se aproximar de todos.

Em *Yôshô Jidai* (*Childhood Years*, 1957), Tanizaki discorre sobre suas memórias e se refere à sua mãe como uma beldade da região, que fazia o próprio filho ficar encantado. “[...] E não era só o seu rosto: a carne de suas coxas eram tão maravilhosamente branca e delicada que muitas vezes quando estávamos tomando banho juntos, eu me pegava olhando para ela encantado. [...]”¹⁵ (tradução nossa). Outro ponto destacado é o fato de não ter tido uma relação muito próxima com seus pais, assim como descrito em *Longing for my mother*, ficando aos cuidados da babá enquanto os pais viajavam ou mesmo dormiam em quartos distantes dentro da própria casa.

Na mesma obra, escrita menos de uma década antes de seu falecimento, Tanizaki fala sobre o local onde nasceu e viveu seus primeiros anos, sobre pessoas que tiveram alguma importância em sua trajetória, como seu avô, e também comenta seu interesse pelo teatro *kabuki* entre outros assuntos. Neste formato de livro de memórias, podemos sentir certa nostalgia em relação ao passado, sendo possível notar como suas primeiras experiências também o influenciaram.

Além de um possível antigo apreço pelo Japão tradicional, bem como as circunstâncias pós-terremoto que o fizeram mudar para uma região em que a modernidade não era encarada da mesma forma que em Tóquio, a proximidade com o escritor e companheiro na corrente literária *Tanbiha*, Kafû Nagai (1879-1959), certamente contribuiu para que Tanizaki refletisse acerca da ocidentalização massiva que o Japão sofria. Kafû passara parte de sua juventude na Europa e lá pôde

¹⁵[...] And it was not only her face: the flesh of her thighs was so marvelously white and delicate that many times when we were taking a bath together, I would find myself looking at her in amazement. [...] (Childhood years – a memoir)

perceber o significado que história e tradição tinham para a civilização europeia. E de como o Japão prestava um papel inferior tentando imitar o Ocidente, deixando para trás sua história. Dessa forma, Kafû passou a idealizar o Japão do passado. (NAKAMURA, 1968)

No final da década de 1920, quase quinze anos antes da publicação¹⁶ do romance aqui analisado, Tanizaki publicara obras como a já citada *Chijin no ai* e *Manji* (1928-1930)¹⁷, nas quais, salvo as devidas particularidades, há contrapontos entre as influências provenientes do Ocidente e um Japão que se curva e até mesmo se desespera, diante das mudanças. Esse período marca a transição pela qual passara o autor, culminando no romance estudado, *As Irmãs Makioka*, considerada sua grande obra, em que a tentativa de resgate da tradição, a busca impossível por um Japão não influenciado pelos países do Ocidente se mostram de modo bastante claro por meio da preservação de imagens de uma beleza tradicional ímpar. Os Makioka parecem reter aspectos da tradição ainda não tocados pela influência ocidental ao mesmo tempo em que as novidades incorporadas ao cotidiano familiar soam com naturalidade, por meio de um enredo sem um personagem principal. O dia a dia de uma família tradicional em decadência e a busca por um pretendente para uma das irmãs é o que nos é dado em primeiro plano. O segundo plano, o cenário e suas entrelinhas, é que nos colocam em contato com a situação do Japão da época, com suas mesclas e sobreposições de culturas, fruto de décadas de contato e influência dos países ocidentais. Esse contexto nos faz entender a dinâmica das personagens, frutos desse Japão em construção e desconstrução, dentre as quais foram escolhidas as quatro irmãs para serem estudadas de modo mais detalhado neste trabalho.

A visão de Tanizaki nessa fase demonstrava que ele não mais concordava e nem mesmo admirava as influências sofridas, seja nas artes, no comportamento ou no modo de pensar do povo japonês. Em suas obras desse período, levantou questões a respeito, retomando aspectos tradicionais japoneses. Em *As irmãs Makioka*, por exemplo, a comparação entre Osaka e Tóquio é um tema constante. O ar saudosista remete a um Japão tradicional, presente mais em Osaka do que em

¹⁶ Primeiramente, os capítulos do romance foram publicados de maneira serial na revista *Chûô koron* em 1943. Por ter seu conteúdo considerado suspeito para a época, a obra foi censurada e somente entre 1946 e 1948 pôde ser publicada em forma de livro.

¹⁷ *Voragem*: traduzido para o português por Leiko Gotoda e publicado pela editora Companhia das Letras em 2001.

Tóquio, que vinha perdendo sua força e parece resistir sem esperanças de êxito. A representação alegórica desse fato ficaria a cargo de Yukiko, a terceira das irmãs, de aparência frágil e beleza clássica, talvez uma das últimas belezas nos moldes do Japão de outros tempos.

O cenário do romance em questão é capaz de nos contextualizar a respeito dos acontecimentos tanto no Japão, quanto no exterior, trazendo dados e fatos que realmente aconteceram, reforçando a sensação de veracidade da obra. As semelhanças com a realidade, entretanto, não se resumem a datas e acontecimentos históricos. Assim como em outras obras, há também em *As Irmãs Makioka* elementos da vida pessoal do autor. Além de ter fixado residência em Osaka, a esposa atual na época, Matsuko Morita, pertencia a uma família tradicional e possuía outras irmãs, assim como no romance estudado. Contudo, não se pretende nesta pesquisa explorar a fundo essa faceta da obra, ainda que a análise das personagens possa remeter às inspirações para a criação dos mesmos. Em outras palavras, o foco principal deste estudo é analisar as figuras das quatro irmãs da família Makioka, reconhecendo uma possível inspiração em modelos reais, mas atendo-se, sobretudo, à construção das personalidades apresentadas pelo autor em sua obra de ficção.

Além dos fatos verídicos, o autor usa como artifício eventos como celebrações típicas e as estações do ano para indicar a passagem do tempo. As cerejeiras em flor, a caça aos vagalumes e o ano novo servem como exemplos de uma unidade cíclica do tempo. Na literatura japonesa é recorrente a menção às estações do ano, visto que, por serem bastante definidas no Japão, acabam sendo, de fato, um eficiente indicativo da passagem e transição do tempo. Não só esse tempo cíclico é enfatizado no texto, mas também a efemeridade da vida, sujeita ao tempo cronológico. Assim como a flor de cerejeira surge, atinge seu ápice de beleza e desfolha em poucos dias, também a juventude é efêmera. Não à toa, nos encontros anuais da família para apreciar as cerejeiras em flor, constantemente Sachiko pensava sobre o próximo ano e o casamento ainda não realizado das irmãs mais novas. A vida passava e a juventude ia ficando para trás. (NOGUCHI, 1977)

A mudança para Kansai e o avançar da idade proporcionaram a Tanizaki o apreço por costumes ditos mais elegantes. Afirma-se também que essa reprodução da vida de períodos clássicos, como se pode ver pelos exemplos inseridos na obra

estudada: a apreciação da lua para compor poemas, a caça aos pirilampos e, obviamente, a apreciação das cerejeiras em flor, tenha sido enfatizada pelo trabalho de tradução para a língua moderna que ele desenvolvia de *Genji Monogatari*¹⁸ (*A narrativa de Genji*, início do século XI) de Murasaki Shikibu (978? – 1026?).

O deslocamento geográfico teve grande influência em sua mudança de estilo, o autor passou a valorizar paisagens e elementos relacionados à literatura Ô (palaciana), que pode ser traduzida como literatura do período imperial (séc. IX a XI aproximadamente), como que reproduzindo a história com admiração.

[...] Jun'ichiro foi antes de mais nada um adepto da estética e um epicurista. Quando jovem, mostrou uma busca anormal pela sensualidade, mas ao mudar para Kansai, mas ao começar a fincar raízes em Kansai e com o avançar da idade, passou a seguir costumes mais elegantes. [...] (ASAMI, 1949, p. 5, tradução nossa)¹⁹

Não por acaso, o romance *As irmãs Makioka* é associado constantemente à grandiosa história de *Genji Monogatari*, como se o escritor tivesse se inspirado na vida da aristocracia do período Heian (784-1185) para criar a trama da tradicional família da região de Osaka. Afirma-se que ele tentou reviver um tempo anterior por meio da valorização da vida palaciana e aristocrática que tendia a desaparecer. Isso combinado ao passar dos anos que parecia amadurecer o gosto do autor, como se *As irmãs Makioka* representassem seu estado de espírito na época.

Para Noguchi (1977, p. 12), “O que Tanizaki aprendeu com Genji, portanto, não foi apenas a teoria abstrata da temática ou enredo, mas uma sensibilidade para a melhor forma de expressar o erotismo inefavelmente sutil que ele achou que emanava de suas mulheres no diálogo e narrativa”²⁰ (tradução nossa). Dessa forma, o autor afirma que Tanizaki também explorou um erotismo proveniente de suas personagens femininas, no caso as irmãs, absorvido da narrativa de Genji.

Outro ponto que remete às questões da época refere-se ao fato de que

¹⁸Genji Monogatari – considerada o primeiro romance do mundo, escrito no período Heian no século XI, Japão. Narra a história de Hikaru Genji, um filho de imperador, trazendo aspectos da vida da aristocracia da época.

¹⁹[...] 潤一郎はもともと唯美派でエピキュリアンである。若い時代派それが異常な官能追求に向っていたが、関西に腰を据えるようになり、そして（やが）て際を取って来ると、それが一種の風流趣味の方向を辿るようになった。 [...]

²⁰“What Tanizaki learned from Genji, therefore, was no merely abstract theory of thematics or plot, but a sensibility towards how best to express the ineffably subtle eroticism that he found emanating from its women in dialogue and narrative.”

quando o romance, publicado em três volumes, estava sendo escrito teve alguns capítulos censurados por apresentar conteúdo considerado indevido para o momento, quando o mundo atravessava uma guerra e o Japão procurava definir o que seria mais ou menos conveniente para ser publicado²¹. Como dito, o autor não faz uma crítica explícita aos acontecimentos históricos, no entanto, o desenrolar da obra e detalhes como a presença de estrangeiros e sua convivência com a família Makioka fornecem as ferramentas necessárias para que o leitor construa o pano de fundo dos acontecimentos.

Pode-se dizer que as irmãs representam um recorte do que era a sociedade do período, mesclando elementos de culturas ocidentais com a tradição japonesa no cenário e contexto narrados na obra. Um dos pontos que nos chamou a atenção, bastante valorizado pelo narrador para demonstrar as diferenças existentes entre as irmãs, é a questão das vestimentas escolhidas e privilegiadas por cada personagem. As novidades existiam, contudo as escolhas de cada um dependiam de fatores diversos, como gosto pessoal, praticidade, condição financeira e demanda. A introdução e adoção de elementos de culturas do Ocidente ocorreu de forma gradual, embora o bombardeio de elementos estrangeiros tenha sido intenso.

Tanizaki tornou-se um escritor reconhecido mundialmente, tendo suas obras traduzidas para diversas línguas, inclusive para o português. Fez parte de grupos de escritores e há comentários a respeito de uma possível indicação para o prêmio Nobel. Sua personalidade crítica e forte talvez tenha contribuído para que a nomeação não se concretizasse.

O romance *As irmãs Makioka* (1943-1948) é considerado a obra prima de Tanizaki, um marco da literatura japonesa e, também, tem lugar de destaque no contexto da literatura mundial. Recentemente, em 2011, a revista Bravo! elencou o romance como um dos cem livros essenciais da literatura de todo o mundo.

Foi traduzido no Brasil em 2005, num momento em que outras obras de Tanizaki já haviam sido traduzidas. Uma de suas principais tradutoras no Brasil, Leiko Gotoda, é também sua sobrinha e, de acordo com informações extraoficiais, teve papel importante para que as obras de Tanizaki começassem a ser trazidas para o público brasileiro. Gotoda acreditava que traduzindo obras japonesas, poderia

²¹ Desde 1925 vigorava a Lei de preservação da Paz, a qual ia contra qualquer manifestação, intelectual ou não, que não estivesse de acordo com o sistema político vigente ou que apresentasse possíveis relações com o comunismo ou anarquismo.

transmitir a cultura japonesa para os brasileiros, seus filhos, principalmente.

O livro 1 do romance aqui analisado foi também traduzido por Leiko Gotoda. Importante dizer que a tradução brasileira foi realizada em conjunto por quatro tradutoras, cabendo à editora buscar estratégias para que o texto ficasse fluído e uniforme. Outro ponto relevante no que diz respeito à tradução, foram as estratégias utilizadas para os regionalismos do dialeto da região de Osaka.

A região de Kansai compreende Quioto, Kobe e Osaka, além de cidades em seu entorno, como Ibaraki, Hirakata e Nishinomiya. Nessa região, utiliza-se o chamado *Kansai-ben*, e em Osaka, há ainda a presença de termos e frases específicas, constituindo o que se chama *Osaka-ben*. Afirma-se que antes do desenvolvimento do transporte e comunicação modernos, as diferentes regiões do Japão não mantinham muito contato entre si. Com a chegada de meios mais modernos e da centralização do poder em Tóquio, o dialeto falado nessa região passou a ser considerado o dialeto padrão, utilizado nos meios de comunicação e ensinado nas escolas.

Na obra, Kansai, especialmente Osaka, é o palco principal dos acontecimentos. Contudo, há comparações dessa região com a capital Tóquio em várias passagens, seja acerca da cultura, do choque entre o moderno e o tradicional, seja em relação à língua, principalmente quando a primogênita da família Makioka precisa se mudar com marido e filhos para Tóquio.

Naturalmente, no texto original o autor explora as diferenças de dialetos e é possível ao leitor transportar-se para as situações e vivenciar, de certa forma, os conflitos linguísticos. No entanto, na tradução muito dessa sutileza acaba se perdendo, visto que nem todas as peculiaridades de dialetos podem ser traduzidas. Algumas das estratégias utilizadas foram notas de rodapé, explicações inseridas no próprio texto, manutenção dos termos originais, etc., para que se preservasse ao máximo as características da obra original. Além da preocupação com as questões linguísticas, cabe salientar que, de acordo com entrevista com algumas das tradutoras, uma das preocupações dos editores foi a uniformização textual, visto que a tradução foi realizada em conjunto. Para tanto, a revisão foi feita por uma única pessoa, com consulta às tradutoras.

A seguir, alguns trechos do livro que ilustram a diferença causada pelas particularidades do dialeto, e que, naturalmente, não se nota na tradução.

「Mb化学は工業いうたら、仏蘭西系の会社やねんなあ」 (TANIZAKI, 1983, p.8)

MB kagakuwa kougyou iutara, furansuno kaishayanennaa

“A Companhia MB de Produtos Químicos é francesa, não é?” (TANIZAKI, 2005, p.12)

や (ya) - substitui だ (da)

ねん (nen) - utilizado no final da frase quando se exige resposta do interlocutor e suaviza a frase.

「けど、あの人らはそない思うてくれへんもん。[...]」 (TANIZAKI, p.66)
Kedo, anohitorawa sonai omoutekurehenmon.

“Mas não é assim que essa gente vê as coisas. [...]” (TANIZAKI, 2005, p.60)

へん (hen) – substitui ない (nai), forma negativa informal.

O trecho em que o narrador explica o modo como Taeko, a irmã caçula, se referia às irmãs mais velhas foi suprimido na tradução:

「幸子の上にもう一人本家の姉鶴子がいるので、妙子は幼い頃の癖で、幸子のことを「中姉ちゃん」、雪子のことを「雪姉ちゃん」と呼びならわしたが、その「ゆきあんちゃん」が詰まって「きあんちゃん」と聞えた。」 (TANIZAKI, 1983, p. 10)

O termo *nakaanchan*, 中姉ちゃん, significa “irmã do meio” e é utilizado para se referir à Sachiko. Já, o termo *yukianchan*, 雪姉ちゃん, significaria algo como “irmã Yukiko”.

De modo geral, a tradução segue as referências ao *Kansai-ben* e ao japonês padrão conforme o texto original: “「二人は小聲で語り会うのさえ上方訛を聞かえることが気が引けるので[...]」 (TANIZAKI, p.863). Na tradução temos: “[...] As duas ficaram com receio até mesmo de falar baixinho, com vergonha de expor o dialeto da região de Kyoto e Osaka. [...] (TANIZAKI, p.688)

Assim, como na tradução para o português, a tradução em inglês faz uso de explicação prévia para que o leitor tenha conhecimento de qual linguagem está sendo utilizada nos diálogos: “‘And where's Yukiko?’ ‘She is watching Etsuko practice,’ said Taeko. Both sisters spoke in the quiet, unhurried Osaka dialect.” (TANIZAKI, p.3). Em português seria algo como: “As duas irmãs falavam no dialeto calmo e sem pressa de Osaka.” (tradução nossa)

Tanizaki foi um importante e prolífico escritor e algumas de suas obras foram traduzidas para o português, como *Amor insensato* (1924; Companhia das Letras, 2004), *Voragem* (1928; idem, 2001), *Há quem prefira urtigas* (1930; idem, 2003), *A vida secreta do sr. Musashi e Kuzu* (1935; Companhia das Letras, 2009), *A chave* (1956; idem, 2000) e *Diário de um velho louco* (1961, Estação Liberdade, 2002). É ainda autor do ensaio *Em louvor da Sombra* (1937; Companhia das Letras, 2007).

Capítulo 2 – As personagens periféricas

A história, apesar de priorizar o cotidiano das quatro irmãs, apresenta uma série de personagens de caráter secundário. Mesmo não sendo centrais na trama, tais personagens são de fundamental importância para a análise e compreensão das figuras principais. A partir do relacionamento travado entre essas personagens e as irmãs, bem como o modo como se enxergam mutuamente, é possível uma aproximação do que o autor provavelmente pretendia passar na construção de cada uma delas. Assim, torna-se necessário voltar o olhar para aqueles que estão em torno das quatro, apoiando o futuro enlace de Yukiko, fazendo parte de seu dia-a-dia e refletindo de algum modo suas personalidades.

2.1. Personagens masculinas

Começando pelos outros membros da família, temos os cunhados, com os quais as irmãs possuem uma relação próxima, visto que ambos, adotados pela família Makioka, tinham como responsabilidade zelar pelo futuro das mais novas, além de, claro, desempenhar os papéis de esposos e pais de família. Tatsuo e Teinosuke, esposos de Tsuruko e Sachiko, aparentavam ser bastante diferentes em suas personalidades e gostos pessoais. Isso determinava o modo como se relacionavam com a família e de que maneira conduziam suas responsabilidades, fossem estas profissionais ou pessoais.

Tatsuo era filho de banqueiro e, apesar de ter sido adotado pela família Makioka com o intuito de dar prosseguimento aos negócios após a morte do sogro, preferiu seguir a profissão do pai.

[...] Tanto assim que, mesmo depois de herdá-la oficialmente, deixou aos cuidados do sogro e de um gerente a administração do empreendimento. Falecido o sogro, Tatsuo enfrentou a oposição das cunhadas e parentes que consideravam a empresa recuperável caso houvesse empenho para tanto, e entregou a direção da loja a um descendente de antigos vassallos dos Makioka que se tinha estabelecido no mesmo ramo de negócios. Em seguida, Tatsuo

voltou ao seu antigo banco. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 19)

Pode-se perceber que logo após a morte do sogro, anos antes do início da narrativa, Tatsuo e as cunhadas já não nutriam um relacionamento muito próximo. As irmãs não aprovavam a renúncia pelos negócios da família, visto que Tatsuo recebera o posto de herdeiro principal, incumbido de reerguer a loja que passava por dificuldades financeiras.

No concernente às irmãs mais novas, a responsabilidade tanto pelo cuidado com a formação, bem como a procura por bons pretendentes, também ficaram a cargo da casa central, habitada pela família formada pela primogênita. As irmãs mais novas não simpatizavam com o jeito mais reservado de Tatsuo, o que contribuía para a falta de intimidade entre eles. Cabia a ele o papel deixado pelo pai, aquele que determinava as regras, porém, sem o lado positivo das regalias que o patriarca oferecia às filhas. É possível enxergar uma certa inflexibilidade das irmãs, proveniente do modelo de criação a que foram submetidas, moças de família tradicional, que deveriam seguir um padrão pré-determinado e que também tinham seus desejos atendidos pelo pai. Tatsuo chegou a apresentar uma proposta de *miai* para Yukiko, o qual não resultou em compromisso. Por conta da demora de Yukiko e de sua timidez, Tatsuo acabou passando por uma situação desconfortável com o chefe que intermediara os entendimentos entre as duas famílias. A partir desse episódio, ele passou a desconfiar de Yukiko, a qual, até então, sempre considerara submissa.

Pois só então Tatsuo descobriu que Yukiko, introvertida e tímida a ponto de quase não conseguir falar em presença de estranhos, possuía uma faceta destoante. Ela não era exatamente a mulher submissa que aparentava ser. (TANIZAKI, 2005, p. 19-20)

Essa opinião de Tatsuo é dada ao leitor logo no início da narrativa, indicando que a imagem externa que se constrói de Yukiko, como sendo um exemplar, talvez o último, da mulher japonesa tradicional, é um tanto superficial. No entanto, a imagem de boa moça vai sendo reforçada durante a narrativa pelas irmãs e pelos outros que a cercam.

Na ocasião do escândalo veiculado em um jornal local, acerca de Taeko e seu namorado, em que trocaram os nomes das irmãs e Yukiko acabou exposta, Tatsuo

intercedeu numa tentativa de reaproximação. Porém, o jornal não desmentiu o fato, apenas atualizou a informação com o nome da irmã correta. Assim, Yukiko, ao invés de se sentir agradecida como esperava Tatsuo, zangou-se pelo fato de o cunhado expor também a irmã caçula, alegando este ser sovina por não subornar o jornal, além de ter tomado tal atitude sem consulta prévia dos familiares.

[...] Falando de modo honesto, Tatsuo nutria a secreta esperança de ganhar a simpatia de Yukiko ao restaurar-lhe a inocência, ainda que para isso tivesse de sacrificar a caçula. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 23)

Por essas e outras, Tatsuo abriu mão da responsabilidade de encontrar um noivo para Yukiko, deixando a tarefa mais a cargo da casa secundária, formada pela família de Sachiko. E, em mais uma demonstração de não se importar muito com o desligamento do centro da família, Tatsuo aceita ocupar um cargo na filial de sua empresa em Tóquio. Mesmo tendo que viver longe de Osaka, levando a família para um padrão de vida aquém do levado na terra natal, onde precisavam manter as aparências de uma tradicional família.

Essa mudança, além de física e geográfica, representa os novos caminhos que a família Makioka precisava buscar. Os tempos áureos estavam de fato ficando para trás e alternativas deveriam ser levadas em consideração. O fato de abdicarem de um estilo de vida mais abastado, não precisando se preocupar com olhares alheios, reforça a conjuntura do país, que atravessava uma guerra e não podia mais usufruir de luxos e supérfluos. A mudança é ainda mais emblemática por se tratar da mudança da casa central, eixo principal da família Makioka. A Tatsuo e Tsuruko cabia a função de dirigir a família, cuidar do futuro dos negócios, bem como das irmãs mais novas. E, sem grandes dramas, esse alicerce era transferido, ironicamente, para o local que se contrapunha à Osaka em termos de modernização e perda de tradições. Tóquio era, comparada à Osaka na região de Kansai, um local de maior contato com as influências vindas do exterior. A capital era a porta de entrada para o novo, estampado de diferentes modos e em áreas diversas. Osaka ainda parecia conservar certas tradições e cenários de um Japão do passado.

Desde antes da mudança, as cunhadas já consideravam Tatsuo sovina. Talvez por ele não poder viver da mesma forma que a família Makioka vivia no passado, por ter uma família maior e ainda ter de administrar a herança das cunhadas mais novas. O fato é que a antipatia pelo marido de Tsuruko existia e cada

atitude sua parecia piorar sua imagem.

A administração da herança familiar era um ponto que gerava certo desconforto. De acordo com os costumes, ficava a cargo do primeiro genro a mesada oferecida às mais novas, além da quantia reservada para a ocasião do casamento destas. Em algumas passagens, insinua-se que Tatsuo não estaria sendo suficientemente transparente em relação aos valores e ainda pouco flexível com as necessidades e desejos das irmãs mais novas. No entanto, mesmo com o descontentamento e queixas, nada se fazia em relação às atitudes de Tatsuo. Não estava ao alcance das irmãs a possibilidade de mudar esse costume, a tradição de serem supervisionadas, guiadas e sustentadas de acordo com o que o substituto do patriarca decidia.

A partir desse contexto, tanto Yukiko quanto Taeko demonstravam sua insatisfação, preferiam não viver na casa central, mas na prática continuavam atadas às convenções de uma família que buscava preservar costumes antigos. Evidentemente, pouco a pouco alguns nós se afrouxavam, pequenas mudanças ocorriam em alguns detalhes da vida prática, contudo desvencilhar-se de todo o emaranhado da família tradicional era algo trabalhoso e demorado, que certamente não aconteceria num par de anos.

O mais relevante na personagem de Tatsuo para a análise das irmãs, além do distanciamento daquilo que as convenções o ofereciam, é a forma como ele, e somente ele, consegue ler Yukiko logo no início da narrativa. Enquanto todos insistem numa imagem, ele a percebe sem os filtros de boa moça e tradicional mulher. E ainda prefere se distanciar da responsabilidade familiar de intermediar o casamento da cunhada.

Teinosuke, marido de Sachiko, era contador e considerado menos austero que Tatsuo. A casa secundária, constituída pelo casal e apenas uma filha, Etsuko, levava uma vida mais tranquila. Frequentemente viajavam e compareciam a recitais e peças de teatro. A casa também contava com algumas criadas, um luxo para o contexto da época, se pensarmos que até mesmo Tsuruko, a irmã mais velha, num determinado momento da narrativa, aproveitava as roupas das demais irmãs e até mesmo controlava gastos com as refeições servidas em casa.

As irmãs mais novas nitidamente preferiam a casa secundária e pareciam

manter uma relação mais próxima com Teinosuke, com o qual conversavam e bebiam em algumas ocasiões. O cunhado não tinha a responsabilidade principal de supervisionar os passos de Yukiko e Taeko, apesar de ter assumido papel importante na busca de um companheiro para a terceira irmã. Em outras palavras, Teinosuke mantinha uma relação mais leve com as cunhadas e não se preocupava em recebê-las por estadias longas em sua casa, desde que isso não representasse problemas com a casa central.

O ambiente da casa secundária era mais confortável também em termos de espaço, pelo fato de o casal ter apenas uma filha. Lá as irmãs mais novas podiam se acomodar melhor, sem ter de dividir ou ocupar os aposentos destinados aos sobrinhos, filhos de Tsuruko. A família da casa central era volumosa, as crianças exigiam maiores gastos e o espaço acabava reduzido. Ou seja, a casa secundária era um ambiente mais tranquilo e talvez mais próximo, em termos de conforto, do que a família Makioka dispunha nos tempos em que o patriarca estava vivo.

Teinosuke parecia ser um bom marido, satisfeito e envaidecido pela beleza da esposa. Tinha gosto apurado para padrões e tecidos e priorizava o traje ocidental, por conta de seu trabalho, como quase todos os homens da época. Além disso, possuía gosto literário exigente e compunha poemas de estilo *waka*²², o que podemos entender como mais uma prova de sua sensibilidade, também expressa em sua forma de se relacionar com as pessoas.

O marido de Sachiko, Teinosuke [...] era muito diferente do severo Tatsuo: sua formação de economista não o impedia de ter acentuado gosto literário e de compor ele próprio poemas do tipo *waka*. Para as duas irmãs mais novas, Teinosuke era também uma figura menos temida, porque não fora investido do poder de supervisioná-las. O único problema era que ele se sentia em falta com a casa central quando suas jovens cunhadas deixavam-se ficar por períodos muito longos em sua casa. (TANIZAKI, 2005, p. 24)

A impressão que se tem é que Teinosuke era um marido perfeito, sentia-se orgulhoso de estar ao lado da esposa, de quem tanto admirava a beleza. Também evitava desentender-se com o restante da família e zelava pelo relacionamento que tinha com os outros membros, sempre procurando fazer o que considerava adequado. Se pensarmos na provável inspiração que Tanizaki teve com fatos de sua

²²Poema curto japonês formado por versos de cinco e sete sílabas (5-7-5-7-7).

vida pessoal, utilizando a família da terceira esposa para criar a família Makioka, pode-se dizer que na trama analisada, o autor faria o papel de Teinosuke. É de conhecimento público que Tanizaki manteve um relacionamento extraconjugal com uma de suas cunhadas, com troca de cartas²³, contudo isso não é mencionado na obra analisada. Não nos cabe a tarefa de comparar as minúcias do que é real ou ficção dentro do romance, mas não se pode deixar de lado o fato de Teinosuke ser uma personagem um tanto correta, admirável, esposo perfeito, amante de poesia e, ainda assim, apagado na história, como que à sombra de Sachiko.

Mas quem mais se empenhou em reter Yukiko desta feita foi Teinosuke. Alegou que Yukiko se arrependeria pelo resto do ano caso fosse embora sem ver as flores e que, além do mais, ela era personagem importante e imprescindível no ritual anual da família. Na verdade, o que vinha preocupando Teinosuke não eram tais trivialidades, mas o estado emocional da mulher que, mal se via a sós com ele, só falava da criança perdida com lágrimas nos olhos. Ver as cerejeiras em flor com as irmãs talvez a distraísse, pensava Teinosuke. (TANIZAKI, 2005, p. 222)

No trecho acima podemos notar o cunhado insistindo para que Yukiko ficasse por mais tempo em sua casa, algo que, normalmente, ia contra ao que considerava correto, pois procurava evitar conflitos dessa ordem com a casa central. Na sequência, como se a atitude exigisse uma explicação, o narrador expõe o verdadeiro motivo da insistência de Teinosuke com Yukiko. Existe ainda uma remota possibilidade de que alguns sinais a respeito do envolvimento do autor com sua cunhada estejam distribuídos no decorrer da narrativa. Por que Yukiko tinha tanta dificuldade em arrumar um noivo? Por que ela gostava de se alongar tanto nas visitas à casa secundária? É necessário cautela ao seguir por esse viés para não forçarmos semelhanças, como que uma tentativa de enxergar a vida do autor em sua obra. Contudo, não se pode negar a existência dessa possibilidade de leitura, como está retratado na versão cinematográfica do ano de 1983, dirigida por Kon Ichikawa. No filme, é nítida a relação próxima existente entre Teinosuke e Yukiko, o que provoca ciúme em Sachiko. Quando o assunto é a vida do autor, não é raro mencionar seu relacionamento com a família de sua terceira e última esposa, a qual seria de inspiração para a construção da família Makioka.

²³Revelação ao público das cartas trocadas entre Tanizaki e sua terceira esposa, bem como entre o autor e sua cunhada.

Mesmo com uma postura mais sensível e humanitária, política não era seu assunto favorito, principalmente em tempos como o que o país atravessava, quando não era considerado prudente emitir opiniões sobre fatos políticos. Conforme já citado, Tanizaki sofrera com a censura da época, sendo parte da obra estudada proibida de circular. De acordo com Okamoto (2007), na década de 1930, o governo japonês implantou mecanismos de censura nos meios de comunicação e passou a incentivar os literatos a defenderem o Estado no contexto da guerra. Os escritores eram enviados a campos de batalha como repórteres e também ocorrera resgate das tradições feudais japonesas com o objetivo de atingir as massas por meio da publicação de sagas de legendários samurais. Alguns anos depois, em 1941, houve ainda racionamento de papel.²⁴ Tal fato reforça a ideia de que, ainda que de forma não explícita, nas entrelinhas, o autor não deixou de lado questões latentes concernentes ao período histórico pelo qual o mundo atravessava. Desde o fato de uma abastada e tradicional família ter de mudar seus hábitos, até comentários ligados à situação de imigrantes e o papel de seus respectivos países em meio à segunda Guerra Mundial.

A política, em especial a internacional, despertava vivo interesse em Teinosuke, que conhecia os incidentes relatados em jornais e revistas. Ele porém, mantinha, em qualquer circunstância, a atitude de simples observador. Considerava que, naqueles dias de turbulência social, uma opinião leviana, principalmente se emitida diante de estrangeiros desconhecidos, podia trazer consequências imprevisíveis, e contra isso decidira acautelar-se. (TANIZAKI, 2005, p. 117-118)

No trecho acima fica claro o interesse da personagem por questões de política internacional, mas existe um cuidado para não se expor em demasia, visto que o contexto não era dos mais favoráveis. Cabe uma reflexão acerca de que “estrangeiros desconhecidos” poderia representar num plano de análise mais profunda. Possivelmente Tanizaki não se referia apenas às pessoas, mas as utilizou no texto como alegorias dos países participantes da guerra. Teinosuke, como japonês comedido e sensato, reservava suas opiniões mais íntimas a si mesmo, para, mais uma vez, não se ver em uma situação desconfortável diante de outras pessoas.

²⁴Em 2015 foram encontradas e divulgadas ao público cópias de textos de Tanizaki, inclusive manuscritos de *Sasameyuki*, precavendo-se de uma possível censura do período.

Assim também teve de agir o próprio Tanizaki, reduzindo seus comentários a respeito da guerra dentro da história narrada, coibido pelo governo japonês, o qual não aceitara a publicação de conteúdo mais “político”. No livro *As irmãs Makioka*, então, em diversas passagens utiliza a história como pano de fundo da narrativa, mas claramente esse não é o foco principal do autor.

Teinosuke cumpre o papel de uma espécie de intensificador das características das irmãs, principalmente de sua esposa Sachiko. Ele é o marido perfeito, o cunhado com quem as mais novas se dão bem. É ele quem as acompanha em todos os programas e assume a responsabilidade durante os *miai* de Yukiko. Teinosuke parece estar sempre equilibrando as ações para que o bem-estar em torno da família não seja alterado.

Ainda dentro do grupo das personagens masculinas, temos os filhos de Tsuruko, dos quais os mais velhos têm uma certa visibilidade dentro da narrativa quando a família se muda para Tóquio. Por serem maiores, provavelmente já compreendiam o que a mudança de espaço causava no núcleo familiar. Contudo, o que se destaca é o incômodo causado pelo fato de a mãe, Tsuruko, num dado momento não se importar com as convenções e não demonstrar pudores em relação ao comportamento considerado inadequado para uma capital como Tóquio.

- Pois a mim me impressionou a facilidade com que as crianças da casa central aprenderam a língua padrão [...] Estive em Shibuya em novembro do ano passado, isto é, dois ou três meses depois da mudança da família para Tóquio. Pois todos eles já tinham dominado muito bem o dialeto, os mais velhos melhor ainda que os mais novos. [...]

- Hideo começou a dizer que não gosta de andar com a mãe porque ela só fala no nosso dialeto - acrescentou Yukiko. (TANIZAKI, 2005, p. 192-193)

Podemos perceber que a geração dos filhos parecia ter maior afinidade e facilidade para acompanhar as transformações, visto que já tinham nascido e crescido em meio a essa atmosfera. Tsuruko sempre fora dona de casa e embora tivesse acompanhado as lutas e conquistas das mulheres da década de vinte, demonstrava um maior apego às suas raízes. Curioso notar que ao mesmo tempo em que Tsuruko sentia-se confortável num ambiente como o de Tóquio, que não lhe exigia viver de acordo com as aparências e no qual não precisava sustentar o peso do nome da família, ela também não se rendia aos padrões da capital e mantinha,

por exemplo, seu modo de falar interiorano, dispensando o dialeto padrão mesmo em locais públicos.

Saindo do círculo familiar, mas ainda no grupo das personagens masculinas, temos os pretendentes aos quais Yukiko foi apresentada no decorrer da narrativa. Começando pelo primeiro a ser citado, Segoshi, funcionário de uma companhia francesa, de estilo de vida mediano e intermediado pela cabeleireira Itani, amiga dos Makioka. O encontro ocorre, contudo a família acaba postergando uma investigação mais detalhada, o que provoca demora na resposta negativa. Pelo fato de a mãe do candidato apresentar uma doença mental, os Makioka acabam por temer um futuro enlace.

“Quer dizer que vamos recusar mais uma vez?” Escolhido por Itani como primeiro interlocutor das negociações, Teinosuke viera aos poucos se entusiasmando e havia decidido que, caso a casa central se opusesse uma vez mais com argumentos antiquados como aparência ou inadequação social, iria pessoalmente a Osaka para fazer o cunhado e a cunhada reconsiderarem. [...] Mas, por mais que pensasse, um candidato com problema familiar de doença mental era caso sério, a casa central jamais o aceitaria. (TANIZAKI, 2005, p. 92)

Durante o jantar de apresentação e os dias anteriores e posteriores, é possível perceber de que maneira as irmãs lidam com o assunto do casamento de Yukiko. A família busca alguém à altura da tradição que o nome Makioka carrega, alguém que possa proporcionar uma vida tranquila à Yukiko e que também a agrade. Contudo, talvez algumas exigências não mais se adequavam ao momento da família e do país. Além de que o casamento se tornava algo de certa urgência para a terceira dos Makioka.

Nessa mesma ocasião, da recusa de Segoshi, Teinosuke, o qual se mostrou bastante desapontado por mais uma investida sem resultados positivos, lembrou-se da sequência de maus resultados na busca pelo pretendente de Yukiko. Como se uma sombra perseguisse a figura da moça, trazendo má sorte e retardando cada vez mais seu casamento. Contudo, não se pode deixar de mencionar que as exigências dos Makioka dificultavam, e muito, a concretização do objetivo principal: o casamento de uma bela mulher, cheia de qualificações e proveniente de uma boa família.

O pretendente seguinte é o sr. Nomura, apresentado pela sra. Jinba, amiga de Sachiko. Mais velho que Teinosuke, perdera a família, esposa e filhos, e só tinha

como parente viva uma irmã que vivia em Tóquio. Como o *miai* anterior não havia terminado do modo mais agradável, por conta da demora da recusa, desta vez Sachiko resolvera se precaver e pedir mais tempo para as investigações. O fato é que o perfil do candidato não a agradara logo de início e, pessoalmente, não fora diferente. Yukiko, como de costume, não demonstrou nenhuma reação especial diante da proposta, mas deixou escapar uma ponta de vaidade e alívio por ainda receber propostas. Ela sabia de sua condição, de já estar em idade avançada para o casamento e mesmo não se empolgando muito com os candidatos, nessa passagem é possível notar que lhe fazia bem de alguma forma ainda ter candidatos interessados nela. O que não nos deixa afirmar com clareza se Yukiko realmente desejava continuar solteira ou se casar. Apesar de suas evasivas diante das propostas, existia a vaidade ou mesmo uma esperança de realmente se casar.

– Sachiko – interrompe-a Yukiko nesse instante, voltando-se com calma para o lado da irmã e esforçando-se por sorrir. – Ponha-me sempre a par das propostas de casamento que surgirem. Melhor recebê-las do que não receber nenhuma. Eu mesma me sinto mais animada ao saber que não me esqueceram por completo, entende? (TANIZAKI, 2005, p. 125)

O *miai*, de fato, demorou algum tempo para se concretizar, as investigações foram todas feitas, no entanto, era nítida a calma da família. Muito embora se soubesse da urgência em encontrar alguém para Yukiko, as negociações ganhavam caráter secundário. Mais um indício de que desde início não se apostava muito nesse pretendente. Por fim, Nomura não fora aprovado por uma série de motivos, que incluíam comportamento considerado inadequado, falta de tato com a família, além da aparência envelhecida. Fato é que desde os primeiros momentos das negociações, Sachiko e Teinosuke não demonstraram grande animação pelo pretendente.

Nomura tinha o hábito de dizer palavras sem sentido quando sozinho. Considerado aparentemente inofensivo, tal comportamento só somaria às qualidades negativas listadas pelos familiares. Esta proposta nos mostra de maneira clara como a família, nesse caso Sachiko e Teinosuke ainda mais, apresentavam inúmeras exigências, sempre colocando Yukiko num patamar diferente dos candidatos.

Honestamente falando, Sachiko e Teinosuke apenas levavam avante os trâmites para o *miai* por ser esta a única forma de trazer Yukiko de volta para Kansai. E já que a proposta estava fadada ao insucesso, os dois decidiram não pôr Yukiko a par do estranho hábito do pretendente Minokichi Nomura. (TANIZAKI, 2005, p. 186-187)

Mais uma vez podemos notar uma falta de entusiasmo daqueles que estavam responsáveis por dar a última palavra em relação ao casamento de Yukiko. Naturalmente, buscava-se um bom candidato a esposo a um membro da família, por quem sentiam apreço e consideração, no entanto, o tempo passava de forma implacável, acumulando-se e levando a juventude de Yukiko ano a ano. Seria razoável tanta minúcia, tanta exigência numa escolha que se alongava de modo negativo para a futura noiva? Além disso, não era das mais exemplares a atitude de levar adiante um *miai* já recusado de antemão, na concepção do casal da casa secundária. Só fazia com que o processo demorasse ainda mais e expunha Yukiko a mais uma situação negativa. Estaria a família sabotando o futuro da terceira Makioka? Se fosse essa a situação, ainda que de maneira inconsciente, o que estaria por trás de tal atitude, numa visão mais aprofundada? Seria mesmo Yukiko a única a retardar seu casamento? Não são respostas fáceis, contudo, é fato que uma conjunção de fatores fazia com que o processo se alongasse sobremaneira. Falava-se até mesmo em má sorte, tanto em relação à própria Yukiko, quanto a superstições ligadas à má sorte de modo geral.

A terceira proposta veio de um senhor de nome Sawazaki, intermediada pela família Sugano, da qual a irmã de Tatsuo fazia parte. Foi uma nova tentativa por parte do cunhado em intermediar uma proposta para Yukiko depois de tempos. Para a realização do *miai* parte da família se deslocou para o interior, numa viagem que resgatou um costume antigo japonês, a caça aos pirilampos. A cena é de estética ímpar e possibilita ao leitor visualizar toda sua beleza.

Sachiko não aprovou a maneira como a família Sugano levou à frente as negociações, visto que eles nem sequer conheciam o sr. Sawazaki pessoalmente. Achou indelicado e falta de consideração, em mais uma demonstração de possível super-valorização da família e da irmã. Certamente esperava-se um cuidado em relação às apresentações, mas talvez aqueles que notavam um apego em demasia às convenções por parte dos Makioka tivessem alguma razão. Esse fato revela mudanças nos padrões de comportamento do país. Mesmo famílias tradicionais do

interior, como a Sugano, não seguiam à risca todos os pormenores.

Ao contrário, Sachiko se mostrava presa aos detalhes que acabavam por postergar o casamento da irmã.

Sachiko continuava querendo descobrir porque aquele homem “tão rico” aceitara marcar o *miai* com Yukiko, e olhava para ele tentando encontrar alguma falha. [...] Podia até ser impressão sua, mas sentia algo de furtivo naquele homem; tinha um olha feminino, sorumbático e um pouco temeroso, como se possuísse algum segredo. No entanto, mais do que isso, ele não parecia muito interessado por Yukiko. (TANIZAKI, 2005, p. 494)

Nota-se que Sachiko buscava motivos para que a proposta não se concretizasse. Seja pelo fato de não ter sentido grande interesse por parte do pretendente, seja por não acreditar que os desdobramentos fossem positivos. Mas o narrador descreve claramente o movimento realizado pela irmã além do alívio ao fim do encontro, quando o sr. Sawazaki se despede sem grande entusiasmo. Yukiko, como sempre, mantivera a expressão neutra, não dando margem para especulações a respeito de como se sentia. Na ocasião do almoço, a mancha escura em seu rosto estava bastante evidente, o que poderia ter sido um dos motivos de desinteresse do candidato a noivo, conforme pensou Sachiko. Mas, de fato, o fim do encontro trouxe-lhe alívio.

Pela primeira vez em anos, Yukiko recebera uma recusa, o que havia mexido com os brios da família, visto que esta parecia sempre ocupar posição superior à dos proponentes. O acontecimento afetara o ego da família, que se sentiu destrutada e desvalorizada diante da resposta negativa. Teinosuke e Sachiko chegaram a atribuir a responsabilidade do ocorrido a Tatsuo que “deveria ter examinado os procedimentos da irmã e [...] tinha a obrigação de ter averiguado um pouco mais a respeito de Sawazaki [...]”. Mais uma prova de que havia uma vaidade ferida por parte de Sachiko e do marido, inconformados com o fracasso do encontro. E, novamente, é possível notar o casal Sachiko e Teinosuke incomodados, porém com uma certa satisfação pela não concretização das negociações, visto que o pretendente parecia não ter dado o valor e atenção esperados a Yukiko.

O quarto pretendente é o sr. Hashidera, viúvo e com uma filha. A proposta partiu das sras. Nifu e Itani, as quais pareceram insistentes diante de uma atitude

não muito decidida de Hashidera. Este, por sua vez, manteve um comportamento agradável e leve, tratando com bom humor a situação. É interessante ressaltar que os encontros foram todos bastante informais se comparados à etiqueta que Sachiko buscava cumprir e do retorno que esperava dos proponentes. Ao que parecia, Itani e Nifu agiam com maior rapidez, procurando não perder tempo como as Makioka. Ambas tinham experiência de vida em lugares fora da região de Kansai, o que provavelmente influenciava no modo como conduziam os trâmites. A família se surpreendera com a fluidez dos acontecimentos, mas o pretendente havia agradado a todos.

Apesar do bom andamento, a proposta não foi levada adiante pelo fato de Hashidera considerar Yukiko muito tímida, em virtude de esta ter recusado um convite para encontrarem-se a sós. Hashidera sentiu-se destrutado e de certa forma enganado, pois acreditava que as coisas estavam tomando um outro rumo, no qual uma atitude como a da futura noiva não parecia admissível. Sentiu-se ofendido e desfez as negociações. Essa segunda recusa mostra ao leitor mais características da própria Yukiko que de Hashidera. Enquanto Teinosuke tentava convencer a esposa de que tudo não passara de timidez, de sua personalidade recatada de moça de costumes antigos, Yukiko demonstrava indiferença diante da situação. Parecia não se importar com o fim das negociações e, muito menos, com a reação dos envolvidos. Não fica claro se havia sido mais um recurso para continuar solteira ou se, de fato, atrapalhara-se diante de uma situação inesperada como o convite repentino. A surpresa fora grande, uma vez que todos estavam esperançosos com o andamento dos fatos e, subitamente, Yukiko pusera tudo a perder e nem sequer se mostrava abalada.

“Não é somente o senhor Hashidera que está zangado. A senhora Nifu, Teinosuke e eu também estamos muito bravos!”. Quis dizer a Yukiko, mas engoliu em seco. No entanto, será que a irmã estaria encarando a conduta daquele dia como uma falha? Sendo assim, poderia ao menos ter-se desculpado diante de Teinosuke. Ao pensar que ela era do tipo de pessoa que não se desculpava, mesmo percebendo que deveria fazê-lo, Sachiko voltou a sentir raiva. (TANIZAKI, 2005, p. 588)

Sachiko guardou para si o que sentia para não magoar a irmã, mesmo conhecendo a personalidade de Yukiko e diante de sua apatia de costume. Por que Sachiko procurava respeitar as vontades da irmã? Certamente havia afeto e

cumplicidade fraternal, contudo a dificuldade de Yukiko em ceder e cooperar diante

das negociações, bem como a passividade de Sachiko pareciam se combinar de modo a contribuir para a não realização do casamento.

O último pretendente e o que mais se aproximou de conduzir Yukiko ao altar é o sr. Mimaki. Apresentado por Itani e sua filha, o pretendente agradou a família Makioka por ser de origem nobre, apesar de uma vida com atividades bastante variadas, sem se firmar em profissão definida nem mesmo se casar aos quarenta e cinco anos. Não tinha função definida e vivia na época do dinheiro do pai, após algumas aventuras na área das artes, gastronomia, aeronáutica e arquitetura, atividade esta em que teve maior êxito. Depois de tantas tentativas, parecia ser um bom desfecho para o casamento de Yukiko. Fosse pela falta de opções e correr do tempo, fosse pelas qualidades do proponente, de fato.

As exigências dos encontros arranjados anteriores pareciam ter ficado no passado e, mesmo diante de algumas incertezas e de uma personalidade um tanto fora do que se esperava e buscava, de um pretendente com carreira sólida e vida financeira estável. Questões acerca da fonte de renda futura de Mimaki surgiram, evidentemente. Mimaki certamente não viria a passar por dificuldades financeiras, visto ter origem na nobreza e uma família que o apadrinhava. Contudo, mesmo sendo uma figura agradável, nitidamente o candidato não preenchia a lista de requisitos seguida pela família até então. Algo positivo foi o modo leve e respeitoso com que tratou as irmãs, numa conversa descontraída na ocasião da despedida da sr. Itani em Tóquio.

[...] Lembrou-se, entretanto, de que quando estivera em Tóquio, a irmã mais velha tinha-se mostrado muito contente com as notícias. Segundo ela, daquela vez Yukiko haveria de se casar e fazer parte de uma família da estirpe dos Mimaki, melhorando a imagem dos Makioka perante a família de Tatsuo, já que o marido era tão orgulhoso. Tsuruko chegara a dizer que tinha valido a pena esperar tanto tempo. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 719)

Até mesmo a irmã mais velha mostrava-se satisfeita com o futuro de Yukiko. E a característica do futuro noivo mais exaltada era sempre sua origem, seu sangue nobre. Isso parecia se sobrepôr às demais características. Pouco importava naquele momento se Yukiko viveria na região de Kansai, se se mudaria para Tóquio, se

viveria às custas de empréstimos da família e padrinhos de Mimaki. O importante era

que finalmente se casaria e, acima de tudo, com um membro de uma família de nome tradicional. As aparências mostravam sua relevância de modo nítido.

Ainda dentro do grupo das personagens masculinas, temos os rapazes que se envolveram com Taeko no decorrer da história. Ela deveria aguardar o casamento de Yukiko para dar prosseguimento ao seu, contudo desde os tempos de adolescente já se mostrava contra algumas tradições ainda mantidas pela família. Desde muito nova se envolvera com Kei Okubatake, jovem de família também de comerciantes, conhecido pelo seu comportamento mimado. Durante a adolescência, resolveram fugir para dar continuidade ao namoro, sem esperar o desenrolar dos fatos com Yukiko. Fato este que resultou na notícia veiculada pelo jornal local e que contribuiu para o desentendimento com Tatsuo, conforme já mencionado anteriormente.

Okubatake demonstrava gostar de Taeko e parecia estar disposto a aguardar o tempo necessário para que possam se casar. No entanto, com o passar dos anos, o sentimento parecia se esvair e o relacionamento se enfraquecia. Mesmo com seus defeitos, a família Makioka parecia ser capaz de fechar os olhos para os pontos negativos em função de um relacionamento que fosse aceito perante o olhar da sociedade.

[...] Verdade seja dita, Kei até podia ser um “filhinho de papai” depravado e sem muito futuro, ela sabia muito bem o quanto ele era leviano e desagradável, mas sendo amigo de infância de Taeko e natural de uma família de Senba, pertencia ao mesmo círculo social e sua simpatia ou antipatia pelo rapaz ficava dentro desses limites. No caso de Taeko se casar oficialmente com Okubatake, por mais que viesse a enfrentar dificuldades no futuro, eles não teriam problemas perante a sociedade. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 396)

Taeko também se envolvera com Itakura, fotógrafo e antigo aprendiz da loja da família Okubatake. Viveu por um período nos Estados Unidos, quando estudou fotografia. Na ocasião de seu retorno ao Japão, recebeu apoio da família Okubatake e abriu um pequeno estúdio de fotografia. Aproximou-se de Taeko por meio de fotos que tirava de seus bonecos, mas a relação se estreitou mais na ocasião da grande enchente em que Taeko fora salva por Itakura. De classe social bem distinta, o breve relacionamento incomodou Kei e nunca fora aprovado pela família Makioka, apesar de todos simpatizarem com o fotógrafo. Fica nítido que não estava nos planos dos

Makioka uma possível mescla de estratos sociais, ainda que o momento não fosse dos melhores nem para o Japão, nem para a tradicional família. Além do fato supracitado sobre o salvamento de Taeko, ocasião em que Kei Okubatake demonstrou apreensão, mas quem partiu para a ação, de fato, foi Itakura, evidenciando sua preocupação e certo envolvimento com a caçula da família. O namoro durou pouco, pois Itakura adoeceu e acabou morrendo prematuramente.

[...] Desde o início consideravam-no uma pessoa estranha à sua classe. Ele próprio brincava que queria Oharu como esposa, por isso nunca aventaram que pudesse interessar-se por Taeko. Teria sido estratégia? Mesmo que o rapaz nutrisse qualquer sentimento por ela, era impossível que fosse correspondido. [...] É certo que Taeko cometera erros no passado, mas não poderia estar tão desesperada a ponto de manchar sua reputação. Afinal ela era uma Makioka. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 339)

No trecho acima temos acesso às reflexões de Sachiko ao saber, por meio de Okubatake, do possível envolvimento da irmã com o fotógrafo. Nota-se o quanto soava descabido qualquer tipo de relacionamento íntimo entre os dois, deixando clara a maneira como Sachiko enxergava os seus e os de classe inferior. Como óleo e água, não poderiam se misturar de forma alguma, seria algo a manchar a imagem da irmã e da família.

Não se levou em consideração o cuidado ou um possível interesse genuíno das partes envolvidas, somente a desconfiança de uma tentativa de Itakura de infiltrar-se numa família de maior tradição e posses. Nitidamente, as relações se pautavam pela manutenção das aparências e interesses em primeiro lugar.

O último envolvimento de Taeko é o *barman* Miyoshi, também de classe inferior, com quem Taeko passa a viver junto e de quem acabou ficando grávida. Naturalmente a família não aprovava o namoro, principalmente com a notícia da gravidez, o que acabou afastando Taeko das irmãs, pois era inconcebível que a caçula de uma tradicional família tivesse um filho antes do casamento. Principalmente porque o casamento de Yukiko ainda era pauta principal, passando pelos trâmites finais.

Era um rapaz simpático, mas como o encontro tinha durado menos de uma hora, não pudera observá-lo com detalhes. De todo modo, pareceu-lhe mais sério e sincero que Itakura. Embora não tivesse falado de forma apressionar Miyoshi, explicou Teinosuke à esposa, o

rapaz havia reconhecido ter parte da responsabilidade pelo o que acontecera, e se desculpado com palavras respeitadas. [...] o rapaz não apenas tinha aceitado tudo o que ele havia proposto, como também entendera seus sentimentos e se emocionara, tinha consciência de não ser uma pessoa com qualificações à altura para desposar Taeko. (TANIZAKI, 2005, p. 707)

É possível notar que desde a primeira experiência amorosa, Taeko vai de encontro às exigências e expectativas familiares. Assim como também acontece com Yukiko, a escolha ou aceitação de um pretendente para desposar uma Makioka dependiam de fatores diretamente relacionados ao que se podia observar superficialmente e às regras sociais. O primordial era manter a postura de família tradicional e preservar tudo o que essa posição acarretava de seus membros.

2.2. Personagens femininas

Começando pelo círculo familiar, temos a filha de Sachiko como importante personagem secundária. Conta com apenas sete anos no início da narrativa, mas reflete muito do comportamento da mãe e das tias, principalmente de Yukiko. Bastante apegada à Yukiko, Etsuko parece preferir a companhia da tia à da mãe em muitos momentos. Apesar da pouca idade, a garota, segundo o narrador, sabia diferenciar o amor da mãe do da tia e, principalmente, demonstrava maturidade com relação ao casamento de Yukiko e sua futura mudança de casa.

Apesar da aparente impaciência, Yukiko adorava sentir-se amada pela sobrinha. Etsuko não costumava importar-se tanto com as ocasionais saídas da mãe, mas, por uma razão inexplicável, aferrava-se a Yukiko toda vez que esta se preparava para sair e só lhe permitia ausentar-se sob certas condições. (TANIZAKI, 2005, p. 40)

A relação entre tia e sobrinha acaba sendo mais um motivo para manter Yukiko na casa de Sachiko. Ela enchia a garota de mimos e cuidados, participando do crescimento da garotinha muito mais que a própria mãe. Tatsuo, em alguns momentos, não achava prudente essa aproximação, temendo comentários a respeito de uma suposta negligência de Sachiko.

Esta relação também nos revela uma Yukiko amorosa, que gostava de dar afeto e também de se sentir amada pela garotinha. Como se esse carinho lhe bastasse, chegando ao ponto de Sachiko supor que a condição de solteira aos trinta anos não ser um verdadeiro incômodo para Yukiko. Etsuko também mostra ao leitor características de Sachiko como mãe, durante os momentos em que esta não pestanejava em deixar a filha sob os cuidados da irmã, como se num ato de bondade, pudesse oferecer à irmã algo que talvez ela não tivesse a chance de vivenciar. De fato, Sachiko parecia justificar seu comportamento, de mãe negligente na visão dos outros, com explicações deste feitio. Além de utilizar motivos como um possível maior vigor físico de Yukiko perante as demais irmãs, característica que se opunha a sua aparência frágil.

Há também uma rápida passagem com a presença de uma tia, chamada Tominaga, que seria irmã do patriarca Makioka e a pessoa, ainda viva, que deveria ser mais respeitada e ouvida da família. Ela interferia no paradeiro das sobrinhas mais novas, numa tentativa de manutenção dos costumes antigos. Podemos dizer que sua presença na trama age para “retomar a ordem” na família, que vai passando por transformações, desde a contenção de gastos para realizar as cerimônias em função do aniversário de morte dos antepassados, até a mudança de Tsuruko e família para Tóquio.

Retornando para a casa secundária, temos mais personagens femininas, as criadas. Sachiko contava com uma equipe de aproximadamente cinco ou seis empregadas, mas duas delas, Oharu e Ohisa, eram mais próximas da família e participavam do cotidiano dos Makioka com maior envolvimento. Em alguns momentos, a família se preocupava com o quanto de informações excessivamente pessoais essas criadas estavam envolvidas, visto que poderiam acabar nos ouvidos das outras pessoas.

A presença de criadas num período de guerra, em que as pessoas deveriam conter gastos, mostra como a família Makioka ainda mantinha resquícios dos bons tempos do passado. Porém, mesmo dentro da própria família, havia diferenças, visto que Tsuruko contava com um número bastante inferior de criadas em comparação a Sachiko.

A diferença de classes é outro fator que fica evidenciado nessa relação entre criadas e patroa. As criadas da época iam viver na casa em que trabalhariam em

troca de moradia e refeições praticamente. Eram bem jovens e provenientes de famílias bem pobres. Pensando no período, podemos traçar um paralelo com a personagem Naomi do romance *Amor Insensato*, também de Tanizaki e já mencionado anteriormente. Naomi tinha origem muito humilde e desde bem jovem trabalhava com atendente de um café. Joji, cliente do café que se viu encantado pela jovem, pediu à família para que Naomi morasse com ele e, em troca, ele proveria seu sustento e estudos. A história de Joji e Naomi se passa na década de vinte, alguns anos antes do romance aqui estudado, em Yokohama, região de maior concentração de estrangeiros, se comparada à região de Osaka. Certamente, as situações possuem suas diferenças, contudo a semelhança que podemos ressaltar é o fato de ser comum neste período a presença de criadas nas casas daqueles que possuíam maiores posses. No caso da família Makioka, denota-se uma herança de cunho aristocrático, que evidenciava as diferenças do Japão após diversas transformações desde a abertura dos portos.

A cabeleireira Itani cumpre o papel de casamenteira, auxiliando as irmãs na busca por um pretendente. Ela tem um estilo de vida diferente das mulheres da família Makioka. Independente e ativa, parecia estar sempre à frente, resolvendo as questões de maneira prática e objetiva.

Por muitos anos, Itani viera cuidando do marido, paralisado e acamado. Ao mesmo tempo, administrava o salão de beleza, tinha formado um irmão em medicina e realizara a proeza de matricular a filha num colégio feminino de elite do bairro Mejiro, na primavera anterior. Era portanto perfeitamente compreensível que sua mente fosse muito mais ágil que a da maioria das mulheres e possuísse recursos para enfrentar quase todas as situações. Em contrapartida faltava-lhe feminilidade, coisa um tanto preocupante quando se considerava a natureza da sua profissão. Falava com franqueza tudo o que pensava e não perdia tempo em busca de eufemismos. Apesar disso, quase nunca melindrava os interlocutores porque suas palavras, desprovidas de sarcasmo, apenas expressavam verdades que certas situações requeriam. (TANIZAKI, 2005, p. 17)

A figura de Itani se destaca na narrativa por representar características opostas às encontradas em mulheres de família tradicional, como sustentadas pelas Makioka. Por questões de necessidade e, por que não, personalidade, Itani fazia parte do nicho de mulheres mais independentes e já inseridas no mercado de trabalho. Com exceção de Taeko, as irmãs pareciam viver num tempo diferente, com

preocupações distintas e com menos urgência. É interessante notar a maneira como o narrador a descreve: prática, porém pouco feminina. Como se uma característica anulasse a outra, talvez pelo fato de as mulheres da época ainda estarem conquistando novos espaços e já lutando contra estereótipos.

Itani, na definição do narrador, possuía um perfil mais masculino por apresentar maior objetividade e agilidade. Como se às mulheres do contexto narrado coubessem preocupações que demandassem menos rapidez.

- Telefone para a senhora, patroa! Da parte da senhora Itani – anunciou Oharu nesse momento, vindo às carreiras pelo corredor.
 - Que distração a minha! Tinha me esquecido de ligar para ela!
 - E me parece que o táxi também já chegou.
 - E agora? E agora? Que faço? - Gemeu Sachiko.
 - Yukiko, porém, parecia a tranquilidade personificada, e agia como se nada lhe dissesse respeito.
 - Yukiko, meu bem, o que digo a essa mulher?
 - Diga o que você quiser.
 - Mas você sabe muito bem que ela não vai aceitar qualquer desculpa...
 - Pois então, explique com jeito.
 - Seja como for, desmarco o encontro previsto para amanhã. Está bem assim para você?
 - Hum...
 - Concorda com isso?
 - Hum...
- Sachiko não conseguia ver o rosto da irmã, que se sentava cabisbaixa ao seu lado. (TANIZAKI, 2005, p. 39)

Nesse diálogo é possível identificar de que modo a personalidade ativa de Itani pode fazer-nos perceber o jeito mais calmo de agir das Makioka. Um simples telefonema, cobrando respostas e atitudes das irmãs, deixou Sachiko sem saber o que responder e como conduzir a situação. Yukiko, por sua vez, mostrou-se desinteressada, deixando nas mãos da irmã a responsabilidade, o que a deixou ainda mais atrapalhada.

Podemos dizer que o papel de Itani no decorrer da narrativa é mostrar ao leitor que existiam outros tipos de mulheres no Japão da época, diferentes das irmãs que ainda viviam em função de um bom casamento, do nome e prestígio familiar. Itani levava um tipo de vida de maior iniciativa e que a fazia ser mais independente. Cuidou do marido doente, criou a filha e tocava o próprio negócio. Talvez sua personalidade a tivesse ajudado a ser assim, talvez os fatos da vida tivessem

contribuído para a construção de sua personalidade. O fato é que a cabeleireira parecia viver em outro tempo, à frente das quatro irmãs, as quais pareciam estar ainda presas por uma espécie de fio invisível que as ligavam a um passado mais tradicional.

A filha de Itani, Mitsuyo, independente como a mãe e inserida no mercado de trabalho, também marca presença na narrativa e em um dos *miai* mais importantes: o que finalmente resultou em data para o enlace de Yukiko. Por meio dela, as negociações e encontros entre Mimaki e a família se desenrolaram com êxito. Não se sabe se os esforços resultaram em casamento, contudo foi a ocasião que chegou mais próximo do final feliz, a poucos dias da tão esperada cerimônia de casamento.

Mitsuyo era uma jovem jornalista de uma revista feminina, de personalidade similar à da mãe, mais prática e moderna, principalmente quando comparada às irmãs Makioka. Cerca de dez anos mais jovem que Yukiko e com a vida absolutamente diferente, seja em termos de raízes e tradição familiar, seja no concernente à vida profissional, autonomia financeira e independência. Mitsuyo também representa uma alternativa ao parâmetro de mulher japonesa representado na obra. Fazia parte de uma geração mais jovem e se mostrava emancipada e com objetivos mais definidos. Muito pelas características herdadas da mãe e pela sua condição, que possivelmente não lhe permitia depender de um casamento para sustentar-se.

Há também um episódio em que algumas amigas de Sachiko a visitam, ocasião em que a segunda Makioka se sente inferior, de certa forma, por sentir-se um tanto atrasada em relação às outras, senhoras viajadas e aparentemente mais inteiradas do universo ocidental.

Fazia já algum tempo que Sachiko não via a senhora Nifu, pois nas duas últimas vezes que a amiga a visitara, a própria Sachiko não se encontrava em casa. Pensou em recebê-la no quarto, mas hesitou, pois a amiga não estava sozinha. Sachiko não conhecia muito bem a senhora Shimosuma, e muito menos a senhora Sagara, de quem, aliás, nunca ouvira falar. Nessas circunstâncias, Yukiko ajudaria muito se pudesse recebê-las em seu lugar, mas não era de seu feitio fazer sala a pessoas desconhecidas, Sachiko sabia muito bem disso. (TANIZAKI, 2005, p. 141)

Aqui é possível perceber, apenas na introdução de tais mulheres em cena, o

modo como tanto Sachiko, quanto Yukiko se comportavam diante de visitas. Sachiko, dona da casa e amiga de uma delas, deveria agir como boa anfitriã, mesmo acamada. Pelas circunstâncias, a irmã poderia receber as visitas em seu lugar, mas Yukiko não tinha intimidade com situações como essa. Ao menos não gostava de fazê-lo e a irmã respeitava seu jeito de ser. Aqui, fica evidente, apesar de ser uma situação aparentemente banal, que Yukiko não fazia aquilo que não lhe agradasse. Podemos perceber que a irmã também não a forçava a nada, mesmo sendo algo plausível, uma vez que Sachiko estava indisposta na ocasião.

- Que hora mais inconveniente escolhemos para visitá-la. Não devíamos ter entrado...A culpa é sua, Nifu-san – reclamou a senhora Shinozuma.
- Minha? Que injustiça! A verdade, Makioka-san, é que ontem a senhora Sagara me surgiu de repente em casa, sabe? Ela não conhece direito a área de Kansai, de modo que acabei aceitando o papel de cicerone. Perguntei-lhe então o que gostaria fazer, e ela me disse que queria conhecer uma típica senhora da cidade de Kansai.
- Ora essa!Típica em que sentido?
- Difícil dizer, mas...típica de um modo geral, acho eu. Fiquei imaginando quem melhor se adequaria a essa categoria e, no final, elegi você.
- Que bobagem!
- Talvez seja, mas já que foi eleita, eu a conclamo a considerar-se honrada, a suportar com graça a sua indisposição, e a fazer-nos sala. (TANIZAKI, 2005, p. 142)

Na mesma visita, Sachiko recebeu a alcunha de senhora típica de Osaka e, ao que pareceu, se incomodou com a definição. Talvez por não querer posar de antiquada frente àquelas mulheres, com vidas diferentes da sua. Orgulhava-se de suas origens, da tradição de sua família, mas algo a incomodava naquele contraste em sua própria sala de visitas. Situação elogiosa ou não, o autor usa uma de suas amigas para dar uma definição à condição de Sachiko.

[...] Não se sentia à vontade na presença de mulheres do tipo da senhora Sagara, típica mulher da sociedade de Tóquio que revelava essa condição no jeito de ser e de falar, em gestos e atitudes. Na alta roda de Kansai, a própria Sachiko era considerada uma das que melhor dominavam a língua padrão, o que não a impedia de se sentir inferiorizada diante de tipos como a senhora Sagara. Inferiorizada não era bem o termo. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 144)

No trecho acima, é nítido o desconforto de Sachiko, debilitada pela

indisposição e ainda tendo que fazer sala para visitas que a intimidavam com suas presenças carregadas de modernidade. O narrador justifica o sentimento de Sachiko, dizendo não se tratar de inferioridade, mostrando assim, o ponto de vista da própria. Interessante notar que o narrador durante a maior parte da narrativa prioriza a visão da segunda irmã, o que faz com que o leitor precise ter maior atenção às descrições de fatos e pessoas envolvidas.

Pode-se dizer que aquilo que incomodava Sachiko na senhora Sagara e na situação toda é o que a incomodava nela mesma e em sua vida. Ser uma típica senhora da região de Kansai parecia não funcionar em determinadas situações. A mesma Sachiko que se orgulhava de suas características e visibilidade num determinado nicho, ali, em sua própria casa, diante de um par de senhoras, sentia-se desconfortável. Prova de que o que aquilo que carregava dentro de si, suas inseguranças mais secretas eram acionadas naquele momento. De que valia sua popularidade em função de qualidades talvez já defasadas? Certamente essa dúvida passava pelos seus pensamentos.

2.3. Famílias estrangeiras

Durante o período narrado na obra, muitos estrangeiros viviam no Japão. Em função da guerra, muitos foram obrigados a abandonar seus países de origem e acabaram se instalando no Japão em condições confortáveis ou não. Ao lado da casa de Sachiko, vivia uma família alemã, os Stolz. Eram marido, esposa e três filhos, os quais tinham amizade com Etsuko, principalmente a garotinha de idade próxima. A mãe e o pai também tinham contato com a família Makioka, mas o eixo principal da relação das famílias certamente eram as crianças.

Há também uma família russa, os Kirilenko, que mantinham contato com a família Makioka. Por meio de Katarina, aluna de Taeko, iniciou-se uma amizade e a família Makioka acabou conhecendo os demais membros, irmão e mãe de Katarina.

Katarina foi criada em Xangai, pois foi para lá que a avó fugira por conta da revolução russa. A família Kirilenko se dispersara, mas o irmão tinha vindo para o Japão com a mãe e, segundo Taeko ouvira dizer, tinha frequentado a escola secundária no país e possuía razoável conhecimento de ideogramas japoneses. (TANIZAKI, 2005, p. 106)

Por meio das relações entre os Makioka e essas famílias estrangeiras, podemos perceber uma das visões japonesas perante a guerra e aqueles que necessitaram buscar exílio em terras estrangeiras. Pouco se fala sobre o andamento da segunda guerra mundial, tampouco sobre a situação política do mundo. Num jantar realizado na casa da família Kirilenko, o assunto veio à tona, contudo Teinosuke preferiu não expor opiniões por considerar inoportuno, conforme já mencionado anteriormente. Em outra ocasião, quando Katarina resolveu partir para a Europa, em função de um novo relacionamento, Taeko falou com certo descaso a respeito da facilidade da moça em conseguir um novo pretendente, comparando o fato à sua própria situação e à de Yukiko.

- Vi que vocês têm uma foto do casal imperial japonês no outro aposento. Por que isso?
- Ah, claro que temos! Nós, russos brancos, podemos viver aqui nossas vidas graças ao imperador do Japão! - disse a senhora Kirilenko, subitamente séria.
- Todos os russos brancos somos da mesma opinião: o único país que vai combater o comunismo até o fim é o Japão [...] (TANIZAKI, 2005, p. 117)

O trecho acima revela a opinião de uma parcela dos russos que tiveram o Japão como destino durante a Revolução Russa. A família Kirilenko se desmembrou em função dos acontecimentos, mas os que foram para o Japão pareciam gratos ao país e satisfeitos com a vida que levavam lá. Tanizaki certamente abordou a questão com cautela, visto que em tempos de segunda guerra, quando o livro fora escrito, opiniões poderiam ser interpretadas como ataques ou críticas ao governo japonês.

[...] Segundo lhe explicaram mais tarde, a mãe havia começado a atacar tanto a política como o próprio povo inglês, e os ataques receberam pronta e calorosa contestação por parte da filha. Embora tivesse nascido na Rússia, dizia Katarina, ela havia sido expulsa da própria terra, aportado em Xangai e crescido sob a proteção dos ingleses ali residentes. As escolas inglesas a tinham instruído sem cobrar um centavo sequer de mesalidade. Ela se forma enfermeira, trabalhara em hospitais e ganhara o próprio sustento, tudo isso graças ao povo inglês. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 118)

Contudo, o autor fez questão de ressaltar a divergência de opiniões dentro de um mesmo grupo, os russos brancos, em relação aos desdobramentos da

conjuntura política mundial. Na visão da matriarca e do filho mais velho, o grande mal que assolara a Rússia havia sido o comunismo. Por conta disso, acreditavam que o Japão significava a salvação no combate à sua expansão e criticavam a atuação de outros países. Já Katarina, por ter tomado rumo diferente, fugindo ainda criança para a Xangai e recebendo respaldo da Inglaterra, não conseguia criticar os ingleses, nem mesmo aceitar a opinião de sua mãe, a qual discursava contra a política e o povo do país.

São também abordadas questões referentes às diferenças culturais entre o Japão e os demais países, como por exemplo, a demora em servir os convidados na ocasião do jantar com a família russa, indelicadeza e falta de comunicação na visão da família Makioka.

[...] Taeko, a responsável pela presença da irmã e do cunhado naquela casa, começou também a se afligir e espiava abertamente a sala de jantar, onde a mesa continuava nua. Katarina, contudo, parecia não notar a inquietação de seus convidados. [...] Os Makioka empenhavam-se em manter a conversa, já que a fome se intensificava quando se calavam, mas nem sempre achavam assunto. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 112)

Aqui, o autor aborda características da cultura russa, comparando-a com a japonesa no tocante ao tratamento para com as visitas, mas o que fica mais evidente é a falta de comunicação, apesar de os russos conseguirem se comunicar em japonês. A família Makioka se mostra receptiva e participativa em ocasiões com estrangeiros, mas se incomodava com os momentos de “tensão” provocados pela sua limitação com outras línguas, além das diferenças no tratamento com o outro.

Na ocasião do jantar na casa dos russos, comeram e beberam fartamente, mas não deixaram de se incomodar com detalhes como pontualidade e provável qualidade dos alimentos servidos, o que demonstra que, apesar de pertencerem a um nicho superior da sociedade de Osaka, não fazia parte do costume japonês aperfeiçoar-se de fato em línguas estrangeiras. Mesmo que em outras passagens da narrativa tenhamos a informação dos estudos de francês realizado por Sachiko e Yukiko, na casa dos russos, a tentativa de se comunicar em inglês não rende muitos frutos e é graças ao esforço dos estrangeiros em conversar na língua local que a conversa pôde se estender. Num outro momento, quando Taeko se apresentava com o grupo de dança na casa de Sachiko, Teinosuke se mostrou preocupado com as

crianças e a sra. Stolz em relação aos assentos e à comida.

Em meio aos presentes, Fritz e Rosemarie ocupavam os assentos na primeira fila; ora dobravam as pernas para o lado, ora entrecruzavam-nas, mas permaneciam sentados em suas almofadas e assistiam à apresentação desde o princípio, iniciada com a dança de Etsuko. Hilda Stolz, a mãe das duas crianças, também se encontrava no terraço. [...] Foi convidada a entrar, mas preferiu ficar ali mesmo. Ofereceram-lhe então uma cadeira de vime para que ela se acomodasse no terraço, e de lá ela avistava o palco. (TANIZAKI, 2006, p. 240-241)

O autor, de modo sensível, fez uso de um detalhe simples da cultura japonesa para ilustrar as diferenças. O fato de japoneses comumente sentarem-se de joelhos sobre almofadas, no lugar de cadeiras nos mostra, durante a apresentação de dança na casa secundária, o modo como os anfitriões preocupavam-se com o bem-estar dos convidados alemães. As crianças alemãs, por sua vez, mantinham-se comportadas e esforçavam-se para aguentar as apresentações como os demais, acomodados cada um em sua almofada. A sra. Stolz aceitou a cadeira que lhe fora oferecida, bem como o prato de comida japonesa, o qual dissera agradar seu paladar.

[...] Não havia negócios para o seu marido desde que o Japão entrara em guerra. A loja de Kobe estava praticamente fechada desde o início do ano. [...] Ela disse que seu marido pensou muito e resolveu voltar para a Alemanha. Contou um pouco mais: ele tinha um comércio na Manila, e viera para Kobe havia dois ou três anos. Com muito esforço, construía o alicerce dos seus negócios tendo como base o Oriente. Era lamentável que esse esforço de muitos anos tivesse sido em vão e precisassem ir embora agora. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 304)

A entrada do Japão na guerra dava sinais de mudanças não só para os japoneses, mas também para os estrangeiros que lá viviam. O trecho acima descreve os motivos da partida da família alemã para a Alemanha. Nota-se que os Stolz vinham tentando os negócios no Oriente há alguns anos e, de acordo com outras passagens, mantinham um padrão de vida equivalente ao dos Makioka, visto que possuíam criadas que, inclusive, eram mais bem-pagas que as que trabalhavam em casas japonesas. Na ocasião da partida também temos acesso a detalhes do navio, grande e luxuoso, em que viajariam.

A família Kirilenko também começava a dar sinais de dispersão, com Katarina rumando para a Europa, mesmo em tempos de guerra. A moça russa tinha intenções de viver com a filha e, na Inglaterra, acabou encontrando um marido. Sua coragem e sagacidade impressionavam os Makioka, visto que Katarina seguia firme, rumo aos seus objetivos, por mais esforço que demandassem e ainda que corresse riscos em função do contexto político nebuloso que o mundo vivenciava. No íntimo, talvez, toda sua predestinação tocasse em questões pessoais das Makioka, ainda presas às amarras de uma tradição que poderia não mais fazer sentido naquele momento.

Assim mesmo, quando ela for para a Inglaterra e reencontrar-se com a filha, não voltará a Berlim para esperar por ele?

- Bem...Acho que não

- Então terminará com Yudofu?

- Provavelmente.

- Que simples!

- Talvez seja realmente isso - também se intrometeu Teinosuke. - Para eles, desde o início não era amor, e sim passatempo.

- Talvez isso fosse o mais conveniente e eles não tivessem outra opção para morarem sozinhos no Japão - disse Taeko, como se os defendesse. (TANIZAKI, 2005, p. 413)

Nesse diálogo a família discorre sobre as escolhas de Katarina e o caminho percorrido para tal. Sua praticidade com as relações soava simplista e como falta de amor na visão do casal Sachiko e Teinosuke. Vale ressaltar que a escolha do noivo de Yukiko pautava-se em investigações sobre seu histórico familiar, condições financeiras e até mesmo estado de saúde. E, ao falarem da jovem russa, seu relacionamento carecia de amor e faltava complexidade. Em contrapartida, Taeko expressava sua opinião como se se imaginasse no lugar da russa. Como poderia ser seu futuro ao lado de um companheiro que realmente amasse e que pudesse viver ao lado independentemente da opinião da sociedade e permissão da família.

Esse panorama acerca das personagens que cercam as quatro irmãs e participam de suas vidas durante a narrativa nos possibilita observar suas características a partir de um outro viés. Partindo desse ponto, podemos trabalhar com mais profundidade no estudo da criação das personagens centrais.

O modo como os homens se comportam no romance, por exemplo. Mesmo Tatsuo, considerado de postura mais austera, não apresentava grande resistência em relação aos desejos das irmãs. Teinosuke era uma espécie de admirador e companheiro de todas, sempre às voltas zelando pelo bem-estar da família. Dos

pretendentes de Yukiko e casos de Taeko pode-se dizer que havia encanto frente a beleza das irmãs e respeito pela tradição do nome Makioka. Nenhuma personagem masculina tem papel representativo na trama, todos os que cercam as quatro irmãs de alguma forma estão submetidos a elas. Seja simplesmente pelo encanto, seja pelo compromisso ou parentesco. No entanto, por meio do comportamento de cada uma delas perante os homens, podemos conhecê-las mais a fundo. Seja pela vaidade de Sachiko, timidez de Yukiko ou desenvoltura de Taeko, as relações travadas com essas personagens masculinas revelam lados diversos de cada uma das irmãs.

As personagens femininas nos dão parâmetros para que possamos enxergar melhor a posição das Makioka no contexto em que a narrativa se desenrola. Conforme já mencionado, no período retratado as mulheres já haviam lutado pelo seu lugar no mercado de trabalho e na sociedade de um modo mais amplo, contudo a família Makioka ainda vivia num modelo em que trabalho não era visto com bons olhos para as mulheres de seu círculo. Naturalmente tinham amigas, como Itani, mais ativas e independentes, mas aceitar que uma delas tivesse de trabalhar para prover seu sustento era considerado vergonhoso, pois macularia a imagem de anos de tradição.

Em suma, num primeiro olhar, temos a visão do eu que cada uma delas apresenta ao mundo, com as características que estão mais na superfície e que atingem o olhar do outro mais rapidamente. Num momento posterior, levando em consideração seus relacionamentos interpessoais, bem como características e comportamento daqueles que com elas convivem, temos acesso a novas facetas das Makioka, de acordo com o olhar do outro e do próprio leitor, a partir das relações travadas entre todos.

Capítulo 3 - Análise das quatro irmãs

Neste capítulo, o objetivo é analisar a figura de cada uma das irmãs, levando em consideração suas características físicas e psicológicas, bem como gostos e costumes, dentro do contexto político e social no qual o Japão estava inserido. Como já dito, a despeito do fato de o romance *As irmãs Makioka* ter elementos da vida do próprio autor, de acordo com alguns estudiosos de Jun'ichiro Tanizaki como o já citado Takehiko Noguchi, pretende-se esmiuçar a construção dessas personagens fictícias, sem se ater aos modelos em que podem ter sido inspiradas. Acredita-se que tais personagens representem uma parcela dos habitantes de um país que sofrera incontáveis mudanças em diferentes áreas num curto espaço de tempo, menos de um século, mas que ainda relutava ou tentava se habituar às novidades.

De acordo com Antônio Candido:

A personagem é um ser fictício, - expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? [...] Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem que é concretização deste. (CANDIDO, 2005, p. 55)

É possível dizer que o autor, criando sobre uma inspiração real, tem como resultado uma relação entre a ficção e a realidade, pois uma vez que o ser vivo possui suas particularidades e complexidades que podem mudar com o tempo ou circunstâncias, uma personagem, por mais profunda e bem construída que seja, não alcançará a totalidade de uma pessoa. Candido afirma que “a nossa visão da realidade em geral e, em particular dos seres humanos individuais, é extremamente fragmentária e limitada.” (2005, p. 58). É possível que parte desse ser real seja retratada ou que alguma característica seja potencializada na construção da personagem. No entanto, cabe salientar que romance é ficção, logo, mesmo que se

trate de uma obra construída dentro do gênero intitulado “Romance do Eu”²⁵, como algumas das escritas por Tanizaki, não se trata apenas de produção autobiográfica. Além disso, ainda que contenha elementos verídicos, a obra aqui analisada não se enquadra exatamente no gênero supracitado.

A história que narra o dia a dia de uma tradicional família japonesa da região de Kansai teria sido baseada na família Morita, a família de sua terceira esposa, Matsuko. Conforme já mencionado, no livro, o ponto de partida é a busca por um pretendente adequado para Yukiko, a terceira das quatro irmãs, uma vez que esta já estava em idade avançada para se casar de acordo com o costume da época. O romance, de modo geral, narra a vida da família sob o impacto de um Japão que há pouco recebera forte modernização e que ainda fazia conviver elementos de culturas ocidentais com sua tradição, valorizada na região onde viviam os Makioka.

De fato, alguns pontos da vida do autor coincidem com a da família retratada no romance. Desde o número de irmãs da família Morita e suas características, a mudança da irmã mais velha para Tóquio, um escândalo publicado em um jornal, envolvendo os nomes das irmãs e, principalmente, o caso da terceira irmã, Shigeko Morita, que possivelmente serviu de modelo para a construção de Yukiko. Seu casamento tem a mesma data da personagem, que ocorre no final do romance, 29 de abril de 1941. E há evidências de que as propostas recusadas também foram baseadas em fatos reais (Noguchi, 1977). Contudo, a questão não é saber em que medida as personagens foram construídas com base em pessoas reais para transformar o livro em biografia, mas sim o quanto as personagens são verossímeis e quais são as características que lhes imprimem traços de realidade dentro do universo ficcional criado.

De acordo com Bakhtin, no concernente à relação do autor com seus personagens, as peculiaridades de cada personalidade criada para sua história podem ser evidenciadas:

[...] o autor acentua cada particularidade da sua personagem, cada traço seu, cada acontecimento e cada ato da sua vida, os seus pensamentos e sentimentos, da mesma forma como na vida nós respondemos axiologicamente a cada manifestação daqueles que nos rodeiam; [...] (BAKHTIN, 2003, p.3)

²⁵ O Romance do Eu (*watakushi shôsetsu*) pode ser definido como gênero que surgiu em meio à fase experimental do chamado naturalismo japonês, cujas primeiras manifestações datam de 1906. As obras são de cunho autobiográfico e escritas em primeira pessoa ou terceira pessoa. (NAGAE, 2006)

Podemos afirmar então, que o autor transmite aos leitores aquilo que lhe parece mais relevante e interessante em determinada personagem. Naturalmente, a impressão final caberá a cada leitor, no entanto, não se pode negar que o autor pode guiar da maneira que considerar mais conveniente a imagem de suas personagens. Comparando com a vida real, podemos exemplificar com as reações e impressões que temos diante de pessoas com as quais desenvolvemos algum tipo de relação. Em outras palavras, na vida não nos interessa o todo da pessoa, apenas os aspectos que nos tocam. Já na literatura, Bakhtin afirma que o autor dá respostas às manifestações isoladas da personagem, baseadas numa resposta única ao todo da personagem. Essas manifestações particulares são de extrema importância para caracterizar a personagem como elemento do todo, que seria a obra em questão.

Ainda que exista uma especulação em torno dos modelos que serviram de inspiração para Tanizaki, não é dentro do texto que esses indícios aparecerão. Como afirma Bakhtin, “o artista nada tem a dizer sobre o processo de sua criação, todo situado no produto criado, restando a ele apenas nos indicar a sua obra” (2005, p. 5). Então, mesmo que para uma parte da crítica, Tanizaki tenha claramente se inspirado na família de sua esposa para compor as figuras das irmãs, dentro da narrativa esse não é o ponto mais importante, visto que a personagem é uma das partes que formam a obra, o todo. Sua função é contribuir para que a obra se complete de modo coerente e verossímil, sem espaços vagos. Ou seja, a personagem, independentemente do caminho percorrido para sua criação, tem sua importância dentro da obra e não cabe, ao menos em nosso estudo, investigar e discutir seus pontos em comum com a realidade do autor.

Em seu livro *A personagem de Ficção*, Antônio Candido apresenta um modelo de classificação das personagens em relação aos recursos escolhidos para sua construção, proposto por Mauriac:

1. Disfarce leve do romancista, como ocorre ao adolescente em que quer exprimir-se. [...] Tais personagens ocorrem nos romancistas memorialistas.
2. Cópia fiel de pessoas reais, que não constituem propriamente criações, mas reproduções. Ocorrem nos romancistas retratistas.
3. Inventadas, a partir de um trabalho de tipo especial sobre a realidade. [...] há uma relação inversamente proporcional entre fidelidade ao real e o grau de elaboração. [...] (CANDIDO, 2005 pp. 68-69)

Com base nessas informações, poderíamos classificar as personagens centrais da trama na terceira opção. As inspirações são sim pessoas reais, contudo, existe criação/omissão do autor sobre essas pessoas. Candido também afirma que a única tipologia válida é a terceira, pois “só há um tipo eficaz de personagem, a *inventada*, mas que essa invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca.” (2005, p.69). Ele ainda propõe uma outra classificação, da qual destacamos como mais relevante para esse trabalho personagens transpostas com relativa fidelidade de modelos dados ao romancista por experiência direta e personagens construídas em torno de um modelo, direta ou indiretamente conhecido, mas que é apenas um pretexto básico, um estimulante para o trabalho de caracterização, que explora ao máximo as suas virtualidades por meio da fantasia, quando não as inventa de maneira que os traços da personagem resultante não poderiam, logicamente, convir ao modelo. (CANDIDO, 2005)

É importante dizer que essa tipologia não funciona separadamente, sendo uma tarefa complicada saber dosar a proporção de cada “tipo” a ser utilizada na construção das personagens. Em *As irmãs Makioka* podemos perceber que o conhecimento prévio do autor sobre os modelos reais que utilizou, somado a doses de ficção possibilitaram a criação de um romance crível, mas que não é cópia da realidade.

De acordo com Brait, para estudar a construção das personagens é preciso entender “que tipo de manipulação requer esse processo capaz de reproduzir e inventar seres que se confundem, em nível de recepção, com a complexidade e a força dos seres humanos” (1993, p.12). Dessa forma, cabe ao estudo das personagens também o estudo da escrita do autor e seus artifícios com o uso das palavras para nos fazer acreditar na existência de tais seres. Neste ponto, faz-se necessária menção à importância do narrador, o qual será melhor explorado posteriormente. É por meio dele que temos contato com as personagens, são as descrições feitas pelo narrador que nos ajudam a construir suas imagens, fazendo com que acreditemos que são passíveis de existência. No caso do romance analisado, temos um narrador observador em terceira pessoa, o qual transmite suas impressões a respeito das personagens sem participar da trama.

Candido também nos faz refletir acerca da relação entre a personagem e o meio em que está inserida e que se deseja retratar:

O que se pode dizer, para finalizar, é que a natureza da personagem depende em parte da concepção que preside o romance e das intenções do romancista. Quando, por exemplo, este está interessado em traçar um panorama de costumes, a personagem dependerá provavelmente mais de sua visão dos meios que conhece, e da observação de pessoas cujo comportamento lhe parece significativo. Será em consequência, menos aprofundado psicologicamente, menos imaginado nas camadas subjacentes do espírito [...]. (CANDIDO, 2005, p. 74)

Então, partindo do pressuposto de que o romance é um retrato da sociedade japonesa da época é possível dizer que não temos acesso às questões mais íntimas e complexas de cada personagem. Naturalmente existem particularidades, características mais ou menos marcantes, mas o todo parece ter maior espaço na narrativa.

Num primeiro olhar pode-se dizer que há uma gradação de aspectos tradicionais, sejam de caráter visual ou comportamental, que diminuem de acordo com a ordem de nascimento de cada uma das irmãs. Ou seja, superficialmente, poderíamos afirmar que Tsuruko, a primogênita da família Makioka, seria a mais tradicional e as demais perderiam essa característica como um fator natural à mudança dos tempos, o passar dos anos e introdução de novos hábitos e conceitos no Japão. De acordo com esta linha, gradativamente, Sachiko, seguida por Yukiko e, por fim, Taeko, dariam continuidade a um processo em que o moderno substitui o tradicional. Contudo, cabe salientar que, apesar de ser uma possibilidade plausível, uma vez que com o passar dos anos a tendência natural é acompanhar as mudanças, há outros aspectos relacionados à formação das irmãs que devem ser levados em consideração.

A personalidade é um traço determinante para a formação de cada um, para a definição de preferências e gostos que se adquirem ao longo da vida. Com as quatro irmãs não é diferente. Naturalmente, cada uma delas tem uma personalidade única e, apesar de fazerem parte de uma mesma raiz, o meio externo e a individualidade contribuíram para a construção dessas personagens. Logo, seria precipitado analisá-las tomando apenas alguns dos elementos que as compõem. Obviamente, a questão do tradicional em contraponto ao moderno é latente em todo o romance, por

se tratar de um tema importante da obra, a qual retrata um Japão em transformação, recebendo influências e consolidando novos costumes. Dessa forma, essa questão também se liga à vida e construção das irmãs.

Dante Moreira Leite propõe uma análise psicológica da criação de personagens, explorando a dose de realidade presente em seres fictícios. “Do ponto de vista estritamente literário, interessa apenas o texto final, como um objeto independente, tanto do seu criador quanto das condições em que nasceu.” (LEITE, 2002, p. 170). Assim, podemos seguir na linha de que a análise das personagens centrais da obra de Tanizaki aqui estudada pauta-se no resultado obtido, na ficção, de certa forma descolada da imagem de seu criador.

Abaixo, apresentamos um quadro comparativo com um resumo das características mais visíveis em cada uma das irmãs, para que enfim possamos seguir com a análise.

Fig. 11. Quadro comparativo – características das irmãs

QUADRO COMPARATIVO – AS IRMÃS MAKIOKA				
	TSURUKO	SACHIKO	YUKIKO	TAEKO
Idade no início da narrativa	36	34	30	26
Período vivido	Ajudou na criação das irmãs após a morte da mãe. Viveu os bons tempos da família e acompanhou a decadência iniciada pela má administração dos negócios.	Cresceu durante a boa fase dos Makioka na condição de filha favorita. Também acompanhou as perdas materiais.	Perdeu a mãe muito cedo e o pai havia cerca de dez anos. O casamento ficara por conta das irmãs mais velhas, mas por uma série de fatores demorava a acontecer.	Cresceu quando a família já apresentava outra condição financeira. Como Yukiko, era bem jovem quando perdera os pais e, sendo a caçula, deveria esperar o casamento da irmã para poder realizar o seu.
Estado civil	casada	casada	solteira	solteira
Roupas e acessórios (tradicional x moderno)	Não fica explícito no livro, mas sugere-se que dê preferência aos quimonos.	Usa roupas ocidentais nos dias mais quentes e quimonos nas demais estações.	Prioriza os quimonos, usando vestidos de corte ocidental somente nos dias muito quentes e apenas na presença das irmãs.	Prioriza roupas ocidentais, usando quimonos apenas em celebrações/cerimônias tradicionais e festivas.

Costumes/atividades tradicionais	Casamento e família de moldes tradicionais. Por conta dos muitos filhos, mantém-se envolvida com a administração da casa. Comportamento das mulheres de Kansai, sem pressa para tomar decisões.	Casamento e família de moldes tradicionais, apesar de ter apenas uma filha, em comparação com a irmã mais velha. Comportamento das mulheres de Kansai, sem pressa para tomar decisões. Assume responsabilidades de caberiam à irmã mais velha.	Descrita como típica moça tradicional, criada nos moldes de um Japão de outros tempos, além da aparência clássica e frágil.	Confeção de bonecos tradicionais, prática de dança típica da região.
Costumes/atividades modernos	Após a mudança para Tóquio, mostra um pensamento mais livre, menos preocupado com as aparências.	Casa com decoração ocidental, a filha usa vestidinhos, tenta entender e encobrir as atitudes das irmãs.	Estuda francês e gosta de música ocidental. Apesar da aparência de típica japonesa, consegue manipular as pessoas e situações de acordo com sua vontade.	É a mais moderna das quatro e sempre se mostra bem-informada. Usa roupas ocidentais em seu dia a dia, tem uma atividade remunerada e é independente das irmãs.
Aparência física	Bonita como as demais, contudo este ponto não é muito explorado na obra.	Beleza exuberante e jovialidade notável. Sempre era alertada para não ofuscar a beleza da irmã mais nova, que buscava um pretendente.	Considerada a de beleza mais tradicional, um modelo de beleza clássica japonesa.	Porte robusto e rosto moderno, semelhante à Sachiko. Como as demais, aparentava bem mais jovem, sendo confundida com uma estudante por diversas vezes.

Tsuruko e Sachiko, as mais velhas, eram casadas e possuíam filhos. Tsuruko num primeiro momento vivia na casa central, de modelo tradicional japonês, bem como priorizava o uso de quimonos em seu cotidiano. Num segundo momento, mudou-se para a capital e cedeu um pouco em relação às aparências que sustentava na terra natal. Sachiko vivia na casa secundária, que mesclava tanto características japonesas quanto ocidentais e, com relação às vestimentas, alternava quimonos com vestidos de modelagem ocidental, dependendo do clima.

Yukiko era considerada a de aparência e visual mais tradicional dentre as quatro. No entanto, apesar de se encaixar num possível padrão mais clássico, também tinha apreço por elementos ocidentais. Taeko, ao contrário, era a mais ocidentalizada das quatro. Usava quimonos apenas em ocasiões especiais e mantinha hábitos japoneses, como dança e artesanato local.

Em comum, todas eram admiradas pela beleza e jovialidade. Apesar de algumas diferenças, formavam um belo grupo quando juntas e despertavam olhares por onde passassem.

Fig. 12 – Fotograma do filme *Sasameyuki* retratando Taeko, Yukiko, Sachiko e Tsuruko

Na imagem acima, retirada do filme dirigido por Kon Ichikawa em 1983, temos as quatro irmãs caracterizadas de acordo com a leitura do diretor acerca da obra de Tanizaki. Cabe salientar que a imagem, em nosso trabalho, funciona como mera ilustração, visto que livro e filme são distintos. Ainda que a reprodução cinematográfica tenha sido baseada na obra de Tanizaki, trata-se de outra obra.

Recapitulando, a família Makioka fora tradicional e respeitada no passado, contudo, em função dos gastos excessivos e má administração dos negócios da família durante os últimos anos de vida do patriarca, além do momento histórico, a partir de um dado momento, as filhas não puderam mais desfrutar do mesmo padrão de outrora. Tsuruko e Sachiko, as duas mais velhas, eram as que mais sentiam a decadência dos Makioka, justamente por terem vivido os dois momentos da família.

A mais velha delas, Tsuruko, de fato possuía uma vida mais à moda antiga em comparação com as demais. Casou-se de maneira conveniente e o marido foi

adotado pela família para manter a tradição do sobrenome, prática comum em famílias compostas somente por filhas mulheres. O mesmo ocorreu com a segunda irmã. Por ser mãe de seis filhos, Tsuruko não dispunha de muito tempo livre apesar de, como a segunda irmã Sachiko, manter algumas criadas em casa.

Não tendo sido agraciado com herdeiros, o patriarca dos Makioka passou em sua velhice a chefia da casa central ao filho adotivo Tatsuo, marido de Tsuruko, a filha mais velha e herdeira da casa Makioka. Para a segunda filha, Sachiko, o patriarca também arranhou um marido nos moldes do da primeira, e legou ao casal parte do patrimônio familiar, concedendo-lhe a condição de casa secundária. (TANIZAKI, 2005. p. 19)

As duas mais velhas casaram-se de acordo com o sistema em que os maridos acabavam adotados pela família, podendo dar continuidade ao nome de uma casa só com herdeiras mulheres. É costume no Japão a mulher passar a ter o nome da família do marido, abandonando o nome da sua própria. No entanto, em casos como o da família Makioka, os genros poderiam assumir o nome da família para que a tradição não se perdesse e a família “chegasse ao fim”.

Nem sempre o casamento teve a forma assumida no romance estudado. A sociedade japonesa antiga tinha como modelo de relação a poligamia, no qual os homens podiam ter várias esposas. Esse novo conceito de união, monogâmica, também foi introduzido após a retomada das relações do Japão com o Ocidente.

Na época da aristocracia, o homem fazia visitas noturnas à casa da mulher e somente após o nascimento de um filho ou da morte dos pais da mulher, esta poderia ser aceita como esposa. Nesse contexto, no concernente às pessoas comuns, também ocorria de o noivo oferecer sua força de trabalho para a família da noiva, semelhante ao sistema de adoção, situação em que o homem passa a fazer parte da família da noiva, adotando, inclusive, o sobrenome. Era o sistema chamado *muko-iri*. Esta situação de adoção ocorre no romance estudado, como já comentado anteriormente, visto que a família Makioka não possuía herdeiros do sexo masculino.

Com a ascensão dos samurais no poder, o sistema de adoção das mulheres na família do noivo, denominado *yome-iri* ²⁶ passou a ganhar espaço, sendo

²⁶ [...] um japonês ao esposar a herdeira de uma família, abandona o sobrenome de origem e adquire o *status* de filho legítimo da família da esposa, tornando-se seu real herdeiro dos negócios. [...] No

consolidado no século XIV. No sistema feudal, os casamentos representavam alianças e interesses familiares, logo os interesses dos pretendentes acabaram sendo suprimidos por enlaces arranjados. Nesse contexto surgiam as pessoas encarregadas de intermediar as propostas de casamento, denominados *nakôdo*. No romance analisado, a cabeleireira Itani representa esse papel de intermediar e organizar os encontros para que Yukiko e a família Makioka conheçam os pretendentes.

Enquanto as demais irmãs mantinham o costume de ir a apresentações de teatro e música, bem como o de contemplar as cerejeiras em flor em Quioto, Tsuruko acabava ficando de fora desses momentos por causa da vida atribulada de uma mãe de vários filhos e que também precisava administrar a casa da melhor forma possível. Outro ponto que pode identificá-la como senhora tradicional de Osaka é o fato de, num primeiro momento, mostrar-se absolutamente resistente com a mudança da família para Tóquio por conta de uma promoção recebida pelo marido. Tsuruko dizia que nunca tinha se imaginado vivendo em outro lugar e se mostrava triste com a mudança para uma casa menor, apesar de a promoção significar um passo importante na carreira de Tatsuo. A mudança da família como um todo pode ser vista como mais um símbolo das transformações sofridas pelo Japão. A tradição é deixada para trás e parte-se em busca de uma vida mais dinâmica em uma capital onde borbulhavam as novidades.

A casa central localizada em Uehonmachi, trazia características de uma típica casa da região:

[...] depois de passar pelo portal do muro alto que cercava a casa, chegava-se a uma fachada em treliça. Aberta a porta de entrada, surgia um vestíbulo de terra batida, de onde partia um longo jardim interno que levava em linha reta até o portão de serviço nos fundos da casa. Os aposentos, sombrios mesmo em pleno dia porque as plantas do jardim barravam o sol, eram do tipo antiquado, providos de velhos pilares feitos de tronco de cicuta japonesa cuidadosamente polidos, a brilhar de maneira baça na semi-escuridão. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 148)

De acordo com a descrição, a casa central possuía ambientes escuros e antiquados, sendo mantidos da mesma maneira de outros tempos. Mesmo com

Japão, inclusive nos dias de hoje, é forte a concepção de que ao se casar, a pessoa “corta” o vínculo com a família original e passa a fazer parte da família (*ie*) do cônjuge, tendência esta mais forte entre as mulheres que se casam ou homens que se tornaram *muko-yôshi*. (KIKUCHI, 2004, p. 114)

aspectos negativos de acordo com o ponto de vista das próprias irmãs, como a sombra que dominava o ambiente, tornando-a de certa forma sufocante, a casa era símbolo de uma era para os Makioka. Fora construída por gerações passadas da família e, apesar da insalubridade do local, “perder para sempre a casa de Osaka era o mesmo que perder as raízes”. Neste trecho é possível notar mais um indício de que o passado, na forma da casa antiga da família, está sendo deixado para trás, abrindo caminho para as mudanças, das quais já não valia mais a pena tentar se desviar.

Em seu ensaio *Em louvor da sombra* (2007), Tanizaki discorre sobre as diferenças estéticas entre o ocidente e o Japão, tendo como ponto de partida a valorização da penumbra por parte dos japoneses em diferentes contextos, inclusive na arquitetura:

Mas como a beleza sempre se desenvolve em meio à realidade do nosso cotidiano, nossos antepassados, obrigados a habitar aposentos escuros, descobriram belezas nas sombras e, com o tempo, aprenderam a usar as sombras para favorecer o belo. Realmente a beleza do aposento japonês é apenas gradação de sombras, nada mais nada menos. Considero perfeitamente compreensível e até inevitável que o ocidental, ao examinar um *zashiki*, se espante com sua simplicidade e com suas paredes acinzentadas desprovidas de itens decorativos, mas creio que isso acontece porque não decifrou o enigma da sombra. [...] (TANIZAKI, 2007, p. 31)

A casa central, então, nada mais é do que um perfeito exemplo de uma típica residência japonesa, criada a partir do gosto nipônico, evidenciando estética, funcionalidade e conforto japoneses. Podia parecer ultrapassada se comparada às construções em voga na época, com mais elementos da arquitetura ocidental e mais funcionais, mas carregava consigo lembranças e história da família.

Seguindo o costume japonês, Tsuruko como a mais velha, após o falecimento dos pais, deveria ser a responsável pelo encaminhamento das outras irmãs, principalmente das mais novas ainda solteiras. No entanto, por questões de comodidade ou por sua rotina familiar ser mais atribulada, conforme dito anteriormente, Sachiko, a segunda irmã, toma a frente em diversas situações e assume responsabilidades em relação às irmãs mais novas. Estas, inclusive, preferiam viver na casa de Sachiko a morar com Tsuruko, o que também ia contra os costumes das famílias tradicionais japonesas.

A mudança para Tóquio e a responsabilidade sobre o futuro das irmãs são as únicas passagens relevantes acerca da primogênita dos Makioka dentro da obra estudada. Por sempre viver longe, mesmo em Osaka, a casa principal ficava um pouco distante da casa secundária, e por ter uma vida mais atarefada que as demais, Tsuruko não compartilhava dos momentos comuns às irmãs mais novas. Sachiko recorria à irmã por meio de telefonemas e cartas, mas temos a nítida impressão de distância física e afetiva entre a irmã mais velha e as demais.

Em algumas passagens, fica claro que tanto Tsuruko quanto Sachiko dispunham de personalidades tranquilas e que tomavam decisões num ritmo lento, particular às pessoas da região de acordo com o narrador. Contudo, Tsuruko parecia evidenciar tal característica que, entre outras coisas, tornou mais difícil a escolha de um bom noivo para a terceira irmã, Yukiko, visto que a avaliação da família por vezes se tornava demasiado longa e passava certo ar de descaso, como se a família Makioka, mesmo decadente, não dispendo mais de uma boa condição financeira, ainda se supervalorizasse. A impressão que se tem é que o pé que os Makioka mantinham na tradição fazia com que a família não acompanhasse as mudanças no tempo.

Outro fato que possivelmente retardou o casamento de Yukiko foi a publicação em um certo jornal da região sobre a fuga da irmã mais nova, Taeko, com seu namorado, porém citando erroneamente o nome de Yukiko. Na ocasião, Tatsuo tentou corrigir o problema, mas o jornal não desmentiu o ocorrido, somente retificou os nomes. Para Yukiko, Tatsuo apenas expôs a irmã caçula e se mostrou bastante incomodada com a atitude do cunhado. Além disso, em outra ocasião, Yukiko deixou o cunhado em maus lençóis ao recusar uma proposta de casamento arranjada por seu superior na empresa. Fatores como esses também contribuíram para a preferência das mais novas em viver na casa secundária, sob os cuidados de Sachiko, reforçando o distanciamento de Tsuruko.

Quando se discute a ida da família de Tsuruko para Tóquio, é possível ter maior conhecimento acerca das características da irmã mais velha. Antiquada num primeiro momento, tomada de energia num segundo, Tsuruko se revela preocupada com as aparências e com a opinião alheia. Possivelmente por ter sido assim criada:

[...] Afinal, com a morte da mãe, Tsuruko se vira desde cedo cuidando das irmãs mais novas e do pai. Anos depois, quando o pai

faleceu e as irmãs menores enfim chegaram à idade adulta, ela já era casada, tinha filhos e viu-se com o marido lutando por recuperar a economia familiar combalida. Das quatro irmãs, Tsuruko era, portanto, a que mais sofrera, mas, por outro lado, era também a que tinha mais evidentes os traços de “mocinha criada em redoma” dos velhos tempos, por ter sido educada de acordo com antigos padrões. [...] Diferente do que ocorria em Tóquio, mulheres bem-nascidas de Osaka não costumavam viajar para localidades distantes. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 147)

Contudo, apresentava contradições em seu comportamento, certamente por ser um ser humano como qualquer outro, complexo, que não pode ser restringido a uma mera classificação por conta de suas posses e criação. As próprias irmãs achavam graça de suas “falhas”:

A verdade, porém, é que Tsuruko não era esse modelo de eficiência. Quando algo inesperado lhe acontecia, aturdia-se num primeiro momento e se alheava por completo. Passada a fase, punha-se a trabalhar como se mil demônios a possuíssem. Quem a visse num desses momentos imaginaria estar diante de uma dona-de-casa ativa que não poupava esforços no cumprimento de seus deveres, quando, na realidade, Tsuruko trabalhava em ritmo frenético apenas por estar abalada a ponto de perder por completo o discernimento. (TANIZAKI, 2005, p. 152)

Como já mencionado, Tsuruko partiu com certa tristeza para Tóquio, mas lá pôde, de fato, viver de acordo com suas possibilidades reais. A família economizava com a casa, pequena em relação à antiga, roupas e até mesmo com as refeições, pois a família era numerosa e não estava nas prioridades esbanjar com supérfluos. Com o passar dos dias, essa situação permitiu a Tsuruko se revelar longe dos olhos críticos da terra natal. Ela podia viver como a situação permitia e como queria, sem se importar com as aparências, uma vez que não estava mais na condição de irmã mais velha de uma tradicional família. Ao menos em Tóquio não a reconheciam como tal. Poderiam, então, viver aliviados uma vida mais simples.

Esse fato permitiu a Tsuruko deixar de se preocupar com detalhes que faziam diferença em Osaka. Ela parecia tão desprendida das coisas, que nem mesmo fazia questão de utilizar o japonês padrão publicamente, o que constrangia seus filhos adolescentes, que já estavam totalmente inseridos nos novos hábitos da capital.

– Hideo começou a dizer que não gosta de andar com a mãe porque ela só fala nosso dialeto. [...]

[...] Ela diz que a vida lá é menos estressante. Faz o que bem entende e não precisa prestar contas de seus atos porque não conhece ninguém. Diz também que, em matéria de moda, prefere Tóquio a Osaka, pois as mulheres de lá sabem escolher suas roupas de modo a valorizar a própria personalidade. Não ligam para tendências, só vestem o que lhes cai bem. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 193)

Apesar das características de mulher típica de Osaka, alguns acontecimentos e atitudes da primogênita da família revelam que, de fato, não é tarefa simples qualificar as personagens e determinar suas características apenas por alguns parâmetros de comportamento. Ou seja, a individualidade do ser humano é muito complexa para ser dividida numa escala de tradição cultural e recepção de influências de países ocidentais. E ainda, há que se considerar os acontecimentos e mudanças no decorrer da vida do indivíduo, os quais têm poder de determinar direções opostas às esperadas.

O vestuário não é um ponto muito explorado na figura de Tsuruko dentro da obra. Não são feitas descrições detalhadas ou muitas menções a respeito de como a irmã mais velha se vestia, mas é possível imaginar que esta priorizava o uso de quimonos aos trajes ocidentais, pois assim pareciam se comportar as senhoras mais velhas e de costumes majoritariamente nipônicos. No entanto, como observado no excerto acima, Tsuruko se sentia presa aos padrões de Osaka até mesmo nas escolhas referentes à moda, pois passou a admirar as mulheres de Tóquio, que demonstravam maior personalidade em suas escolhas.

Mesmo não estando tão presente no decorrer da narrativa como as demais, Tsuruko, com suas atitudes, mostra ao leitor na prática as mudanças pelas quais passavam o país e a sociedade japonesa. As aparências, a necessidade de manter um patamar de vida respeitado pela sociedade tinham ficado para trás, juntamente com a velha casa de Osaka. A vida em Tóquio poderia não ser a mais confortável que ela e sua família já tinham experimentado, entretanto era a vida em que podiam ser livres das amarras sociais. E ela parecia confortável e satisfeita nessa nova condição. Seu nome apresenta o ideograma 鶴 (*tsuru*), em referência ao grou, podendo indicar aquela que voa em busca de novos horizontes.

A segunda irmã, casada com Teinosuke e mãe de Etsuko, de sete anos de idade, era um exemplo de beleza da família Makioka. O narrador a descreve sempre como uma mulher exuberante e de jovialidade notável, sendo praticamente

impossível acreditar que ela estava na casa dos trinta anos. Sua aparência era tão marcante que os intermediadores de *miai*²⁷ de Yukiko quase sempre a alertavam para que tentasse não ofuscar a imagem da irmã que buscava um bom pretendente. Sachiko se preocupava, é claro, mas sentia um orgulho no íntimo por se manter bela e jovem. Por também ter vivido os anos dourados da tradicional família e ter sido criada ainda nos moldes mais antigos, com a presença do pai e da mãe por tempo razoável, Sachiko mantinha alguns costumes e, de certa forma, procurava respeitar a hierarquia familiar, traço importante das famílias japonesas tradicionais.

- [...] Posso lhe pedir um favor? [...] gostaria que a senhora viesse arrumada do modo mais discreto possível para o jantar de amanhã.
- Sem dúvida, anuiu Sachiko.
- Mas quando digo discreto, senhora, quero dizer realmente discreto, compreende? - frisou Itani. - A senhora Yukiko é realmente bonita, mas como bem sabemos, tem o rosto magro de expressão triste. Posta ao seu lado, tem-se a impressão de que perde quase vinte por cento da própria beleza. Em contrapartida, a senhora tem o rosto expressivo e muito vistoso, não necessita de nenhum artifício para ser notada. É preciso, portanto, que ao menos amanhã a senhora se arrume de modo a parecer dez ou quinze anos mais velha do que é na realidade, e assim salientar a beleza da senhora Yukiko. [...]
- [...] Ela já havia comparecido a diversos *miai* da irmã, e se cansara de ouvir comentários do tipo: “Tudo o que a irmã mais velha tem de alegre e moderna, a mais nova tem de retraída.” [...] Sachiko saía em defesa da irmã [...] No íntimo, porém, não podia deixar de sentir-se envaidecida. (TANIZAKI, 2005, p. 54-55)

Em função da convivência não muito positiva entre as duas irmãs mais novas e o marido de Tsuruko, ambas acabavam passando mais tempo na casa de Sachiko, nomeada de casa secundária. Esse fato não parecia ser exatamente um problema, por conta da rotina de Tsuruko e, dessa forma, Sachiko podia tomar a frente nas questões relacionadas aos pretendentes de Yukiko, sempre consultando a casa central antes de decidir qualquer coisa, mas ainda assim, procurando agilizar o processo e poupando a irmã mais velha de mais uma tarefa.

Nota-se que há a preocupação em respeitar a hierarquia familiar²⁸, na qual a primogênita é responsável pelas demais, ainda que na prática as coisas

²⁷ Encontros que tinham como objetivo apresentar o pretendente num jantar com familiares e pessoas próximas, visando um possível enlace.

²⁸ “/e, que pode ser traduzido literalmente como ‘linhagem’, ‘família’, ‘casa’ ou ‘lar’, extrapola a concepção usual, a de formado por familiares e parentes, e constitui um grupo social fortíssimo, podendo ser considerado um dos principais na constituição da sociedade japonesa.” (KIKUCHI, 2004, p. 114-115)

funcionassem um pouco fora dos padrões. Sachiko demonstrava uma personalidade sensível e maternal para com as irmãs. Preocupava-se com o rumo de suas vidas, principalmente das mais novas, ainda não casadas. Preocupava-se também com Tsuruko, por reconhecer não ser fácil a vida que a irmã levava, principalmente durante o processo de decadência pelo qual a família vinha passando.

Apesar da atenção dispensada às irmãs e do papel que procurava assumir, Sachiko não era um exemplo de vigor físico e mostrava ser mais frágil até mesmo que Yukiko, considerada fraca pela sua aparência franzina. Em outros momentos, sua personalidade de moça protegida pelo pai e criada em meio a regalias vinha à tona, de modo que não conseguia levar adiante as situações problemáticas.

[...] Sachiko crescera nos tempos áureos da casa de Yoshioka e, na condição de favorita do agora falecido pai, canalizara para si toda a atenção dele de modo que ainda hoje, quando ela própria já era mãe de uma menina de sete anos, algo de seu passado de criança mimada transparecia em suas atitudes. Ademais não sabia suportar provações físicas ou emocionais, e não raro acabava repreendida pelas irmãs mais novas. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 43)

Em diversas passagens, é possível sentir como se a voz do narrador fosse a de Sachiko e temos a nítida impressão de que é dela o ponto de vista privilegiado. O leitor acaba tendo uma visão dos acontecimentos por meio do olhar desta mulher, considerada uma senhora tradicional de Osaka, que busca, acima de tudo, o bem-estar familiar. Naturalmente, ela quer que a irmã se case bem, de acordo com os requisitos da época, seja em relação à situação financeira, aparência ou histórico familiar do pretendente. Desta forma, tem-se a impressão de que a família se mostra muito exigente e de que acaba retardando o casamento de Yukiko, a qual já se encontrava em idade avançada para o casamento, embora também não demonstrasse isso em sua aparência.

Quanto à escolha de pretendentes de Yukiko, na época, os dois lados interessados faziam investigações a respeito do histórico do outro, do passado familiar, escolar e profissional. Levava-se em consideração doenças de família, conduta e possibilidades de crescimento profissional e projeção financeira, por exemplo. Ainda que fosse um trabalho detalhado, não se esperava perder muito tempo nessa fase, visto que uma eventual demora poderia causar desconforto, ou mesmo dar margem para falsas conclusões. Porém, sob a justificativa de ser comum

às pessoas da região de Osaka, como já mencionado anteriormente, as irmãs agiam sem pressa e levava-se semanas para as averiguações de praxe. Muitas vezes, era difícil até mesmo agendar um primeiro encontro ou mesmo quando a família já pendia para uma resposta negativa, acabava postergando as decisões.

[...] Como a maioria dos habitantes da área de Kansai, Sachiko não gostava de tomar decisões apressadas. Principalmente se o que estava em jogo era o casamento – a questão mais importante da vida de uma mulher – revoltava-a a necessidade de agir sistematicamente, como numa transação comercial. [...] Tsuruko, porém, era ainda mais sossegada que Sachiko e especialmente cuidadosa quando se tratava de propostas de casamento [...]. (TANIZAKI, 2005, p. 33)

Nota-se que Sachiko e Tsuruko carregavam consigo certo romantismo em relação ao casamento, ainda que na época os encontros e detalhes fossem decididos pela família e não simplesmente com base nas possíveis afinidades e sentimentos do futuro casal. Ao menos é o que transparece como justificativa para a demora com os trâmites dos *miai* de Yukiko. Ela não ficava satisfeita com o fato de ter que tratar de questões matrimoniais como se fossem negócios, no entanto essas transações eram nada mais do que acordos e conveniências. Mas em alguns momentos pode-se pensar que, ainda de maneira inconsciente, Sachiko retardava o casamento de Yukiko em meio às exigências e demora.

Talvez fosse conveniente manter Yukiko solteira, talvez Sachiko visse a juventude das irmãs mais novas se esvaindo e pudesse também enxergar a si mesma na figura delas, com desejos diferentes dos traçados para sua própria vida.

Na obra, Tanizaki diferencia de maneira clara a capital Tóquio da região de Kansai, Osaka mais especificamente. Num dos vários *miai* de Yukiko, um dos convidados afirma durante o jantar:

– Não sou nenhum especialista no assunto, mas o Yamamura me parece um bailado folclórico precioso desta nossa região – interveio Igarashi. – Não aprovo a tendência recente de imitar tudo o que vem de Tóquio, sabem? As artes da terra também têm de ser prestigiadas...(TANIZAKI, 2005, p. 70)

Na capital, como em qualquer grande metrópole, o tempo corria depressa, em meio às influências estrangeiras que já vinham adentrando o país desde os períodos

anteriores, Meiji e Taishô, respectivamente. Em Osaka, principalmente na família Makioka, parecia ser diferente. A região ainda retinha valores e tradições de seus antigos, até mesmo o tempo parecia passar mais vagarosamente. Por isso, pessoas já habituadas a otimizar o tempo por vezes não compreendiam a lentidão na tomada de decisões dos Makioka, sobretudo das irmãs mais velhas.

Para os que viam de fora da família, as irmãs não conseguiam se adaptar à nova realidade e ainda se prendiam a questões secundárias que acabavam retardando o casamento de Yukiko. Em outras palavras, talvez os Makioka não estivessem em condição de escolher um pretendente com tantas exigências. E, como consequência, as duas mais novas, Yukiko e Taeko, viam o passar dos anos e a mocidade ficar para trás sem conseguirem se casar.

[...] Na opinião de Itani, as irmãs Makioka davam-se demasiada importância. Então, ela própria se punha a correr de um lado para o outro, enquanto as duas Makioka continuavam nessa indecisão? Que sossego! Não era à toa que a moça acabara solteirona. Estava ou não na hora de alguém acordá-las? - pensava a mulher, por isso mesmo falando em tom cada vez mais impositivo. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 34)

Itani, em seu papel de casamenteira e representando a visão da sociedade perante as minúcias dos Makioka em relação ao casamento das duas irmãs mais novas, deixa clara sua visão acerca da lentidão das irmãs, principalmente. De fato, apesar dos trâmites de praxe levarem certo tempo para serem concluídos, as irmãs mais velhas não se apressavam para dar continuidade às negociações. Tsuruko, envolvida com sua vida doméstica e Sachiko, juntamente de Teinosuke, avaliando talvez em demasia cada proposta.

Dito isto, retomando a questão da passagem do tempo, podemos observar que as irmãs mais velhas, em escalas ligeiramente distintas, eram pessoas tranquilas que, como os antigos da região, não apreciavam resolver as coisas com pressa, sob pressão. O texto nos mostra que essa atitude incomodava àqueles que já haviam adotado um estilo de vida, no qual a passagem do tempo já era vista de outra maneira. Claramente isto está ligado à introdução do sistema capitalista, em que perder tempo significa prejuízo, num Japão que a menos de um século vivia praticamente recluso sob um regime xogunal e que ainda se acostumava a um novo modo de vida.

Poderíamos dizer que, talvez por ser a segunda das irmãs, Sachiko apresentava mais elementos não tradicionais em suas características superficiais, quando comparada a Tsuruko. Isso pode ser comprovado por meio de algumas passagens da obra, nas quais se revela seu costume de usar roupas ocidentais durante o verão, por ser mais fresco e cômodo, por exemplo. No entanto, levando em consideração características ligadas ao comportamento, Sachiko procurava preservar alguns costumes tradicionais japoneses, como por exemplo, os programas entre família, cultivados desde a época do patriarca Makioka. Entre eles, o passeio para contemplar as cerejeiras em flor, realizado anualmente pela família, em que as irmãs vestiam-se de modo tradicional e obedeciam o mesmo roteiro de passeio. Ela também demonstrava nítida preferência pelos gostos locais, como por exemplo, o pargo típico da região, bem como restaurantes antigos, entre outros. Contrapunha-se à irmã mais velha que, após a mudança para Tóquio, passou até mesmo a admirar a moda de Tóquio, por esta valorizar a individualidade das pessoas e por também se sentir mais à vontade num contexto diferente do qual estava acostumada e no qual se mostrou relutante a viver num primeiro momento.

[...] Perguntada qual era seu peixe favorito, Sachiko respondera de pronto: pargo. [...] Quem não gostasse de pargo, sustentava, não podia ser japonês. Sua opinião ocultava certo orgulho bairrista: Sachiko achava que pargos provenientes dos mares de Kansai, onde nascera, eram os mais saborosos do Japão e, também, que Kansai era a região mais tipicamente japonesa de todo o país. Pelo mesmo motivo, quando lhe perguntavam qual era sua flor preferida, Sachiko respondia sem hesitar: a de cerejeira. (TANIZAKI, 2005, p. 128)

Outro motivo posto em questão para que Sachiko cultivasse a presença das irmãs em sua casa, seria o carinho e cuidados dispensados por parte de Yukiko para com a sobrinha Etsuko. Elas mantinham bom relacionamento e Yukiko estava sempre alerta e disposta, caso a menina precisasse de algo. No íntimo, Sachiko sentia-se ofendida com insinuações de que se aproveitava da situação e seu marido também procurava minimizar os comentários maldosos, incentivando o convívio das mais novas com a casa central.

Fig. 13 – Fotograma do filme *Sasameyuki* retratando Sachiko, Yukiko e Etsuko

A imagem acima, também do filme, mostra Etsuko adoentada sob os olhares de Sachiko e Yukiko. No livro, o narrador deixa claro que Yukiko era quem cuidava da sobrinha nessas ocasiões. Sachiko, apesar de não ter tantas outras funções, deixava que a irmã cuidasse da sobrinha, pensando consigo se não seria uma forma de proporcionar a Yukiko a chance de estar próxima de uma criança, uma vez que talvez não viesse a ter filhos. Como se Sachiko justificasse a si própria uma possível negligência como mãe e exploração da irmã, conforme temia que os outros pensassem.

A casa de Sachiko e Teinosuke também não era puramente japonesa, diferentemente da casa central, construída há muito tempo e que representara os Makioka por tantos anos. A casa secundária era uma construção mais nova, seguindo outros padrões funcionais e estéticos, sendo constituída por aposentos à ocidental no piso térreo, como a sala de visitas, que ostentava um piano e servia em diversas ocasiões como cenário das conversas entre as irmãs e Teinosuke.

Quase todos os aposentos da casa tinham sido construídos em estilo japonês, mas as salas de estar e de jantar, contíguas, eram em estilo ocidental. A família costumava usar a sala de estar tanto para o lazer como para receber as visitas, e nela passava boa parte do dia. Ali havia além do piano, do rádio e do toca-discos, uma lareira a lenha pronta para ser acesa no inverno e que se constituía num motivo a mais de convergências dos familiares em dias frios. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 49)

Comparando com a casa central, a casa da segunda irmã possuía elementos arquitetônicos e decorativos com influência do Ocidente e, também, cultivava hábitos não-japoneses, como os mencionados. Podemos dizer que se tratava de uma residência com características mistas, preservando aposentos à japonesa na área íntima, mas trazendo novidades na área social. É possível retomar o ensaio de Tanizaki, *Em louvor da sombra* (2007), no qual o autor relata sua experiência para manter características japonesas em sua própria casa numa época em que as facilidades ocidentais se contrapunham à estética sombria e minimalista japonesa.

Importante também ressaltar que os aposentos da ala íntima da casa, os quartos do piso superior, eram de características japonesas, a ala comum, os espaços onde as visitas circulavam livremente, eram de composição ocidental. Pode-se fazer alusão à definição japonesa de privado e íntimo, 内と外 (uchi to soto), dentro e fora, respectivamente. Como se na intimidade ainda fosse preferível manter hábitos japoneses e, na vida pública, fosse necessário acompanhar as mudanças.

No âmbito das relações, pode-se citar Etsuko, a filha do casal, que também já vivia de outra forma e tinha vizinhos amigos alemães, cuja família, os Stolz, fora ao Japão em função da guerra. A garota também estava acostumada a vestir roupas ocidentais em seu dia a dia, reservando o quimono para ocasiões especiais, como contemplar as cerejeiras em flor, por exemplo.

Está explícito que a família da casa secundária mantinha relações com estrangeiros, como os já citados alemães e também uma família russa, os Kirilenko, cuja filha, Katarina, era aluna de Taeko nas aulas de confecção de bonecos japoneses. Há passagens em que a família de Sachiko conversa acerca do momento político pelo qual atravessava o mundo e, particularmente, o Japão. Ainda que sutilmente, não se pode negar que Tanizaki tenha abordado o tema da guerra. Não à toa, o livro tenha sido censurado pelo governo japonês. Por esse e outros motivos, a obra pode ser considerada uma referência à sociedade japonesa da época.

– Todos os russos brancos são da mesma opinião: o único país que vai combater o comunismo até o fim é o Japão – interveio Kirilenko, continuando: - O que vocês acham que acontecerá com a China? Será que mais dia, menos dia, ela não se transformará num país comunista?

– Quem sabe? Para ser franco, não entendo muito de política. É verdade, porém, que essa inimizade entre meu país e a China é problemática. (TANIZAKI, 2005, p. 117)

No trecho acima temos acesso à opinião de um russo a respeito do comunismo e da relação do Japão com tal sistema, representando uma parcela dos russos da época, os quais mudaram para outros países. Na época a China ainda não tinha aderido ao regime comunista, mas já era alvo de especulações, bem como não mantinha boas relações com o Japão. Porém, os comentários acerca da situação política mundial são poucos e não muito aprofundados.

Sachiko pode ser considerada um dos alicerces mais importantes da família. Talvez, como já mencionado, por ser o seu ponto de vista o privilegiado pelo narrador, talvez por ser, de fato, um misto da tradição familiar e da aceitação do novo em meio a um Japão que absorvia, transformava e já consolidava muitos elementos de origem americana e europeia. Sachiko mantinha-se no centro, como se buscasse não só um futuro próspero para as irmãs mais novas, mas também o equilíbrio da família num todo. Naturalmente, as outras irmãs também desejavam o bem das demais, contudo, o narrador nos coloca em contato com as expectativas e anseios de Sachiko de modo mais contundente. A segunda irmã prezava pelas qualidades dos futuros esposos das irmãs, mas também zelava em certa medida pela imagem da família.

Apesar de todas as boas intenções, em alguns momentos Sachiko falha na missão de irmã e esposa perfeita. Vaidosa, gosta de ter sua beleza notada e comentada, ainda que demonstre certo esforço para não atrapalhar os encontros de Yukiko. Contudo, no íntimo, sente-se lisonjeada por não ser mais tão jovem e ainda despertar os olhares por onde passe.

Seu nome carrega o ideograma de felicidade 幸, (*sachi*), e assim poderia ser descrita a segunda Makioka vista de fora. Beleza, casamento feliz, uma família e um nome a zelar. No entanto, a senhora típica de Osaka parecia buscar mais, visto que não se sentia exatamente à vontade cumprindo esse papel. Provavelmente lhe faltasse algo no íntimo, algum desejo oculto, algo que sua vida feliz não lhe permitisse alcançar.

A terceira irmã, Yukiko é peça importante na narrativa, pois a busca por um bom pretendente acaba sendo o acontecimento que conduz e move a família

durante a trama. Seu nome, que traz o ideograma de neve, 雪 (*yuki*), também presente no título original do romance, 細雪 (*Sasameyuki*). *Sasameyuki*, em tradução livre, significa neve fina, como se fosse a última neve do inverno. É possível interpretar que Yukiko, então, fosse uma das últimas representantes de um Japão clássico e tradicional que, inevitavelmente, cedia às mudanças. Aos trinta anos, com idade avançada para manter-se solteira na época, apesar de não aparentar, recebe ajuda da família e conhecidos para que encontre um bom noivo.

Alguns especulavam que devia ter ocorrido algo bastante grave para que Yukiko, a irmã logo abaixo de Sachiko, continuasse solteira mesmo depois de completar trinta anos de idade, mas de fato nada acontecera. Contudo, na conjunção de fatores que levaram a esse resultado, talvez o que mais pesara fosse a incapacidade das irmãs Makioka – de Tsuruko, a irmã mais velha e herdeira da casa Makioka, como também de Sachiko e da própria Yukiko – de esquecer tanto o estilo de vida luxuoso que haviam levado ao lado do velho pai em seus últimos anos de vida, como a antiga força do nome Makioka. E buscaram tanto um pretendente à altura desse nome que acabaram recusando uma a uma, por serem insatisfatórias, todas as propostas de casamento apresentadas. (TANIZAKI, 2005, p. 18)

Visualmente, Yukiko era considerada a mais tradicional em termos de beleza e modo de vestir. Sua beleza, diziam, assemelhava-se à clássica das japonesas de tempos antigos. Esguia e de aparência frágil, sentia-se mais à vontade em trajes tipicamente japoneses e raramente arriscava modelos de corte ocidental como as irmãs. Cedia somente em dias de muito calor e ainda cuidava para que ninguém além das irmãs a visse assim, pois reconhecia ser magra demais, a ponto de os ossos saltarem. Esse tipo físico, no entanto, era valorizado por remeter a uma beleza frágil e clássica da mulher japonesa. Quando exaltavam a beleza de Sachiko, possível empecilho durante os *miai*, esta defendia a beleza da irmã:

[...] Sachiko saía em defesa da irmã e argumentava que quem dizia tais disparates não sabia apreciar a beleza de Yukiko; que podia ser até que rostos joviais e vistosos pudessem ser classificados de modernos, mas eram muito comuns no momento, não constituindo novidade. Talvez não fosse apropriado elogiar a própria irmã, mas quem melhor que Yukiko se enquadraria na classificação de beleza frágil e pura da moça de antigamente, criada em redoma de vidro e a salvo das mazelas humanas? [...] (TANIZAKI, 2005, p. 55)

Ainda de acordo com o ensaio de Tanizaki *Em louvor da sombra* (2007), agora tecendo opiniões e comentários acerca das mulheres japonesas antigas, comparando seus corpos com bonecos do teatro *bunraku*, podemos construir uma imagem de como seriam as clássicas mulheres do período Edo:

Como sabem, os bonecos femininos do teatro Bunraku são constituídos apenas de cabeça e mãos. Torso, braços e pernas ficam ocultos pelo quimono longo, e o movimento dessas partes é apenas sugerido pela mão do bonequeiro introduzida dentro das roupas. Para mim, essa é a composição mais próxima da realidade: no passado, mulheres eram presenças marcadas apenas pelo que se via acima da gola e além da boca das mangas. O restante ficava oculto em densa escuridão. Mulheres das antigas classes média e alta dificilmente saíam de casa e, quando o faziam, ocultavam-se no fundo de liteiras, não se mostravam em público. (TANIZAKI, 2007, p. 44)

A partir dessa comparação, podemos supor que as antigas mulheres, recolhiam suas figuras, fazendo com que uma atmosfera de mistério fosse cultivada em torno de sua aparência. Além disso, é possível identificar a metáfora da movimentação dos bonecos, os quais dependiam da ação do bonequeiro, assim como possivelmente as mulheres de classes mais altas da época, escondidas em casa, sem autonomia e poder de escolha.

Yukiko, num primeiro olhar, pode remeter a esse tipo frágil de mulher nascida em boa família. Quase sempre oculta em seus quimonos, sustentava uma beleza do passado e uma personalidade que parecia necessitar de uma ajuda ou direcionamento para prosseguir. Assim como suas irmãs, apesar de parecer bastante definida, apresenta pontos que divergem de sua imagem de mulher tradicional japonesa, por exemplo, seu interesse pela língua francesa e música ocidental. Quanto à sua personalidade, aparentemente de pouca expressão, em diversas passagens demonstra ter controle das situações e até mesmo manipular os fatos e pessoas a seu favor. Em outras palavras, com seu jeito quieto e suave, sem muito dizer com respostas evasivas, Yukiko manejava os acontecimentos até onde conseguia e parecia até mesmo querer retardar seu casamento.

[...] As pessoas que não privavam da intimidade dos Makioka viam em Yukiko uma mocinha de gostos tipicamente japoneses, mas essa imagem superficial provinha de suas roupas, aparência, linguajar e gestos. A verdadeira Yukiko não era bem assim, e prova disso era o

fato de estudar francês e de ser muito mais entendida em música de compositores ocidentais que de japoneses. [...] (TANIZAKI, 2006, p. 32)

Não fica claro também para o leitor quais seriam os reais sentimentos de Yukiko, mas tem-se a impressão de que ela não desejava deixar a casa de Sachiko, fosse para viver na casa central, fosse para se casar e ter sua própria casa. Yukiko tinha uma ótima relação com Etsuko, porém considerar esse motivo como central não faria jus à complexidade da personagem.

Na verdade, Sachiko talvez pudesse ser em parte responsabilizada pelo apego da tia pela sobrinha. Tinha sido ela, por exemplo, que acomodara Yukiko no quarto da filha quando o aposento destinado às duas irmãs acabara transformado em ateliê para Taeko. [...] A partir disso, outras obrigações – como cuidar de Etsuko quando adoecia, acompanhar-lhe as lições de casa e os exercícios de piano, preparar a merenda escolar e os lanches da tarde, etc., etc. - foram aos poucos passando da mãe para a tia, talvez porque esta última fosse mais competente em tais assuntos. (TANIZAKI, 2005, p. 42)

A própria família, irmãos e cunhados, pareciam perceber a personalidade sombria de Yukiko. Frequentemente com uma postura apática, sem impor suas vontades e opiniões, ainda assim conseguia de alguma maneira se desvencilhar de situações e, na medida do possível, trilhar o caminho que achava mais apropriado para sua vida.

– Ora essa! Ela tinha trazido o quimono especial! - sussurrou Taeko, mal viu Yukiko sair um instante do quarto. Reprimiu o riso às costas da irmã mais velha e apertou-lhe o obi.

– Pois não digo sempre? Essa menina não diz nada, mas faz exatamente o que quer... – comentou Sachiko – E quando casar, vai manipular direitinho o marido, você vai ver. (TANIZAKI, 2005, p. 222)

Em meio a seu silêncio, Yukiko ia e vinha como queria, na medida do possível. Sem nada argumentar, fazia o que lhe fosse mais conveniente com o consentimento da família, como podemos observar no excerto acima. Sachiko parecia achar certa graça de seu comportamento manipulador, como se pudesse tirar vantagem quando estivesse no papel de esposa.

Do primeiro ao último *miai* pelos quais Yukiko foi submetida na obra estudada, em nenhum deles é possível notar interesse por parte da futura noiva. Os

proponentes quase que invariavelmente se encantavam pela aparência da moça de família tradicional, bem como pelas qualidades que essa posição automaticamente traria: gosto refinado, boa educação e dedicação incondicional à nova família. Claramente em um ou dois jantares não se podia conhecer uma pessoa por completo e Yukiko, em particular, tornava isso ainda mais difícil, por sua postura introspectiva. De fato, Yukiko parecia não se importar com a condição de solteira:

[...] Yukiko, que perdera a mãe muito cedo, e também o pai havia dez anos, levava no momento uma vida quase nômade, indo e vindo entre a casa central e a secundária, sem um lar que pudesse chamar de seu. Nada nem ninguém a prendia emocionalmente, era livre para se casar a qualquer momento, no dia seguinte até, caso quisesse.[...] Tudo ponderado, concluía que, apesar da condição de solteirona, não era tão infeliz quanto os outros podiam imaginar. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 41)

Nota-se um tom negativo nas observações do narrador, pela escolha de palavras como “nômade”, “solteirona” e “infeliz”, mostrando que uma mulher que não se casasse, que não cumprisse seu papel como esperado, não tinha como ter um rumo definido. Estar solteira não podia ser uma escolha, mas uma condição com carga negativa, deixando os demais surpresos por, apesar de sem um marido, ela não parecer tão descontente.

Yukiko, mesmo sendo a mulher de beleza clássica, talvez remetesse a um período anterior, visto que, de acordo com o narrador e comentários de outras personagens, valorizava-se em quimonos vistosos e de cores fortes. Em relação ao físico, sabia-se ser extremamente magra, com formas e curvas ausentes, assim como Tanizaki descrevera as mulheres de Edo em seu ensaio:

[...] Não guardo nítida lembrança dos quimonos que minha mãe usava em casa, mas quando precisava sair ela vestia o de tecido cinzento e padronagem miúda. Minha mãe era muito baixa, mal media um metro e cinquenta, mas esse devia ser o tamanho padrão das mulheres da época. Eu diria que elas não tinham altura, e, com o risco de exagerar, nem corpo. [...] Nesse ponto, o que me vem à mente é a imagem da deusa Kannon no templo Chuguji, cujo corpo deve representar o da maioria das japonesas antigas. Peito chato como prancha, seios finos como folha de papel, ventre côncavo, costas, quadris e traseiros sem reentrâncias ou saliências, torso desproporcionalmente magro e fino em comparação ao rosto, às mãos e aos pés, não um corpo de carne e osso, mas um pilão...[...] (TANIZAKI, 2007, p. 45-46)

Os acontecimentos históricos da década de 1920 proporcionaram o surgimento de novos tipos de mulher japonesa, explorados por Bárbara Sato (2003), além do estereótipo da mulher tradicional do período Edo, escondida em seu quimono de cores sóbrias e mantida resguardada em casa como um títere, pouco expressiva e sem poder de escolha. Cabe salientar que essas eram as características das mulheres nascidas e criadas em classes mais abastadas, seguindo os padrões de famílias tradicionais, podendo, naturalmente, existir outros tipos femininos, independentemente da época.

Sob a ótica de Sato (2003), acerca dos novos tipos da mulher urbana japonesa, podemos notar de que forma Yukiko e as demais irmãs se enquadravam ou não nessas categorias. Principalmente Yukiko e Taeko, as quais passaram a juventude durante a década de 1920. Comparada com a irmã caçula, Yukiko pouco tinha da mulher moderna japonesa. Não tinha atividade remunerada, nem demonstrava interesse em algum dia ter, sendo, inclusive, a condição financeira do futuro noivo fator importante para que seu futuro estivesse garantido. Taeko, ao contrário, confeccionava bonecos tradicionais, dava aulas e ainda almejava uma possível carreira no ramo de corte e costura. O modo de vestir era absolutamente oposto: enquanto a caçula absorvera por completo os trajes de modelo ocidental, reservando os quimons para ocasiões festivas e especiais, Yukiko, como já dito, priorizava o uso de quimons. No entanto, deve-se frisar que apesar dos aspectos tradicionais, Yukiko cultivava gosto por línguas e música ocidental, além de consumir revistas femininas da época e também frequentar as populares lojas de departamento, símbolo do consumismo que rondava a mulher moderna japonesa da época.

Yukiko, dona de uma personalidade muito introvertida, dificilmente demonstrava o que realmente sentia ou pensava acerca dos homens que lhe eram apresentados. Mesmo as irmãs, mais próximas, ficavam sem saber o que de fato passava pela sua cabeça, visto que usava de evasivas quando era questionada a respeito. As pessoas a identificavam como uma pessoa de personalidade retraída, que não se sentia confortável para trocar algumas poucas palavras com estranhos, como seus pretendentes durante os *miai*. Esse silêncio de Yukiko, que pode ser visto como timidez por alguns, também pode apresentar outros significados, como alternativa para se esquivar de situações ou mesmo a não-necessidade de

verbalizar o que já está nas entrelinhas.

A palavra cria o *outro* em nós – por onde o interlocutor lança âncora para a abordagem (é a partir do fantasma da fala que começo a fantasiar a identidade alheia). [...] Daí a enorme desconfiança de Meursault quanto à palavra. Daí seu caráter taciturno, de quem prefere calar, parecendo temer que o tomem por aquilo que ele não é. A armadilha das palavras, que o homem se expõe. Ainda que não expressamente, quem expressa mente. (HOLANDA, 1992, p. 55)²⁹

De acordo com o trecho acima, podemos dizer que a personagem Yukiko, assim como Meursault, pode optar pelo silêncio ou pelas meias palavras em função do receio de se expor além da conta e de ser interpretada de maneira errônea pelos outros. Em relação aos encontros com os pretendentes, a causa de sua pouca comunicação pode ser identificada como um desinteresse pela situação em si, pelo fato de talvez não desejar se tornar a esposa de alguém e deixar a casa da família.

Cabe esclarecer que, de acordo com Holanda (1992), “em suma, nós distinguimos silêncio e implícito, sendo que o silêncio não tem uma relação de dependência com o dizer para significar: o sentido do silêncio não deriva do sentido das palavras”. Logo, é importante refletir se o que Yukiko imprime seria silêncio ou se sua não-fala poderia representar algo implícito, como especulado acima. Holanda também afirma que “o silêncio seria o que não é preciso ser dito. Assim, o silêncio seria o 'exílio' do sujeito, o seu desterro, pois já estaria habitado pelo já-dito, o pleno [...]”.

A não-verbalização de Yukiko, então, pode ser entendida tanto como algo implícito, não comunicado, mas dependente de palavras. Ou como silêncio, ligada a uma ideia já exposta, literal, uma espécie de “compreensão do 'vazio' da linguagem como um horizonte e não como falta”.

Yukiko, uma mulher de beleza frágil e tradicional, aparece como um símbolo da tradição remanescente em um Japão em transformação. Não à toa, funciona como fio condutor da narrativa, em busca de um casamento que ia ao encontro dos interesses e tradição familiar, de costumes japoneses. Ainda que, com todo seu silêncio, se mostrasse conivente com a situação, parecia postergar os acontecimentos, como que numa tentativa de se desvencilhar das convenções

²⁹Este livro de Lourival Holanda faz uma comparação entre as personagens centrais de Vidas Secas e O estrangeiro, Fabiano e Mersault. O silêncio está presente como característica de ambos, ainda que modos distintos em diversos momentos.

familiares.

Como a última neve do inverno, fina e suave, Yukiko pode ser compreendida como uma última tentativa da permanência de aspectos tradicionais em um Japão já quase que completamente envolvido pelas influências do Ocidente.

Conforme já mencionado, durante a década de 1920 as mulheres tiveram grande participação no âmbito social japonês. Nesse contexto, cresceu Taeko, a caçula da família Makioka, que no início da narrativa, contava com cerca de 26 anos. Logo, podemos perceber que Taeko passou do fim da infância ao início da vida adulta durante a década supracitada. Neste período, muito provavelmente teve contato com as influências advindas do exterior, tais como modo de vestir, comportamento, relacionamentos mais liberais, etc. Não à toa é possível diferenciá-la das irmãs em tais aspectos. Certamente, o fato de estar se formando e se desenvolvendo como mulher na época fez diferença no modo como absorveu algumas influências. Contudo, a irmã acima dela, Yukiko, com cerca de quatro anos a mais, não necessariamente reproduzia esse comportamento considerado moderno. Ao contrário, a terceira irmã da família Makioka é considerada um raro exemplar da mulher clássica japonesa, como que retirada de outros tempos e inserida num Japão em meio a transformações. Cabe salientar que, apesar desse estereótipo, Yukiko possuía gostos ocidentalizados, como a língua francesa e música.

Taeko também não era moderna em sua totalidade. Naturalmente, como já dito, dentre as irmãs seus gostos e comportamento se destacavam, porém, assim como Yukiko, trazia algumas mesclas de elementos tradicionais e modernos. Por exemplo, sua atividade de confecção de bonecos tradicionais japoneses e seu gosto por dança clássica japonesa.

A caçula das irmãs era a mais bem informada, parecia dominar qualquer assunto em comparação com as irmãs, as quais pareciam viver ainda nos moldes mais tradicionais, quase que restritas ao círculo familiar. Por sua atividade com os bonecos, mantinha um círculo maior de convivência, visto que dava aulas e organizava exposições onde também vendia suas peças. Além disso, também tomava aulas de corte e costura e frequentava um grupo de bailado Yamamura.

Taeko é uma das que tem a personalidade mais explorada no romance, talvez por ser a mais resoluta das quatro e deixar transparecer os conflitos e sobreposições

de elementos tradicionais e modernos de maneira bastante evidente. Seu nome traz o ideograma de mistério, 妙 (*tae*), reforçando os traços de sua personalidade que não apresentavam nitidez. Ela possuía personalidade forte e independente, mostrava-se autossuficiente e arrojada, principalmente quando comparada às irmãs.

Das quatro irmãs, Taeko, a caçula, era de fato a mais bem informada. Em virtude disso, considerava com certa indulgência e relativa desinformação das demais e lhes falava por vezes num tom complacente de irmã mais velha. (TANIZAKI, 2005 p. 12)

Apesar de estar perto dos 30 anos, também continuava solteira, pois deveria esperar o casamento de Yukiko para dar encaminhamento ao seu. Fora protagonista de um episódio retratado por um jornal local, considerado um dos motivos para o retardamento do casamento da irmã. Na ocasião, fugira com seu namorado, o filhinho de papai Kei Okubatake, com quem desde então mantivera contato, mesmo sem o consentimento da família. Neste ponto, já era possível identificar um traço da personalidade de Taeko que divergia das irmãs mais velhas. Possivelmente apaixonada, queria ter a certeza que ficaria com o parceiro que escolhera por amor, não à mercê das escolhas da família e do casamento de Yukiko.

O caso se dera cinco ou seis anos antes. Nessa época, Taeko, caçula dos Makioka, então com vinte anos de idade, e o filho de uma certa casa Okubatake – respeitáveis mercadores de metais preciosos, também com loja na área de Senba – tinham-se apaixonado e fugido de suas casas. Os dois haviam lançado mão desse recurso extremo por concluírem que, em condições normais, Taeko, por ser a mais nova das irmãs, dificilmente obtería consentimento para se casar antes de Yukiko. Embora a intenção dos jovens apaixonados fosse séria, as famílias envolvidas eram conservadoras, jamais concordariam com tamanha afronta às convenções, e os dois fugitivos foram localizados com rapidez e reconduzidos às suas casas. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 22)

Por ser a mais nova, crescera em um contexto diferente, quando a família já não desfrutava dos luxos de seu período mais glorioso. Além da situação particular da família, o momento histórico do Japão (que provavelmente influenciara a trajetória dos Makioka) também fora responsável pela formação da caçula. Naturalmente, o contexto no qual se cresce e vive tem grande influência na formação do indivíduo, e não seria diferente com as irmãs Makioka. Como já

mencionado, num primeiro olhar, podemos identificar elementos das culturas ocidentais, que adentraram no Japão, de maneira mais ou menos intensa nas figuras das quatro irmãs.

Fisicamente, Taeko assemelhava-se com o biotipo de Sachiko: porte mais robusto e rosto considerado de beleza moderna. Frequentemente era confundida com uma colegial, pois, como as demais, não aparentava ter a idade que tinha. Outra razão para isso seria o fato de privilegiar roupas de corte ocidental em seu dia a dia, deixando os quimonos e penteados tradicionais para ocasiões especiais, como o passeio para contemplar cerejeiras ou suas apresentações de dança. Comparada às irmãs, era a única que sustentava tal hábito. Sachiko mesclava os dois tipos de traje, usando vestidos à ocidental no verão e quimono nas demais estações. Yukiko, por sua vez, só se rendia aos vestidos mais leves nos dias extremamente quentes.

[...] Pelo tipo de vestuário e complementos que usavam, assim como pela aparência geral, Yukiko teria gosto genuinamente nipônico, e Taeko, gosto ocidentalizado. Já Sachiko seria considerada um meio termo entre as irmãs. [...] Taeko usava quase sempre roupas ocidentais, Yukiko, quimonos, enquanto Sachiko vestia roupas ocidentais no verão e quimono nas demais estações. [...] (TANIZAKI, 2005, 47)

Roupas ocidentais, de fato, pareciam combinar mais com a personalidade de Taeko. Quando vestia quimonos e escolhia penteados e maquiagem mais tradicionais, sua aparência mudava consideravelmente:

[...] Com o brilhante obi preto sobre a peça branca com a paisagem de Amanohashidate pintada por Kan'yo Kanamori, Taeko, talvez pelo tom da maquiagem, não parecia a jovem de sempre. Aparentava ser uma senhora de porte alto e maduro e, trajada assim, com aparência genuinamente japonesa, seu rosto se parecia ainda mais com o de Sachiko. Nas fartas maçãs do rosto, trazia uma altivez que não se notava quando vestia roupas ocidentais. (TANIZAKI, 2005, p. 240)

Nas lembranças de Sachiko, vendo as fotos feitas nesse dia em que Taeko se vestira à japonesa, a impressão era a mesma:

[...] O penteado incomum e a maquiagem à moda antiga transformaram a expressão facial de Taeko, fazendo desaparecer a jovialidade e a vivacidade que lhe eram naturais, substituídas por uma beleza madura, adequada à sua idade, levando Sachiko a sentir

maior simpatia pela irmã caçula. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 274)

Ela também era a única das irmãs que mantinha uma atividade que lhe dava retorno financeiro. Começara, segundo o narrador, como um passatempo artesanal, mas com o tempo seu talento passou a ser reconhecido na confecção de bonecos tradicionais japoneses, tanto que, além de expor e vender as peças, dava aulas também. Certamente, num passado não muito distante do contexto narrado, não se poderia imaginar uma “moça de boa família” como as irmãs Makioka desenvolvendo alguma atividade que se assemelhasse a trabalho, com a qual se recebesse uma remuneração.

[...] A princípio, Taeko produzia as peças na casa da segunda irmã, Sachiko, já que na casa central os muitos filhos da irmã mais velha não lhe davam sossego. Àquela altura, porém, achou que precisava de ateliê próprio e alugou uma sala num prédio de apartamentos em Shukugawa, a menos de trinta minutos da casa de Sachiko. Tatsuo não aprovou a lenta transformação de Taeko em eficiente mulher de negócios e menos ainda sua decisão de alugar um apartamento. Sachiko, porém, alegou em defesa da caçula que era melhor provê-la com uma boa profissão, pois suas chances de realizar um bom casamento eram ainda menores que as de Yukiko, em virtude do incidente em seu passado. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 25)

O fato de ser considerado um trabalho artístico, que evidenciava o talento e habilidade de Taeko, fazia com que fosse mais bem visto pela família e pela sociedade. No entanto, ao passo que Taeko tornava-se cada vez mais independente, com ateliê próprio e, posteriormente, focando mais no corte e costura com a intenção de se profissionalizar, as opiniões começaram a divergir. Mas como os tempos já não eram os mesmos, a família não desaprovava por completo as iniciativas da caçula.

Outro traço de mulher moderna de Taeko era seu relacionamento com os homens. Além do jovem Kei Okubatake, com quem fugira na juventude e por um tempo mantivera contato, Taeko se envolveu mais seriamente com outros dois homens. Um deles, o fotógrafo de nome Itakura, antigo empregado da casa Okubatake, que acabara falecendo em função de uma doença. O outro, Miyoshi, com quem teve um filho e terminou sua trajetória retratada na obra, era funcionário de um bar. Este último relacionamento fora o pivô do completo distanciamento de Taeko da família, pois além de ter sido com alguém de classe muito inferior, um filho

antes do casamento era um escândalo tamanho, que as irmãs viram-se na obrigação de manter Taeko longe dos olhos da sociedade.

O narrador chama a atenção do leitor para o comportamento da caçula da família Makioka em comparação com as outras irmãs. Ela não se prendia muito ao que era considerado bons modos, principalmente para as moças de famílias tradicionais.

A irmã caçula sempre teve maus modos, ao contrário de Yukiko. No verão ficava ainda pior. Naquela noite, por exemplo, Taeko estava seminua, só com uma peça de quimono de dormir, pronta para se recolher. Às vezes, abria-a na altura do peito para se refrescar com um leque, enquanto tagarelava. (TANIZAKI, 2005. p. 307)

Principalmente em comparação com Yukiko, sempre reservada e apegada aos bons modos, o desprendimento de Taeko acabava causando certo impacto, principalmente por viver na mesma casa que o cunhado, com quem deveria manter certa distância em sinal de respeito à Sachiko, de quem, aliás, parece ser o ponto de vista privilegiado no excerto acima.

Apesar de características e comportamento mais moderno, *Koisan*, curiosamente, sustentava alguns elementos da tradição japonesa, como a já citada confecção de bonecos tradicionais, bem como a dança típica da região. Nesta última atividade, a dedicação impressionava os demais e claramente havia o interesse em receber o reconhecimento da mestra, a qual admirava a iniciativa de uma garota como Taeko, oriunda de família tradicional e com gostos mais modernos. As demais integrantes do grupo eram normalmente gueixas, de alguma forma ligadas às áreas de prazeres ou ainda, como a mestra, com tradição familiar na atividade da dança.

– Koisan dança? Não sabia!
– Taeko dá a impressão de se ter transformado numa mulher moderna e ocidentalizada, mas, com o tempo, parece-me que algumas atividades artísticas genuinamente japonesas cultivadas na infância voltaram a atraí-la...Como sabem, ela é habilidosa em tudo que faz, e também dança muito bem, em parte por ter tido aulas quando criança, acho eu. (TANIZAKI, 2005, p. 70)

Na passagem acima, Sachiko fala a respeito das habilidades de Taeko, exaltando suas qualidades. Notamos que a irmã caçula é valorizada, mesmo frente a desconhecidos. Taeko pode ser descrita como um dos modelos típicos do período

vivido pelo Japão, com mais elementos da influência ocidental. Externamente, no vestuário, nos gestos e modo de se portar, tudo remetia a um universo cosmopolita e globalizado, altamente influenciado pelas ideias e elementos trazidos da Europa e Estados Unidos. Taeko se mostrava mais atenta às novidades e com maior iniciativa, como se acompanhasse os passos do país num novo caminho que já vinha sendo trilhado desde sua abertura. Apesar disso, parecia existir um fio que a ligava à tradição, representado pelas atividades que escolhia. Assim como as demais, Taeko mostrava de maneira explícita os contrastes, comuns às pessoas que viviam num período em que as mudanças, apesar de já não serem propriamente novidades, mantinham-se em processo de integração com a cultura local. Comparada às irmãs, tinha comportamento diferente, sempre fazendo o que considerava melhor para si e desprezando a opinião dos demais, mostrando-se até mesmo mimada:

[...] Apesar de tudo, a irmã tinha mesmo um lado de moça mimada, e, no íntimo, uma índole fraca. Sachiko sempre achava que a morte precoce da mãe fora mais problemática para Taeko, e mesmo com muita dificuldade viera cuidando dela no papel de substituta materna. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 530)

A família em determinado momento além de reprovar o comportamento inadequado de Taeko, passou a rejeitá-la e as irmãs passaram até mesmo sentir repulsa por seus atos e consequências dos mesmos.

Algo mais chamou a atenção de Sachiko: a aparência de impureza estranhamente percebida no corpo da irmã, e que não era a sujeira comum, encardida, causada pela simples falta de banho. Geralmente, os efeitos da sua conduta desregrada se ocultavam sob a maquiagem, mas ali, devido à fragilidade física, uma sombra de obscenidade dominava-lhe o pescoço e os pulsos. [...] Já havia algum tempo ela vinha apresentando uma falta de requinte bem maior que as irmãs, porém ainda conservava aquele ar de moça de família. No entanto, a pele caída e suja de seu rosto de feições escuras apresentava aquela coloração de alguém com alguma doença venérea ou algo parecido, lembrando a de uma mulher decadente. [...] A propósito, Yukiko parecia ter sido a única a perceber [...] essa “falta de saúde” de Taeko [...]. Ela, por exemplo, jamais entrava no banho de imersão depois da irmã caçula e nunca pedia suas roupas emprestadas [...] (TANIZAKI, 2005, p. 607- 608)

A maneira como Taeko lidava com sua sexualidade nitidamente incomodava

as irmãs. Não fica evidente na narrativa se ela dispunha de muitos parceiros, mas o julgamento se dá por conta de uma provável aparência de “mulher decadente”, como se as marcas de uma possível devassidão estivessem expostas na sua pele. A liberdade que Taeko demonstrava na condução de sua vida estava em desacordo com a opinião da família. Talvez sua autonomia cutucasse a ferida da vida idealizada *versus* a vida que se levava no âmbito da família Makioka. O quanto cada uma delas desejava ser um pouco Taeko, ter coragem de transgredir? E também o quanto desse comportamento era também uma afronta da irmã mais nova perante os modelos pré-estabelecidos?

A mulher livre vista como suja e decadente. Não está claro se Taeko de fato não se importava com a opinião alheia ou se, no íntimo, carregava algum tipo de culpa ou peso pelas suas atitudes, pois vivia numa sociedade que claramente desaprovava suas ações e também estava imbuída de conceitos e opiniões que permeavam os costumes da época.

Como já mencionado, Taeko tinha uma aluna de origem russa, chamada Katarina. Ela era uma moça bonita, comparada às atrizes de cinema ocidental, e possuía uma trajetória de vida um tanto aventureira, tendo que se separar da família e viver em países diferentes por conta do contexto de guerra pelo qual o mundo passava. Apesar de tudo que já tinha acontecido na vida da moça, esta arrumara um bom casamento de forma repentina, causando certa inveja nas Makioka, visto que “se até uma mulher como Katarina, nem tão bonita assim nem com tantas habilidades, tirara a sorte grande...”, dizia Taeko em tom de surpresa e com certo desdém, perante a situação de Yukiko e a sua própria. Para as irmãs, provavelmente isso fosse mais fácil de acontecer no Ocidente. Certamente, uma desculpa para o fracasso dos Makioka em relação aos casamentos das irmãs mais novas, um recalque por se considerarem superiores por causa da linhagem da família. Até mesmo Taeko, por vezes desgarrada das convenções, pensava assim diante da “sorte” da jovem russa. Refletindo acerca de todas essas circunstâncias, em uma passagem do romance, Sachiko compara as mulheres de sua família à Katarina:

Talvez estivesse errada em comparar uma moça russa, branca e destemida com uma de família tradicional de Osaka, mas diante de mulheres como Katarina, podia perceber o quanto ela e as irmãs eram covardes. Até mesmo Taeko, vista pelas irmãs como “arrojada”, que não pensava nas consequências de seus atos, em momentos

cruciais mostrava-se temerosa em relação à sociedade, e até então não tinha conseguido ficar com a pessoa amada. Já Katarina, mais nova que ela, abandonara a mãe e o irmão e percorrera o mundo em busca de sua própria sorte. Não era exatamente inveja que sentia de Katarina, ela preferia mulheres como Yukiko. Mas era muito desolador que a irmã ainda não tivesse arrumado um marido adequado, mesmo contando com as duas irmãs mais velhas e os cunhados para ajudá-la. [...] (TANIZAKI, 2005. p. 548)

A convivência dos Makioka com famílias estrangeiras fazia com que pudessem enxergar sua própria condição sob óticas diferentes. De que valeria toda a tradição, bons modos e prestígio de sua família em tempos como os que viviam? Deste modo, as exigências na busca pelo pretendente ideal para Yukiko foram diminuindo, prova de que com a mudança dos tempos, as prioridades deveriam ser outras também.

Conforme já comentado, o modo de vestir das irmãs é um ponto importante na construção da imagem e personalidade de cada uma delas. As quatro representavam uma classe abastada em decadência, sustentando o tradicional nome da família. No entanto, mesmo entre elas, as diferenças em decorrência dos gostos pessoais e circunstâncias vividas se destacavam.

Ainda que a caçula pouco vestisse quimonos, bem como Sachiko em algumas ocasiões, quando as irmãs apareciam em trajes distintos para ocasiões especiais, estes são descritos com minúcia pelo narrador, recurso que faz o leitor ter ideia da beleza e riqueza de detalhes dos trajes em voga para esse nicho da sociedade japonesa da época.

Diferentemente de um passado não muito distante, as vestes femininas não eram tão valorizadas. Tanizaki, que compara as mulheres de Edo a bonecos de teatro *bunraku* em seu já comentado ensaio *Em louvor da sombra*, busca em suas memórias de que modo se trajavam estas mulheres cujo corpo parecia não ter tanta importância, escondido em seus quimonos.

[...] Metidas nos aposentos escuros de suas mansões, ali passavam a vida inteira, corpos submersos dia e noite na penumbra, e presenças marcadas apenas por seus rostos. Por essa razão, o vestuário masculino era mais vistoso que o feminino. Inacreditavelmente, quimonos de senhoras e de mulheres jovens da classe mercantil do período Edo, por exemplo, eram feitos de cores sóbrias porque a roupa era uma parte das sombras, simplesmente

um elemento de conexão entre estas e o rosto. [...] (TANIZAKI, 2007, p. 44-48)

Retomando Barbara Sato, que apresentou três tipos da nova mulher japonesa, a dona-de-casa automotivada, a garota moderna e a trabalhadora, e contextualizando o período vivido pelas irmãs Makioka, chegamos à conclusão de que as quatro irmãs acompanharam o surgimento e desenvolvimento destes novos tipos num Japão que se transformava na mesma medida. No entanto, nem todas as mulheres foram influenciadas na mesma proporção pelas novidades da época. Certamente, fatores como local em que se vivia, mais ou menos próximo da capital, necessidades, entre outros, foram determinantes para a adoção de novos costumes e parâmetros.

Podemos dizer que Tsuruko e Sachiko, casadas antes da virada para a década de 1920 e criadas durante os bons tempos da família, pouco absorveram desses novos tipos femininos. Um ponto relevante seria talvez a questão do consumismo, principalmente em Sachiko, a qual frequentava lojas de departamento, como a famosa Mitsukoshi, tanto em Osaka quanto em suas viagens à Tóquio. As compras são citadas como prática recorrente das irmãs, podendo ser, além de herança do passado abastado, atitude motivada pelas revistas femininas em voga na época. Ambas também desempenhavam o papel de dona-de-casa, comandando as tarefas do lar que, na realidade, eram desempenhados por criadas, costume entre as famílias de classe mais elevada.

Yukiko, apesar de ter vivido a juventude nos anos vinte, pouco apresentava das características da nova mulher japonesa, sendo constantemente comparada a mulheres mais tradicionais. Em relação ao consumo, também são citadas passagens em que sai às compras, mas também sem grandes excessos. Yukiko, talvez mais do que todas as outras, estava habituada a viajar sozinha, em contraponto à geração das mais velhas, que não tinha o costume de visitar a capital com tanta frequência. Quando a casa central foi transferida para Tóquio, as idas e vindas de Yukiko tornaram-se recorrentes.

Já Taeko, por sua vez, é a que traz mais elementos da nova mulher japonesa: veste-se à ocidental, como as *modern girls* e demonstra consumir muito mais do que as outras, causando surpresa quando começa a aparecer com objetos de alto valor. Também apresenta comportamento sexual mais liberal, considerado um verdadeiro

escândalo para a tradicional família, mantendo relações com três homens diferentes durante a narrativa e, inclusive, tendo um filho com um deles. Esse tipo de comportamento, de maior liberdade no âmbito da sexualidade, o qual dava mais autonomia à mulher, era frequentemente associado às *modern girls* na década de vinte, contudo, fortemente repudiado pela família Makioka cerca de duas décadas após seu surgimento dentre as jovens japonesas. Como citado anteriormente, essas atitudes causavam a repulsa das outras irmãs.

Além disso, Taeko era a única das irmãs a ter uma atividade remunerada e cogitar profissionalizar-se em corte e costura. Mulheres independentes financeiramente existiam, é claro, como outras personagens que aparecem na narrativa, a cabeleireira Itani ou mesmo sua filha, as quais participam ativamente das buscas por pretendentes para Yukiko. Contudo, para uma moça de casa tradicional, como uma Makioka, isso ainda parecia ser algo impensável, talvez por revelar o declínio financeiro da família, que fatalmente não conseguia mais sustentar os luxos da caçula.

Desta forma, podemos perceber que a família Makioka vivia atrelada à sua imagem de um passado glorioso, mas que aos poucos, ainda que involuntariamente, cedia espaço para os novos tempos, tanto em relação à sua própria condição, quanto em relação à situação do país, que atravessava uma guerra e não possibilitava mais regalias de outros tempos. Somado a tudo isso, tem-se a questão dos elementos das culturas ocidentais que já não eram considerados inéditos, pois já conviviam com a cultura local, como podemos notar dentro da própria família Makioka, considerada uma das mais tradicionais da região de Osaka.

3.1. O papel do narrador

A figura do narrador não foi muito discutida na teoria literária japonesa antes dos anos oitenta, quando estudos mais específicos a respeito do uso da linguagem passaram a ganhar maior espaço. Até então, dava-se maior atenção aos estudos que focavam mais no autor e sua possível ligação com a obra e não na obra em si, considerando seus aspectos particulares. (Monzani, 2013)

O livro *As irmãs Makioka* foi publicado na década de 1940, anos antes dessa “virada” nos estudos literários japoneses e quando fatos da vida pessoal do autor

comumente eram identificados em sua obra. Logo, a figura do narrador pode ter se confundido com a do autor, visto que frequentemente as semelhanças com a vida pessoal de Tanizaki, sua terceira esposa e cunhadas foram comentadas. Se seguirmos esta linha, deparamo-nos com Tanizaki no papel de Teinosuke, marido de Sachiko, personagem com pouca visibilidade na narrativa. Ele participa ativamente dos preparativos e negociações em torno dos *miai* da cunhada Yukiko, mas certamente a voz do narrador não lhe pertence. Em outras palavras, afirmar que Tanizaki represente Teinosuke não vai ao encontro das características que compunham o gênero “Romance do Eu”, no qual o autor/narrador em primeira pessoa contava fatos ligados à sua vida.

O romance é narrado em terceira pessoa, mas a visão e voz de Sachiko parecem se sobressair dentre as das demais personagens. Temos acesso a seus pensamentos e angústias e, embora se possa considerar Yukiko como um dos eixos centrais da narrativa, tem-se a impressão de que os acontecimentos se desenrolam a partir da vida da segunda irmã. Em algumas passagens, com menos frequência, o narrador também demonstra ter acesso ao que as outras personagens pensam, dando voz a elas.

[...] O autor, por assim dizer, estabeleceu um ponto de vista irrestrito e com liberdade de circulação, fixando o foco de suas lentes em algum lugar ao redor da pessoa de Sachiko, prosseguindo o desenvolvimento da narrativa entrando e saindo na consciência de Sachiko à vontade. [...] (NOGUCHI; CRAIG, 1977, p.5, tradução nossa)³⁰

Cabe ao narrador descrever não só fisicamente, mas também dar informações acerca do comportamento da personagem a fim de que criemos a figura e possamos ter um posicionamento sobre ela. Brait afirma que:

[...] a descrição, a narração e o diálogo funcionam como os movimentos de uma câmera capaz de acumular signos e combiná-los de maneira a focalizar os traços que, construindo essas narrativas, concretizando essa existência com palavras, remetem a um extratexto, a um mundo referencial e, portanto, reconhecido pelo leitor. (BRAIT, 1993, p. 58)

³⁰ [...] The author has, so to speak, established an unrestricted and free-roaming point of view, fixing the focus of his lenses somewhere around the person of Sachiko, and proceeding to develop the narrative and going in and out on Sachiko's consciousness at will.[...]

Então, por meio da teia criada pelo narrador, a ficção começa a ser delineada e passa a ter sentido dentro da realidade imaginada pelo leitor. O bom uso das palavras com todas suas técnicas e artifícios é capaz de causar identificação e credibilidade no leitor, o qual reconhece a verossimilhança da história que está sendo contada e se deixa envolver pelo texto.

A seguir, apresentamos trechos da obra em que é possível perceber o papel do narrador na caracterização das irmãs, como estas são percebidas por meio das palavras escolhidas. Também levaremos em consideração de que forma os diálogos são construídos e dispostos, revelando mais traços das personalidades de cada personagem.

Taeko, de acordo com as descrições do narrador é a mais moderna dentre as irmãs. Seu modo de falar, não só os termos escolhidos, mas também entonação e certa impaciência com as irmãs mais velhas também ilustram seu jeito de ser:

「Mb 化学工業いうたら、仏蘭西系会社やねんあ」
「そうやわ。—よう知ってるなあ、こいさん」
「知ってるわ、そんなこと」
一番年下の妙子は、二人の姉のどちらよりもそういうことには明るかった。そして案外世間を知らない姉たちを、そういう点ではいくらか甘く見てもいて、まるで自分が年嵩のような口のきき方をするのである。(TANIZAKI, 1983, p. 8)

– A Companhia MB de Produtos Químicos é francesa, não é?
– Exato. Como você é bem informada, Koisan!
– Ora, nem preciso ser pra saber disso...
Das quatro irmãs, Taeko, a caçula, era de fato a mais bem informada. Em virtude disso, considerava com certa indulgência a relativa desinformação das demais e lhes falava por vezes num tom complacente de irmã mais velha. (TANIZAKI, 2005, p. 12)

Temos a impressão de que Taeko age com “certa indulgência” por conta da escolha de termos como o “ora”, empregado após a surpresa e elogio da irmã mais velha por perceber que a caçula da família conhecia muito mais das coisas que ela própria. Contudo, além da escolha do léxico, o narrador reforça a cena para o leitor, explicando detalhes que talvez não ficassem tão claros. No original em japonês, o uso de *sonnakoto* “そんなこと”, é uma forma de expressar algo a que se dá menos importância, “algo tão simples como isso”. Seguido pela forma *shitteruwa* “知ってるわ”, podendo também ser traduzido como “Claro que sei, algo tão básico assim!”.

Num outro momento, temos uma fala de Yukiko implícita na voz do narrador. Não se trata do discurso indireto tradicional, em que o narrador apenas relata o que foi dito.

[...] 兄さんのすることは万事理 詰めで、情味がない、第一これほどのことを最も利害関係の深い私に一言の相談もせずに行するとは専横過ぎる、[...] (TANIZAKI, 1983, p. 19)

[...] Como podia ele ter tomado decisão de tamanha importância sem ao menos consultar a maior interessada que nesse caso era ela própria, Yukiko? Como ele era arbitrário! (TANIZAKI, 2005, p. 23)

Além desse detalhe estilístico, aqui podemos ter contato com a opinião de Yukiko, aparentemente sempre guardada ou exposta de maneira nebulosa. Neste trecho notamos qual era o grau de afinidade que tinha com o cunhado, embora isso não fosse dito com todas as letras para os demais familiares. No original em japonês, utiliza-se a forma de tratamento *niisan* “兄さん”, irmão mais velho dito de forma afetiva, por ser o marido de uma irmã mais velha, no caso, Sachiko e configurando intimidade no diálogo com a irmã. Já na tradução, aparece apenas “ele”, criando um distanciamento ainda maior. Talvez esse recurso de manter a voz da personagem dentro da descrição feita pelo narrador tenha sido uma maneira de colocar o leitor em contato com as opiniões mais fortes de uma personagem que não deixava transparecer o que pensava ou sentia.

—というのであったが、妙子は妙子で、兄さんが雪姉ちゃんのために証を立てて上げるのは当たり前だけれども、私の名を出さないでも済ませる方法もあったろうではないか、相手は小新聞なのだから何とか手を せば伏せてしまうことができたろうものを、兄さんはそういう場合にお金を吝しむからいけない—と、これはその時分から云うことがませていた。 (TANIZAKI, 1983, p. 19-20)

Por seu lado, Taeko achou natural que o cunhado defendesse Yukiko. Mas não teria havido meio de se fazer tudo isso sem envolvê-la? Afinal, o jornal em questão era de segunda, e jeito de abafar o caso havia, bastava fazer um pequeno acordo financeiro... Mas o cunhado era sovina, aí estava o problema, reclamou Taeko, mocinha esperta e petulante desde essa época. (TANIZAKI, 2005, p. 24)

Na mesma passagem, o narrador expõe também a voz de Taeko e, mais uma vez, reforça suas características negativas, empregando-lhe qualificativos como “petulante”. Além disso, ao passo que Yukiko, num momento raro de explosão, usa termos como “arbitrário”, Taeko refere-se ao cunhado como “sovina”, indo direto ao ponto, sem meias palavras.

「いやとは云ってえへんけど、.....ま、昨日来て今日明日のうちに
見合いしょうて、そばい軽々しゅう抜われとうないいうのんが、ほん
とうのことやないやろか。何せはつきり云うてくれへんさかい分から
へんねんけど、もうちよとその人のこと調べてからでもええやないか
云うて、何ぼすすめても行こういうこと云うてくれへんねん」
(TANIZAKI, 1983, p. 32)

- Não está exatamente recusando, mas...acho que quer ser tratada com maior seriedade. Afinal a senhora Itani veio ontem e já queria marcar o encontro pra hoje, entende? Mas não sei direito se é isso mesmo, pois Yukiko nunca diz claramente o que pensa...Só disse que devíamos antes levantar mais informações sobre o candidato. Insisti muito, mas não consegui fazê-la concordar com esse encontro.
(TANIZAKI, 2005, p. 35)

No excerto acima podemos observar como as irmãs descreviam o jeito de ser de Yukiko. Ela sempre usava de evasivas, não fazia questão de expor sua opinião, como se não estivesse envolvida na situação. Parecia não só não se incomodar com a condição de solteira, como também não demonstrava interesse pelo assunto.

「どうしょう、どうしょう」
と、幸子は鼻を鳴らしたが、雪子はまるで他人事のように澄まし込んでいた。
「な亜、雪子ちゃん、どない云うところ」
「どないなと云うといて」
「そうかで、あの人、あんじょう云うわなんたら承知しやはれへんねん」
「そこのこと、ええように頼むわ」
「そんなら、とにかく、明日のとこだけ見合いせてもろとくわな」
「ふん」
「ええやろう、それで」
「ふん」
立っている幸子には、坐って下を向いている雪子の表情を、どうにも読み取りようがなかった。(TANIZAKI, 1983, p. 33)

– E agora? E agora? Que faço? - gemeu Sachiko.
 Yukiko, porém, parecia a tranquilidade personificada, e agia como se nada lhe dissesse respeito.
 – Yukiko, meu bem, o que digo a essa mulher?
 – Diga o que você quiser.
 – Mas você sabe muito bem que ela não vai aceitar qualquer desculpa...
 – Pois então, explique com jeito.
 – Seja como for, desmarco o encontro previsto para amanhã. Está bem assim para você?
 – Hum...
 – Concorda com isso?
 – Hum...
 Sachiko não conseguia ver o rosto da irmã, que se sentava cabisbaixa a seu lado. (TANIZAKI, 2005, p. 39)

Neste diálogo entre Sachiko e Yukiko podemos ver claramente o desinteresse da futura noiva em dar continuidade aos preparativos de mais um encontro com um possível pretendente. Ela deixa tudo nas mãos da irmã – “Diga o que você quiser” – , além de responder apenas com alguns sons – “hum...” –, indicando uma provável concordância.

「雪子さんは、白葡萄酒がお好きなんですか。」
 雪子は笑いに紛らして俯向いてしまったが、
 「はあ、コップに一杯二杯ぐらい。.....」
 と、幸子が云って、(TANIZAKI, 1983, p. 77)

– Gosta de vinho branco, senhorita?
 Yukiko apenas sorriu e baixou a cabeça.
 – Ela é capaz de tomar uma ou duas taças – respondeu Sachiko pela irmã. [...] (TANIZAKI, 2005, p. 69)

Durante os *miai*, Yukiko tinha sua timidez intensificada e, muitas vezes, a irmã acabava tomando a frente e respondendo por ela para evitar situações constrangedoras. O que poderia parecer charmoso ou referência à sua personalidade séria e reservada, por vezes fugia do controle e Yukiko acabava por transmitir uma imagem não muito agradável.

Percebemos, então, que o narrador em terceira pessoa no romance estudado nos dá acesso a alguns pensamentos das personagens, mas privilegia alguns pontos de vista. Por outro lado, sua voz dá dicas a respeito do modo de ser

daqueles que não têm a fala tão explorada, como Yukiko, personagem de destaque, mas que não raro se cala diante de situações chave no decorrer da narrativa.

Em suma, o narrador nos dá ferramentas para entender o universo das personagens, ainda que na maior parte da narrativa sua voz esteja possivelmente por trás das ideias e opiniões de uma personagem específica, Sachiko, a qual também pode ser identificada como voz e olhar da sociedade japonesa da época.

III. Considerações finais

Em meio a um Japão em transformação, absorvendo e digerindo uma série de transformações e novos elementos, a história da família Makioka se desenrola de forma poética em meio à conservação de alguns elementos e quebra de comportamentos e ciclos que iam perdendo espaço.

As quatro irmãs, Tsuruko, Sachiko, Yukiko e Taeko, representam, em suas particularidades e características mais gerais, como a sociedade japonesa recebia e assimilava o momento histórico pelo qual o Japão passava desde o contato maior com o ocidente a partir da Restauração Meiji. As irmãs faziam parte de um nicho específico da sociedade, uma família tradicional da região de Osaka, ainda renitente em relação a algumas trocas e transformações, apresentando mesclas e contrastes dentro do grupo familiar, ampliando para o círculo mais próximo de amigos e outros parentes até chegar num contexto mais amplo. Portanto, representam de forma significativa a situação da mulher japonesa, de uma das várias mulheres do Japão moderno e, também, do indivíduo com seus questionamentos e anseios diante de uma época conturbada enquanto cidadão do Japão e do mundo.

Por meio da contextualização do momento narrado no romance, bem como da vida e obra de Jun'ichiro Tanizaki, é possível delinear o cenário dos acontecimentos, primeiro passo para compreender o cotidiano, atividades e desejos da família, mais especificamente das quatro irmãs. O autor também vivera o impacto do Japão em choque com outras culturas, absorvendo influências de conceituados autores e de correntes literárias da época, somando à tradição japonesa num momento posterior.

Continuando o caminho, uma breve análise das personagens que estavam no entorno das irmãs nos faz enxergá-las por outro prisma, por meio do olhar do outro e das relações travadas. Cada uma das personagens, seja parte da família, seja um amigo ou conhecido, seja um *affair* ou pretendente a noivo, cada um pode refletir a imagem e comportamento das Makioka, visto que o indivíduo se forma de múltiplas partes, também do resultado do contato com o outro.

Sobre as irmãs, num primeiro momento, a análise pode assumir um caráter

mais simplista, se levarmos em consideração apenas o que está na superfície de cada uma delas. Contudo, a partir de um olhar mais sensível, que capta a essência das irmãs como ser humano, suas virtudes e falhas, como qualquer pessoa, complexa em função dos detalhes que compõem sua totalidade.

Tsuruko, a primogênita, a personagem que supostamente simbolizaria o alicerce mais profundo da tradição familiar é aquela que, como o grou, lança vôo e vai construir uma nova fase de sua vida em outras terras. Rompe com a manutenção das aparências que a família cultivava pelo peso de seu nome em sua região.

Sachiko, a bela irmã, que vivenciava um casamento estável com um homem que a admirava e que representava, assim como seu nome, a felicidade em um vida nos moldes esperados. Sentia-se envaidecida por sua presença marcante, mas ao mesmo tempo a alcunha de tradicional senhora de Osaka a incomodava no íntimo. Assumiu a responsabilidade pela busca de um pretendente para Yukiko e procurava acompanhar os passos de Taeko, sempre preocupada com o equilíbrio familiar. Mas não se pode afirmar que tivesse a vida tão bem resolvida e feliz que poderiam supor.

A terceira irmã, como que deslocada na família, tendo seu futuro discutido e dirigido pelas irmãs, apresentava uma aura obscura que a envolvia. Yukiko pouco verbalizava o que pensava ou sentia, parecia se deixar levar de acordo com o que os mais velhos decidiam, no entanto, os anos iam se passando e seu papel de boa esposa de família tradicional não dava mostras de chegar, de fato. Fisicamente era considerada uma beleza clássica, frágil e esguia. Silenciosa e reservada, seu recato parecia casar com a aparência, formando uma futura esposa perfeita, bela e submissa. Entretanto, o que existia além da superfície era uma mulher de gostos próprios, poucas palavras, mas que não cedia ao que não lhe agradasse. Em determinado momento, a própria família a via como manipuladora da situação, vivendo a vida como bem lhe convinha, até quando conseguisse se desvencilhar do futuro aparentemente inevitável. Assim como a neve fina, que persiste, Yukiko poderia ser o fio de tradição em meio ao novo, mas também pode ser lida como a resistência em cumprir padrões que já demonstravam mostras de defasagem num período nitidamente de transformação.

Taeko, por sua vez, a irmã moderna, de aparência e atitudes ocidentalizadas. Busca mais autonomia para sua vida, seja na escolha do próprio noivo, seja na possibilidade de ter uma profissão que lhe fornecesse estabilidade financeira. Taeko

remava contra a corrente das tradições familiares mais basilares, mas ao mesmo tempo não se desligava de modo efetivo. Continuava aguardando o casamento de Yukiko, ainda que se relacionasse com outros homens. Não partia, de fato, para a França onde planejava estudar para se profissionalizar, apesar de ter uma atividade que lhe rendesse algum dinheiro. Mesmo que fosse a que mais expusesse as influências do ocidente, não concluía de forma decisiva o que buscava. Acabou isolada da família, de algum modo, desligada da tradição familiar contra a qual se posicionou desde o início.

As quatro, apesar de características diferentes, tinham em comum o fato de serem todas personagens complexas, cuja análise pode ir além do que está exposto na superfície. Não há modelos claramente definidos, nem elementos exatamente positivos ou negativos em cada uma delas. Mas sim, uma mescla de características, que poderiam mudar de acordo com as situações a que eram expostas. São parecidas na proporção em que se assemelham a pessoas reais, com altos e baixos, aspectos não só positivos ou negativos, mas acima de tudo variáveis. São todas heroínas, ainda que o foco recaia muitas vezes sobre Yukiko, cujo casamento guia a narrativa. São todas representantes de um mundo em transformação, com anseios, desejos ocultos, virtudes e falhas.

Não há unilateralidade quando se fala das irmãs Makioka. Não se pode defini-las somente por meio de um ponto de vista e esta pode ser a intrigante essência da beleza do romance escrito por Tanizaki. A veracidade, a identificação do leitor, mesmo o leitor atual, ainda que a narrativa explore um contexto de muitas décadas atrás. É possível vivenciar o drama de cada uma, os altos e baixos de uma sociedade na qual as escolhas pessoais buscavam seu espaço, numa país que priorizava o coletivo. As irmãs Makioka são mais humanas que muitas outras personagens da literatura japonesa. Não apresentam nenhuma característica que as diferencie de modo gritante, mas sim uma humanidade maior, que as aproxima do público.

Referências bibliográficas

ASAMI, Fukashi. **Sasameyuki no sekai** (O mundo de Sasameyuki). Tokyo:1949

ATKINSON, William. **Wrapping the Hole in the Middle of it all: Tanizaki's Narrative Packages**. College Literature, vol. 30, n. 3 (summer, 2003), pp. 37-51. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/25112737>> Acesso em 13/05/2010 21:28.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. **À sombra das maiorias silenciosas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a vida social. In: **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

_____. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005

GANGLOFF, Eric J. **Tanizaki's use of traditional literature: A comparison of Manji and Shinju Tenno Amijima**. The Journal of the Association of Teachers of Japanese. Vol 11, n. 2/3 (May- Sep. 1976), pp. 217-234. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/489464>. Acesso em: 10/05/2010 21:30.

GLUCK, Carol & GRAUBARD, Stephen R. Editors. **Shôwa – The Japan of Hiroito**. New York: W.W. Norton, 1992.

GORDON, Andrew. **A Modern History of Meiji**. New York: Oxford University Press, 2009.

GRANJA, Lúcia. **Machado de Assis, escritor em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

HANE, Mikiso. **Modern Japan – A historical Survey**. Oxford: Westview Press, 1992.

HASEGAWA, Izumi. **Kindai nihon bungaku shichôshi** (História das correntes literárias japonesas modernas). Tokyo: Shibundô, 1974. (Corrente estética Tanbi p.54-64)

_____ “Dainisetsu tanbishugino bungakuron” (Sub-item 2 Teoria da literatura da corrente Tanbi). In: Hasegawa Izumi. **Kindai nihon bungaku hyôronshi** (História das críticas literárias japonesas modernas). Tokyo: Yûseitô, 1958. p.40-43.

HENSHALL, Kenneth G. **A history of Japan: From stone age to superpower**. História do Japão. 2ª edição. Tradução: Victor Silva. Lisboa: Edições 70. p. 77-185

HIBBETT, Howard. **Tradition and Trauma in the Contemporary Japanese Novel**. Dedalus, Vol. 95, No. 4, Fiction in Several Languages (Fall, 1966), pp. 925-940. Published by: The MIT Press on behalf of American Academy of Arts & Sciences. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20027010>>. Acesso em 10/05/2013.

HIJIYA-KIRSCHNEREIT, Irmela: **Rituals of Self-Revelation: Shishosetsu as Literary Genre and Socio-Cultural Phenomenon**; Harvard University Press, 1996.

HOBSBAWN, Eric Terence Ranger. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLANDA, Lourival. **Sob o signo do silêncio**. Vidas Secas e O Estrangeiro. São Paulo: Edusp, 1992.

ICHIKO, Teiji (Editor). Zôteiban. **Nihon bungaku zenshi. 6 gendai** (História completa da Literatura Japonesa. V. 6 Contemporânea). Tokyo: Gakutosha, 1994. (Edição revista e ampliada)

KATO, Shuichi. **Tempo e espaço na cultura japonesa**. Tradução de Neide Hissae Nagae e Fernando Chamas. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

KATSUMI (orgs.) **Nihon Bungakushi Gaisetsu. Kindai hen**. (Literatura de Taishô. In: Resumo da história da literatura do Japão. Época Moderna). Tokyo: Yûseito. (p.

99-101)

KEENE, Donald. **Emperor of Japan – Meiji and his world, 1852-1912**. New York: Columbia University Press Books, 2002. pp. 391-402.

KIKUCHI, Wataru. **Sociedade japonesa: base estrutural das relações sociais**. In: Estudos japoneses n. 24. p. 107-124.

_____. **Papeis sociais e a dinâmica interpessoal na sociedade japonesa**. In: Estudos Japoneses n.25. p. 81-95.

KÖNIG, René. **Sociologia de la Moda**. Buenos Aires: Ediciones Carlos Lohlé, 1968.

KUNIYOSHI, Celina. Japonismo. In: **Imagens do Japão – uma utopia de viajantes**. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.

MASCITELLI, Juliana Saito Pinheiro. **Elementos ocidentais no vestuário japonês em *As irmãs Makioka* de Juníchiro Tanizaki**. In: II ENCONTRO DE PÓS-GRADUANDOS EM ESTUDOS JAPONESES, 2013. São Paulo. *Anais...*São Paulo: Humanitas, 2014. ISBN: 978-85-7732-245-9. p.57-68

_____. **Análise de Taeko de *As irmãs Makioka* – Juníchiro Tanizaki**. XXXIII Enpullcj e X Ciej no Brasil, UFRJ 2014. p. 224-256.

MIYOSHI, Y; TAKEMORI ,T.; YOSHIDA , N; ASAI, K. Sasameyuki. In: **Nihon gendai bungaku dai-jiten: Jinmei, Jikō hen** ; [Vol. 2], Sakuhin hen (Enciclopédia da literatura contemporânea do Japão) . Tokyo: Meiji Shoin, 1994. p.356.

MONZANI, João. **O Narrador na Teoria Literária Japonesa dos anos 1980**. In: II ENCONTRO DE PÓS-GRADUANDOS EM ESTUDOS JAPONESES, 2013. São Paulo. *Anais...*São Paulo: Humanitas, 2014. ISBN: 978-85-7732-245-9. P.69-88

NAGAE, Neide Hissae. **De Katai a Dazai: apontamentos para uma morfologia do Romance do Eu**. 2006. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

NAKAMURA, Mitsuo. **Japanese Fiction in the Taisho Era**. Tokyo: Kokusai Bunka Shikokai, 1968.

NAKAMURA, Takafusa. **A history of Shôwa Japan, 1926-1989**. Tokyo: University Tokyo Press, 1993.

_____. **Tanizaki Jun'ichirô ron**. (Estudos sobre Jun'ichirô Tanizaki) In: NAKAMURA, Mitsuo. *NAKAMURA MITSUO ZENSHÛ DAI YON KAN*. (*Obras Completas de Mitsuo Nakamura*. V. IV). Tokyo: Chikuma Shobô. 1971. p.189-320.

NAKANE, Chie. **Tateshakaino ningenkankei** (O relacionamento humano numa sociedade verticalizada). Tokyo: Kodansha, 1967. 189 p. Shinsho 105.

_____. **Japanese society**. Los Angeles: University of California Press, 1974.

NISHIGAKI Tsutomu. Taishô zenki no bungaku. In: **Hiraoka, Toshio & Tôgô OHNO**, Massao. **Centenário da imigração japonesa no Brasil**. São Paulo: Editora Escala, 2008.

OKAMOTO, Mônica Setuyo. **Madame Chrysanthème, de Pierre Loti – uma leitura francesa do Japão**. Estudos Japoneses, nº22. São Paulo, 2002. pp 85-91.

_____. **Breve análise dos reflexos da Segunda Guerra Mundial nas obras literárias japonesas**. In: Estudos Japoneses n.27, 2007. pp.139-146.

ORIKUCHI, Shinobu. Sasameyuki no onna. In: **Gendai nihon bungaku zenshuu vol. 71. Tanizaki Jun'ichiro Shuu II**. Tokyo: Chikuma Shobo, 1956. p.411-416.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**. No movimento dos sentidos. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

REVISTA HISTÓRIA VIVA: **Japão 2- Abertura para o ocidente**. São Paulo: Duetto Editorial, 2008.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAKAIYA, Taichi. **Japão – As duas faces do gigante**. Lisboa: Difusão cultural, 1993

SATO, Barbara. **The New Japanese Woman**. London: Duke University Press, 2003.

SEIDENSTICKER, Edward. **Tanizaki Jun'ichiro, 1886-199-65**. Monumenta Nipponica, Vol. 21, No. 3/4 (1966), pp. 249-265. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2383372>> Acesso em: 13/05/2010 21:27

SLADE, Toby. **Japanese Fashion – A cultural history**. New York: Berg, 2009.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas – A moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TAKEHIKO, Noguchi. **Time in the world of Sasameyuki**. Translated by Teruko Craig. Journal of Japanese Studies, Vol. 3 no 1 (Winter, 1977). Pp.1-36 .Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/132011>> .Acesso em 10/05/2013

TANAKA, Michiko. Coord. **Historia Mínima de Japón**. México: El Colegio de México, 2011. p. 181-252.

TANIZAKI, Jun'ichiro. **Amor insensato**. Tradução de Jefferson José Teixeira. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____**As irmãs Makioka**. Tradução Leiko Gotoda...[et al.]. 2a edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

_____**Childhood Years – A memoir**. Tradução de Paul McCarthy. Primeira edição. New York: Kodansha International, 1988.

_____**Em louvor da sombra**. Tradução de Leiko Gotoda. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____**Há quem prefira urtigas**. Tradução de Leiko Gotoda. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____**Sasameyuki**.Tokyo: Chuoo Bunko, 1983.

_____**Voragem**. Tradução de Leiko Gotoda. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TANIZAKI JUN'ICHIRO ZENSHU. (Obras completas de Jun'ichirô Tanizaki). Geppou - 11 09/1967. Geppou - 15 01/1968 Ed. Chûokoron.

YAMASHIRO, José. **Japão: passado e presente**. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 3ª edição, 1997.

Referência de sites

<http://afashionableexcuse.wordpress.com>